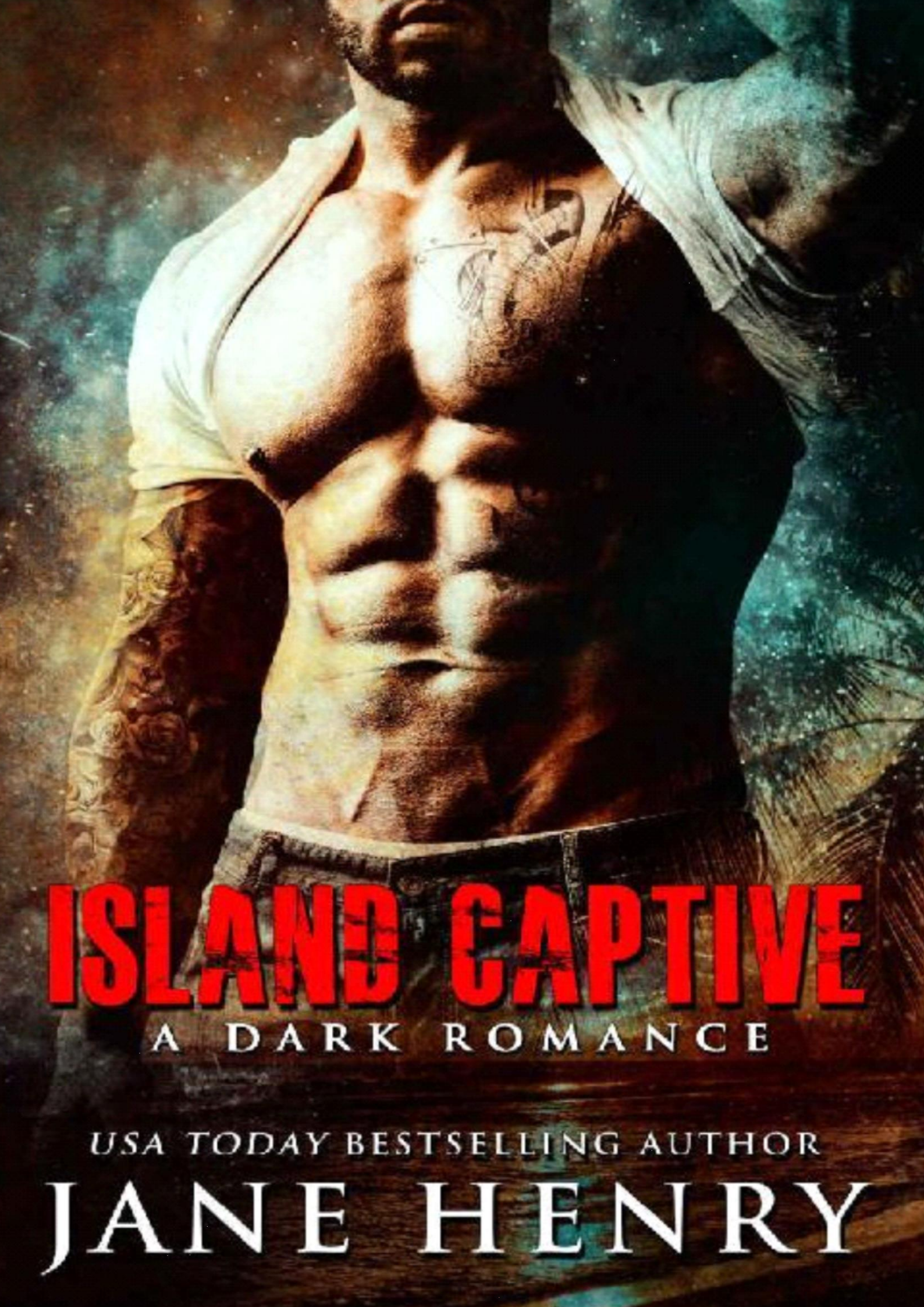
ISLAND CAPTIVE
A DARK ROMANCE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JANE HENRY

Staff

MORERADORAS

Rainha das sombras, Lilly Draconi & Meghan Williams

Tradução – Rainha das Sombras
Revisão Inicial – Ana Ferreira
2° Revisão Inicial – Rainha de Gelo
Revisão Final – Andressa Queen
Leitura Final – Criss Queen
Conferência – Flávia A.Queen
Formatação – Rainha das Sombras

Disponibilização – Queens Of Shadows

2019

Avisos

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Fui contratada para prender um monstro, um Dom que tinha sido condenado à pena de morte por assassinar sua submissa. Eu vi do que ele é capaz e as imagens vão me assombrar para sempre. Eu jurei que não pararia por nada até colocá-lo atrás das grades.

Mas então nosso avião de volta aos Estados Unidos cai.

Nós somos os únicos dois sobreviventes.

E o monstro vai me fazer desejar que eu morresse junto com o resto da tripulação.

Capítulo Um

Nadine

O calor sobe da terra banhada pelo sol, enquanto finjo ser uma civil normal que não está buscando o sangue de um condenado fugitivo. Eu pego uma pilha de vegetais verdes e frouxos na minha mão no mercado e levanto uma sobrancelha para o homem parado do outro lado da banca. Seus pequenos olhos me observam tocar suas mercadorias. Ele está cobrando duas vezes o que valem, porque sou uma mulher branca, então, foda-se isso. Minha missão me deixou nervosa e irritada e não tenho paciência para essa besteira.

Não há como ele negociar comigo. E não preciso disso de qualquer maneira, então estou fora daqui. Coloco os vegetais de volta na pilha e me viro. “Tenha um bom dia do caralho.”, murmuro sob a minha

respiração, ignorando a maneira como ele implora para eu voltar e negociar, alto o suficiente para chamar a atenção de algumas mulheres e crianças próximas que me observam com os olhos arregalados.

Eu chamo a atenção do meu parceiro quatro bancas a frente. Com sua pele e olhos escuros, ele se mistura melhor do que eu com a minha pele branca pastosa. Eu poderia passar por uma turista. Ele, no entanto, combina perfeitamente com os locais. Conveniente quando precisamos fazer perguntas, e, diabos, temos perguntas. Carlos me lança um queixo levantado, um sinal de que procederemos como de costume e nos encontraremos em nosso apartamento alugado acima do mercado. Ele não conseguiu mais informações do que eu. Eu sorrio. Pelo menos ele tem uma braçada de legumes.

Se eu não tivesse treinado para nunca baixar a guarda, para nunca relaxar verdadeiramente, mesmo em meu sono, eu poderia sentir sua falta. Mas o reconheço assim que ele entra na minha visão periférica, porque o estudei com precisão cuidadosa e hipnotizante.

Passei incontáveis horas sem dormir memorizando cada centímetro da aparência física deste homem antes de embarcar em um avião para caçá-lo. Eu o procurei por meses, para colocá-lo de volta

atrás das grades, meu principal foco de vida, até que tudo que eu podia fazer era me dedicar a encontrá-lo.

Eu sei que a cicatriz prateada que corre ao longo do seu pescoço é maior do que a palma da minha mão. Sei que aquela tatuagem tribal negra que aparece debaixo da sua camisa é, na verdade, uma tatuagem completa que cobre cada centímetro das suas costas largas e musculosas e envolve a frente do seu torso.

Sei que o nome dele é Adrian Barone, embora ele esteja usando outro nome aqui. Eu sei que ele cresceu do lado errado do Bronx, trinta e sete anos atrás, o mais velho de seis filhos criados em extrema pobreza até que o seu pai solidificou as conexões da máfia. Sei que ele cumpriu três anos de prisão perpétua antes de fugir. Sei que os olhos dele são tão escuros que são quase pretos, ele tem cicatrizes no pescoço, nas costas e nas pernas, além de ter uma visão perfeita. Seu tipo de sangue é A negativo e ele ainda tem todos os seus dentes siso.

Antes que eu termine com ele, vou conhecer o tom da sua voz, o jeito que ele cheira e os sons que faz quando grita.

Mas primeiro tenho que capturá-lo.

Eu não deixo transparecer que o vi. Não há como ele me esperar aqui, mas é melhor que eu mantenha a calma até que o Carlos esteja aqui para a captura. Se eu estragar tudo, nunca vou me perdoar.

Eu tento pegar o olhar de Carlos, que está conversando com uma nativa bonita, seminua, sentada em um banco nas proximidades. Vou chutar a sua bunda. Ele faz um movimento, aproxima-se dela e acena, encorajando-a a continuar sua história. Ele está de costas para mim e pode estar fazendo planos para encontrá-la hoje à noite, pelo que sei, já que o sinal de um minuto atrás significava que efetivamente me dispensou. Eu deveria estar no apartamento agora.

Pego meu telefone para mandar-lhe uma mensagem, caminhando o mais rápido que posso para não perder o homem, mas não rápido o suficiente para despertar suspeitas. Tenho que jogar isso seguro. Ele está andando na direção oposta de Carlos, então não há como eu pegar meu parceiro e chamar sua atenção.

Olho para o meu telefone e vejo o texto ficar suspenso. Claro. Apenas quando realmente preciso que a maldita coisa funcione, não coopera. Enfio meu telefone no bolso e pego o meu ritmo. Além do mercado, há um conjunto de prédios repletos de mulheres e crianças e,

logo quando os homens voltarem do trabalho, encontrar uma pessoa se tornará impossível.

Eu dou um último olhar na direção de Carlos. Ele está completamente alheio a mim, a adorável nativa praticamente está sentada no seu colo. Filho da puta. Eu vou chutar suas bolas quando colocar minhas mãos nele.

Estou indo sozinha.

Um pequeno grupo de crianças pula corda à minha esquerda. Saio ao redor delas, mas conforme acelero meu ritmo, uma delas tropeça e vai se esparramando. Puxo o garoto pelas axilas e o coloco em pé. “Você está bem?”, eu pergunto em inglês, acenando com a cabeça. *Sim, sim, você está bem, agora saia da porra do meu caminho.*

Eu praticamente empurro o garoto para o lado e quando olho para cima não vejo nenhum traço dele.

Merda.

Eu entro em um trote, deixando cair a fruta que comprei no estande, os sons das crianças gritando quando a pegam rapidamente desaparecendo. Meu pulso acelera, meus pulmões se contraindo

enquanto inalo o ar úmido e tento correr mais rápido. Viro à esquerda em um prédio e paro quando percebo que estou no topo de uma longa e sinuosa escadaria em espiral, mal iluminada por uma lâmpada nua. Pego um vislumbre dele abaixo, a luz pegando a cicatriz prateada em seu pescoço e refletindo. Ele está abaixo de mim agora, ainda inconsciente de que está sendo seguido, mas três escadarias abaixo do mercado principal, descendo na escuridão de uma escada que leva ao subsolo.

De jeito nenhum.

A escada em espiral termina em um pátio de três metros abaixo. Uma vez que ele desapareça pelas escadas que levam a incontáveis quartos e portas, nunca o encontrarei.

Leva uma fração de segundo para tomar minha decisão. Com uma onda de adrenalina que quase me deixa nauseada, agarro o corrimão, me arrojo na borda e pulo, os gritos daqueles que me viram mergulhando na corrente de ar me rodeiam enquanto caio. Seguro meus braços e pernas apertados quando caio, aterrissando em meus pés como um gato. A dor passa pelos meus calcanhares e panturrilhas, mas minha marca estava correta: estou ao alcance de Adrian.

Eu uso o choque momentâneo que registra em seus olhos para minha vantagem e agarro meu taser (arma de choque). Assim que ele se vira para correr, alinho meu alvo e puxo o gatilho. Ele congela, sacode e cai no chão. Eu treinei por uma década inteira e mesmo que ele me supere em 46 quilos ou mais, eu sou magra, ágil e cruel, '*petite belette',* a minha mãe me chamava, 'pequena fuinha'. Mesmo que ele esteja no chão e paralisado, me ajoelho acima dele, sem me importar realmente com a cabeça dele rachando na pedra com força suficiente para machucar, mas não para ferir.

As fotos que recebi no meu arquivo sobre Adrian chegaram com as fotos de Lori Arsenault, a mulher que ele assassinou. Elas eram lembretes vívidos do seu corpo mutilado e brutalizado que sofreu tormento antes que sua vida fosse tirada dela. Essas fotos me assombravam no meu sono e me seguiram até as horas de vigília. Dia e noite, não havia como fugir dessas imagens. A corda queimou onde ele amarrou seus pulsos e tornozelos. Contusões ao longo das suas coxas, costas e bunda onde ele bateu nela. Este é o filho da puta que a machucou.

Este homem violou uma mulher que confiava nele, a brutalizou e depois acabou com sua vida.

Eu nem sempre aceito trabalhos tão pessoais, mas a imagem do corpo brutalizado de Lori Arsenault me afetou mais do que eu esperava. Ela veio para a América como uma estudante estrangeira. Como minha mãe. Ela veio de Saint Paul de Vence, uma pequena cidade ao sul de Paris. A cidade natal da minha mãe.

Ela não é sua mãe, digo a mim mesma. Quer dizer, a garota era mais nova do que eu. Mas não posso argumentar com a raiva que alimenta a minha necessidade de machucá-lo.

Isso não é apenas um trabalho para mim.

Eu quero machucá-lo como ele a machucou.

Mas não sou uma caçadora de recompensas. Eu trabalho para o governo americano.

Isso não é o que me faz deixá-lo ir embora. Eu poderia me safar de assassiná-lo e ainda, mesmo agora, ser elogiada como uma heroína. Mas não.

Uma morte assim seria muito misericordiosa. Ele precisa sofrer antes de morrer.

Então, com uma torção do meu braço, deixo-o viver, mas tenho prazer em vê-lo desmaiar, batendo no chão embaixo de mim. Uma vez que estou confiante de que ele está apagado, pego o par de algemas que mantenho comigo e coloco rapidamente nos seus pulsos. Levantando com o esforço da queda, pego meu telefone e olho para ele, precisando de um sinal. Uma barra pisca e desaparece. Foda-se. Eu apertei o *botão* e dei um suspiro de alívio quando o estalo de uma campainha soou.

"Nadine?"

"Encontre-me no pátio, térreo.", eu respiro no telefone. "Eu o tenho algemado e inconsciente." Silêncio atordoado. Eu perdi a conexão?

"Carlos?"

"Estou aqui. Diga isso de novo?"

Repito meu comando, mas desta vez não me incomodei com as formalidades. "Porra! *Movimente-se!"*

Nosso prisioneiro não disse uma palavra para mim desde que Carlos nos encontrou e me ajudou a transportar seu enorme corpo para cima. Não foi tarefa fácil, mas, entre nós dois, conseguimos levá-lo para a cela que preparamos. A polícia local tem várias que deixaram a nossa disposição. Se viéssemos prender um nativo, eles teriam outras coisas a dizer, mas prender um criminoso americano é outra história. Eles nos dão tudo o que precisamos e nos mandam para o nosso caminho com repórteres fazendo perguntas que não responderíamos.

Embora Adrian não tenha dito nada, ele não precisa. Carlos correu suas especificações e confirmou que eu tinha apreendido o homem correto. Eu sabia que tinha, mas você joga pelo seguro quando trabalha para o governo. Então, agora que nosso criminoso está seguro e protegido, nós o levaremos de volta aos Estados Unidos para ser processado.

Há exatamente cinco de nós neste jato particular: Eu e Carlos, com Adrian entre nós e os dois pilotos na frente nos guiando para casa.

Odeio ter que seguir o protocolo. Ele ainda está sujeito ao devido processo e, merda, assim não posso bater na sua bunda quando o levo de volta. Eu gostaria de ter machucado ele mais quando o derrubei. Os

hematomas ao longo do queixo e da testa fazem pouco para saciar a minha necessidade de sangue.

No entanto, enquanto estamos no ar, não estou sujeita a tais leis. As coisas acontecem no transporte.

“Temos cinco horas.”, digo calmamente para Carlos.

Carlos pisca para mim e levanta uma sobrancelha em silêncio.

“Cinco horas antes de sermos responsáveis pela maneira como tratamos esse pedaço de merda.” Nosso prisioneiro não reage.

“Oh?”, Carlos pergunta.

“Chegaremos na América e não podemos puni-lo.” Quando chegarmos no Havaí, haverá uma cela e uma Corte esperando por ele.

Carlos acena sabiamente. “Verdade. Mas os pilotos poderiam saber o que fizemos e nos entregar.”

“Por fazer o quê? A autodefesa quando em pleno ar, se manteria no tribunal.”

“Eu não sei.”, Carlos começa. “Jesus, não é de se admirar que a sua mãe ligou...”

O avião a jato balança de repente para baixo em uma descida acentuada que faz o meu estômago apertar. Eu agarro os braços com tanta força que meus dedos ficam brancos. Eu pisco, me aperto, então respiro pelo nariz.

Apenas um pouco de turbulência, digo a mim mesma, mas o pensamento mal se forma na minha mente antes de começarmos a despencar. Dura apenas alguns segundos, mas o suficiente para me aterrorizar. Minha pele está em chamas, minha respiração é atormentada como se alguém tivesse uma sacola plástica na minha cabeça. Eu abro minha boca para respirar, mas não consigo. Estou tonta, vou desmaiar, mas não, estou muito chateada para perder a minha merda assim. Com um golpe cruel, abro a minha fivela e vou em direção à cabine de pilotagem.

"Nadine. Traga a sua bunda de volta aqui.", Carlos rosna. Eu olho para ele por ousar usar o meu nome na frente de um prisioneiro. Eu não gosto que os prisioneiros saibam o meu nome. Ele ignora a minha raiva, no entanto. "Sente a sua bunda e aperte os cintos.", diz ele. "Nós atingimos uma turbulência."

“Sem merda, Einstein.”, eu replico. Porra, porra. Quem ele pensa que eu sou?

Vou abrir a cabine, esquecendo por um momento que está sempre trancado por dentro quando decolamos. Não posso entrar lá, nem se eu tentasse. Rosno e volto para os assentos, meus olhos encontrando momentaneamente o nosso prisioneiro. Evitei contato visual com ele até agora, mas é como se eu fosse puxada por uma força de atração magnética que não posso controlar.

Seus olhos estão focados em mim, e quando olho para ele, ele permite que seu olhar vagueie lentamente pelo comprimento do meu corpo. Tento ignorar o jeito que me faz sentir. Eu o odeio. Eu odeio ele. Ele me despe com os olhos, uma torção lasciva dos seus lábios fazendo-me sentir de repente nua e exposta. Ele encontra o meu olhar mais uma vez, inclina a cabeça para o lado e levanta as sobrancelhas como se dissesse: ‘E agora?’

Filho da puta.

Não vou deixá-lo foder comigo.

Eu giro ao redor com o som da porta da cabine se abrindo. Os olhos do piloto olham para mim, arregalados e ele limpa a garganta. Ele é um cara baixo e corpulento, com uma careca com cabelos loiros e seus olhos azuis grandes e lacrimosos. “Temos um grande vazamento de combustível.”, diz ele. “Parece que o inspetor perdeu alguma coisa antes de sairmos. Não há outra explicação do porque perdemos combustível tão rapidamente.”

Parece que por um minuto estamos suspensos em algum tipo de realidade alternativa. Eu não consigo entender o que ele está dizendo.

Perder combustível? Nós perdemos combustível. *Porra.* Isso significa que não chegaremos ao solo americano às 3 da manhã como havíamos planejado.

Jesus.

“Temos o suficiente para voltar?”, eu pergunto, já sabendo a resposta.

“Não, oficial.”, diz ele, balançando a cabeça. “Nem perto o suficiente para voltar à nossa decolagem e nem o suficiente para chegar

ao nosso destino. Na verdade, nossa única chance de sobrevivência é um pouso de emergência."

Carlos jura atrás de mim. Nosso prisioneiro, no entanto, começa a rir. Porra, ele ri. Eu pisco, tentando processar isso e ignoro a sua risada sádica, e por um minuto ridículo suspeito que ele fez isso.

Viro um olhar acusador para ele, mas ele apenas ri. Não tem jeito. Não há nenhuma maneira que ele poderia ter causado isso.

"Pouso de emergência onde?", eu pergunto.

"Estamos descobrindo agora.", diz ele, voltando-se para a cabine. Eu sigo.

"Cristo.", eu rezo sob a minha respiração.

"A ilha mais próxima é pequena demais e com florestas para pousar, então nossa melhor opção é pousar o mais próximo possível da costa."

Porra. Isso significa que estamos pousando *na porra da água.* Alguém colocou um elástico em volta dos meus pulmões, eles estão subitamente apertados e eu não consigo ar suficiente. Os pilotos nem

percebem que estou lá, quando começam o protocolo de emergência. Gerry, ou qualquer que seja o nome do cara loiro, pega seu controle remoto e aperta um botão.

Gerry fala no rádio: “Oakland Oceanic, Gulf Stream 563. Emergência.”

Uma resposta rouca vem do outro lado. Por um breve momento estou esperançosa. Ele alcançou alguém. Talvez eles possam nos alcançar? Então me lembro de estarmos sobrevoando o azul infinito no Pacífico, e nada menos que um milagre nos pegaria agora.

Uma resposta vem em uma voz rouca. “Gulf Stream 563, natureza do estado de emergência, almas a bordo, combustível a bordo, localização e intenções.”

“Gulf Stream 563 é 06 33 decimal 01 norte, 162 36 decimal 05 oeste. Temos cinco almas a bordo, uma hora de combustível restante e um forte vazamento de combustível. Nós estamos procedendo direto 08 39 decimal 14 norte, 162 32 decimal 30 oeste. Vamos tentar um pouso na água no lado sul da ilha.”

Espero pela resposta. Todos nós fazemos. Mas nada vem.

Eles nos ouviram? Alguém já ouviu o nosso pedido de ajuda?

“Sente-se, por favor, oficial.”, diz Gerry.

“Eles ouviram você?”

Sua mandíbula aperta. “Eu não faço ideia.”

Por vinte minutos eu sento e meus dedos se torcem de ansiedade, ignorando a maneira estoica em que o nosso prisioneiro fica ereto. Carlos resmunga preces em espanhol.

Nós não falamos. Não há nada a dizer. Este avião está indo para baixo e se sobrevivermos ou não, está fora do nosso controle.

“Existe alguma coisa que podemos fazer para evitar lesões no impacto?”, Carlos grita para a cabine, mas a porta se fecha.

Eu olho para a porta, com as minhas mãos nos meus quadris.

“Sente-se.”, Carlos rosna. “Pelo amor de Deus!”

“Me sentar? Você perdeu completamente a sua cabeça?”, pergunto-lhe. Não espero por uma resposta, pois estou me certificando de que todos nós tenhamos coletes salva-vidas. Não precisaremos de

máscaras de oxigênio, a menos que a pressão da cabine caia, mas elas devem ser acionadas se isso acontecer.

"Coloque isso nele.", diz Carlos, agitando-o para Adrian.

Eu olho para ele, a imagem da mulher brutalizada vem à mente. Eu deveria ajudá-lo? Mas então lembro. Se eu não o ajudar, ele poderia morrer. E como vou vê-lo punido se ele estiver morto?

Carlos não responde, então, sem uma palavra, puxo um colete sobre a minha cabeça, o laranja gritante ilumina o interior da cabine azul e preto. Parece tão frágil, muito frágil para salvar a vida de alguém. Há um lugar onde puxo para inflar isto, mas não devo puxar isto até que nós batemos na água. Entrego ao Carlos um colete salva-vidas, mas não posso entregar para o nosso prisioneiro, porque ele está algemado.

Eu me inclino e ignoro o jeito que as minhas mãos tremem e as minhas palmas ficam úmidas quando me aproximo dele. Ele é maior, mais forte e mais musculoso do que eu me lembrava do momento em que o toquei. Ele é enorme, tão grande que ele poderia me pegar com uma mão e me partir em duas.

Eu gostaria de vê-lo tentar.

“Me desalgeme.”, Adrian rosna. É a primeira vez que ele fala. Sua voz é sombria e arenosa como cascalho e piche, carregando consigo uma vibração assustadora e dominante. “Quando pousarmos, você precisará da minha ajuda. E se eu for o único outro sobrevivente e você não puder encontrar essa chave, você desejará ter feito.”

“Boa tentativa.”

Eu olho para ele, abro e vou colocar o colete, mas quando o faço, ele rapidamente vira a cabeça. Eu pulo, ofegante, esperando que ele me morda e quase derrubo o colete quando sua língua bate no meu pulso, preguiçosamente lambendo a pele macia. Eu amaldiçoo, recuo como se sua boca fosse fogo, a umidade da sua saliva na minha pele fazendo náuseas rolarem no meu estômago.

“Seu filho da puta.”, rosno e sem pensar nisso, bato a minha mão diretamente na sua bochecha.

“Nadine!”, Carlos repreende, olhando para mim bruscamente. Como se eu desse a mínima! Estamos pousando um jato com um assassino procurado. Não é hora de ser politicamente correta.

Adrian só me lança um sorriso lascivo, revelando dentes brancos perfeitamente retos. Eu tremo involuntariamente e jogo o colete para o Carlos.

“Se você *me* lamber, vou enrolar as suas bolas.”, Carlos murmura, virando-se para Adrian. Ele coloca o colete, mas Adrian só fica lá mansamente.

Filho da puta.

O avião desce e eu tropeço para frente, batendo a minha cabeça na parede. Pisco, tentando limpar a minha visão cheia de estrelas, a voz de Carlos vindo de muito longe, como se ele estivesse em um túnel.

“Pelo amor de Deus, Nadine. Sente a sua bunda!”, diz ele. Eu faço o caminho de volta, mas estou caindo, tropeçando na cabine como uma bola de palha na pradaria, selvagem e imprudente. O corpo do nosso prisioneiro corre o mais longe que pode ir, como se quisesse me alcançar e pegar alguma coisa, mas ele está preso e algemado, então não tem como ele me ajudar. Digo a mim mesma que é o medo que faz o meu cérebro irracional, imaginando coisas que não podem ser. Finalmente, caio no meu lugar e aperto a fivela, esticando a cabeça para

olhar pela pequena janela. Estamos tão perto do oceano que agora posso ver as manchas de espuma e as pedras furiosas lá embaixo.

Você vai morrer. É isso, penso comigo, fechando os olhos e me preparando para o impacto. Tento deixar que a cadência das preces confusas de Carlos me acalme em uma espécie de aceitação do meu destino, mas a risada lasciva e rouca do nosso prisioneiro torna isso impossível.

Esta não é a aterrissagem que eles planejaram. Isto não é o que deveríamos fazer. Nós batemos na água, o som de metal sendo arrancado e gritos são as últimas coisas que eu ouço antes de perder toda a consciência.

Muita dor.

Tanta escuridão e muita dor. Minha cabeça lateja como se tivesse sido golpeada com um taco de beisebol. O joelho irradia tanta dor que me pergunto brevemente se perdi um membro. O pensamento faz meu

estômago apertar, enquanto lentamente, dolorosamente, relutantemente recupero a consciência.

Meu primeiro pensamento é: *sobrevivi.*

O segundo pensamento é: *quanto estou ferida?*

E o terceiro: *alguém mais conseguiu isso?*

Eu tento abrir meus olhos, mas minhas pálpebras estão demasiadamente pesadas. É como se elas estivessem presas no lugar com supercola. Eu não posso abri-las. Minha cabeça lateja com uma dor surda e algo quente e úmido escorre pelo meu rosto. O cheiro metálico me avisa que é sangue. Meu ou de outra pessoa?

Eu faço um balanço da dor que estou sentindo. Minha cabeça está me matando, tanto interna como externamente. A dor quente atinge a minha testa, confirmando que tenho uma ferida na cabeça, mas posso respirar. Concentro-me em respirar fundo e expirar, acolher a ascensão e queda do meu peito e ombros com o esforço de respirar. Isso é algo que ainda posso fazer. Posso não ser capaz de abrir os meus olhos, falar ou andar, mas posso respirar.

É um começo.

Tento entender os fios da memória, mas é difícil quando a minha cabeça lateja e os pensamentos entram e saem como fiapos de nuvens. Úmido. Algo está úmido. Eu estou? O pânico invade o meu intestino quando me lembro de que estávamos caindo na água. Mas não, ainda posso respirar. Se ainda posso respirar, então não estou debaixo d'água ou estou morta.

A morte não deveria ser tão dolorosa assim.

Deveria?

Minhas roupas estão encharcadas, agarradas ao meu corpo como envoltório, minha cabeça pesada com o cabelo úmido.

Tenho que abrir meus olhos. Devo abrir os meus olhos.

Com um esforço considerável, abro um deles. Estou em terra e os destroços do avião estão a cerca de dez metros de onde estou deitada. Metal rasgado, fumaça e pequenas labaredas de chamas enchem a praia. O sol quase se pôs, o horizonte é um azul-escuro e percebo com choque que, quando o sol se pôr, mergulharei na escuridão.

Então o quê?

Eu me empurro para sentar, fazendo um inventário do meu corpo destruído. Minha perna esquerda parece milagrosamente boa, mas a dor irradia perto do meu joelho na minha perna direita e percebo que há algo saindo da minha perna. É um pedaço de metal, como estilhaço, preso na minha perna abaixo do meu joelho. Se for profundo o suficiente e eu puxar, poderia sangrar. Então o quê? Tem mais alguém aqui? Com o meu estômago apertado em náuseas e flexionando as mãos, alcanço o metal que está rasgando através das minhas calças, sangue vermelho manchando o tecido rasgado. Um soluço seco me pega na garganta. Tenho que ir para um local seguro.

Existe segurança aqui?

É quando o meu olhar cai no impensável. Demoro um minuto para entender o que estou vendo.

Os destroços do avião não estão cobertos de tecido encharcado de sangue.

Um corpo quebrado no acidente está espalhado na areia da praia à minha frente, braços e membros separados brutalmente como se fossem rasgados por mãos cruéis. Rolo para o meu lado e vomito no

chão, esvaziando o conteúdo do meu estômago até que não reste nada além de bile. Passei as costas da minha mão pela minha boca e caí de costas, destruída. Eu não posso olhar de novo. Eu reconheci a roupa branca, porém, o que significa que o corpo era do piloto e não do Carlos ou Adrian. Carlos estava usando azul-marinho e Adrian as roupas em que o encontramos.

No entanto, algo mais chamou a minha atenção. Preciso ver novamente, então abro os olhos e olho para a praia, fingindo que as partes do corpo lavadas na praia fazem parte da praia. Eu não posso olhar de novo.

Na minha frente, estendendo-se até as ondas quebrando na praia, fica um caminho onde meu corpo foi arrastado. Eu não desembarquei aqui, onde estou agora. Alguém me encontrou e me tirou da água enquanto ainda estava inconsciente, então eu não me afogaria. Isso explicaria as minhas roupas molhadas e o fato de que estou aqui, em terra firme e respirando.

Então alguém sobreviveu ou há nativos escondidos. Para onde eles foram? Eles tinham que me deixar aqui para que pudessem resgatar os outros?

Eu me empurro para sentar de novo, ignorando a dor que incide na minha perna e acerto as costas com os dentes cerrados. A tarefa à minha frente faz com que a náusea apareça no meu estômago recentemente esvaziado.

Preciso identificar os corpos. Preciso saber com quem estou aqui. Eu não me tornei quem eu sou, cuidando das minhas feridas e me escondendo de medo.

Eu me empurro para os meus pés, mas a dor na minha perna é insuportável. Olho para baixo. O pedaço de metal saindo é menor do que eu pensava no começo, mas tem que ir. Quando eu o puxar para fora, vou sangrar, o que deve limpar a ferida, mas se eu fizer um torniquete ou mesmo uma bandagem apertada o suficiente, eu poderia estancar o fluxo de sangue. Eu rapidamente desfaço os botões da minha camisa, tiro-a e a envolvo na minha perna para formar um laço solto acima da ferida. Vou deixar lá para pegar quando chegar a hora. Minhas mãos estão tremendo tanto que quase perco o equilíbrio, pego o pedaço de metal e puxo. Meus gritos ecoam nos meus ouvidos, a dor é tão intensa que minha visão se confunde. Eu jogo o metal encharcado de sangue, então rapidamente envolvo a minha perna na camisa. Eu

vejo como o sangramento diminui. Temporariamente estou bem, mas não vou poder suportar muito peso nisso. Eu precisarei descansar para curar.

Na luz fraca do sol que desvanece, eu examino a costa.

Então meus olhos passam por um azul-marinho.

Carlos.

Eu choramingo e arrasto a minha mão nos meus olhos, querendo afastar essa visão. Como os soldados da batalha lidam com perdas súbitas e violentas e devastação?

Levante-se, digo a mim mesma. *Veja se você pode ajudá-lo.*

Suas pernas estão em ângulos estranhos, quebradas além do reparo, os ossos brancos brilhando através de um pedaço de tecido rasgado. Eu me ajoelho ao lado dele, levantando o seu corpo flácido em meus braços. Seus olhos estão abertos, olhando vagamente para um lugar além. Eu sei que ele está morto, mas preciso provar isso para mim mesma. Suavemente, coloco o seu corpo de volta na areia, onde ele cai com um baque suave, em seguida, pego o seu braço e coloco os meus dedos onde seu pulso deveria estar, onde a vida deveria fluir em

suas veias. Sem pulso. Eu me afasto, a confirmação de que meu parceiro se foi, trazendo lágrimas súbitas aos meus olhos.

Mas não choro. E não vou fazer isso agora.

Fecho os meus olhos com força e me dou um momento para lidar com a dor da perda, antes de ficar de pé e olhar para a praia arenosa mais uma vez. Eu não tenho tempo de sobra.

O avião está em um monte de metal retorcido na praia, meio na água. Eu posso ver como uma asa está totalmente explodida e acho que sua ponta deve ter acertado uma onda ou rocha, fazendo-nos impactar com mais força na água do que deveríamos. Não foi o pouso que os nossos pilotos planejaram. Ignorando as ondas de dor que me fazem querer vomitar, eu tropeço com os pés instáveis em direção ao avião. E então vejo isso. Um último corpo caiu contra a janela na cabine cheia de água. Morto no impacto? Afogado, preso no cockpit? Eu nunca saberei.

Eu caio de joelhos quando a lembrança das últimas palavras do piloto volta para mim.

Nós temos cinco almas a bordo.

Incluindo eu, os dois cadáveres dos pilotos e o Carlos, agora tenho quatro.

Ainda não encontrei o nosso prisioneiro.

Capítulo dois

Adrian

Eu vejo a cadela de onde me agacho, escondida na escuridão das árvores. Eu me movi rapidamente enquanto ela estava inconsciente,

ignorando a dor que pulsava contra o meu crânio. Ainda algemado, milagrosamente jogado para a praia, a primeira coisa que fiz foi localizar o homem que ela chamava de Carlos. Peguei as chaves e me soltei, colocando as algemas no bolso. Eu precisaria disso mais tarde.

Saí para o mar e fiz uma rápida varredura dos restos mortais. O corpo do copiloto foi rasgado em pedaços, o impacto do acidente provavelmente o matando antes de ser desmembrado. O piloto nunca saiu da aeronave, ficou inconsciente contra a janela enquanto a água enchia a pequena cabine. Ele provavelmente se afogou, se já não estivesse morto.

E então eu a vi, o seu corpo caído sobre a asa boa do avião, inconsciente. Ensanguentada, mas respirando. Arrastei o corpo dela para a praia. Ter outro sobrevivente será útil, sem dúvida. O fato dela ser mulher será ainda mais conveniente. Ela é uma puta total, mas eu sei maneiras de subjugar as mulheres. Eu vou puni-la pelo jeito que ela me tratou. Então fazê-la me obedecer.

O que acontecerá depois disso, será com ela.

Depois de olhá-la para ter certeza de que está respirando e não tem ferimentos fatais, deixo-a onde ela pode ver os restos dos seus

companheiros quando acordar. Maravilha. Talvez isso a assuste um pouco. Tire um pouco da luta dela.

Esperemos que não muito, no entanto. Eu gosto de uma boa luta.

Depois que ela está na praia, pego dos destroços qualquer material útil que possamos necessitar, que posso salvar: uma pequena bolsa de alimentos, suprimentos de primeiros socorros e água engarrafada.

É uma pequena ilha. Lembro-me de estar no ar vendo as costas de cima. Milhares de pequenas ilhas desabitadas pontuam o Pacífico. Não há como dizer onde estamos agora, mas parece que estamos sozinhos. Acho que eu poderia andar todo o perímetro em menos de quatro ou cinco horas. Além da costa, há uma estrutura feita pelo homem que desperta o meu interesse. Claramente, alguém civilizado esteve aqui uma vez, mas parece que ninguém mora mais aqui. O pequeno prédio de ripas abriga uma placa,

PESQUISA CIENTÍFICA DOS EUA OCUPAÇÃO 2010

FUTURA INVESTIGAÇÃO PENDENTE DE APROVAÇÃO

Interessante.

Tento abrir a porta, mas a encontro trancada. Eu dou uma risada. Estranho trancar uma porta onde literalmente ninguém estaria por perto para entrar. Ainda assim, vou ter que quebrar a fechadura e ver se há arranjos adequados para dormir lá dentro. Possivelmente mais suprimentos. Algo para me manter fora do frio.

Eu franzo a testa, olhando para a praia. Algo para *nos* manter fora do frio, suponho. Não adianta deixá-la cuidar de si mesma, se eu preciso dela. Ela vai ser útil para mim, mas não se ela morrer de hipotermia ou por causa de alguns malditos animais selvagens. Nativos, talvez? Mas meu instinto diz que estamos sozinhos.

Minha mandíbula aperta na lembrança da maneira como ela me tratou. Como se eu fosse algum tipo de monstro que deveria sofrer dor e tortura. Eu sacudo a minha cabeça.

Somos todos monstros. Todo último filho da puta merece nada menos do que eu sofri.

Ela não tem ideia do que vi. O que eu fiz. O que sofri.

No entanto, eles provavelmente mostraram a ela as fotos.

Sacudo a minha cabeça. Agora não é hora de me debruçar sobre isso. Olho para a frágil fechadura do abrigo. Eu preciso encontrar algo para quebrar e fazer isso logo antes que esteja totalmente escuro aqui.

Eu tenho que encontrar a cadela antes que ela se esconda em algum lugar, ou faça algo estúpido e se machuque. Esta não é uma missão de resgate.

Esta é a sobrevivência do mais apto.

Capítulo três

Nadine

Sento-me em uma grande pedra na praia com as costas para o naufrágio por alguns minutos. Talvez horas. Meu estômago se agita

com fome, minha cabeça dói por falta de água e comida. Mas dói me mexer. Ainda estou cercada por seus corpos, fraca e impotente demais para fazer qualquer coisa sobre isso. O cheiro da morte paira no ar. Eu me pergunto se vou segui-los.

Não tenho ideia de onde estou, nem de como chegar a alguém que possa me resgatar e, pelo que sei, o homem cuja bunda acabei de prender está em algum lugar escondido. Um homem que conheço e que é capaz de um assassinato brutal e devastador e de uma tortura perversa e indizível, se lhe for conveniente.

Não há lugar seguro.

Mas quando me sento, algo que deveria ter me ocorrido muito antes, torna-se cristalino.

A grande pedra em que estou sentada está diminuindo a cada minuto e enquanto me afundava na miséria e na indecisão, a maré estava chegando. A mudança para a praia é dramática. Pânico jorra dentro de mim e fico de pé, de repente não me importando se ele me vê. O que ele vai fazer? Matar-me? Nesta fase, isso seria quase bem-vindo.

Quando a maré se elevar mais, ficarei submersa, literalmente, não tendo aonde ir além das profundidades frias e mortais. Eu preciso voltar para a praia. Eu poderia nadar, mas minha perna está ferida e não tenho ideia do que se esconde nas profundezas.

Uma risada baixa e familiar faz o cabelo na parte de trás do meu pescoço ficar em pé. Ele está atrás de mim. Oh Deus. Ele está atrás de mim. Eu me viro e olho por cima do meu ombro para ver Adrian, notavelmente ileso, em pé ao lado das árvores. Seus braços estão cruzados em seu peito nu, mas está tão escuro que mal posso distinguir sua expressão.

“Uma situação muito difícil que você se meteu.”, diz ele.

Idiota.

“Então você sobreviveu.”

“Claramente.”

Eu não digo mais nada no começo. Não tenho certeza do que dizer. Eu apenas prendi este homem, machuquei-o e permiti que meu ódio por ele brilhasse em todas as interações que tivemos um com o

outro. E agora estamos sozinhos, em uma ilha deserta, como em algum tipo de show doente de sobreviventes.

Ele acena com a cabeça e olha em volta de mim. “Você estava planejando dormir aí fora?”, ele pergunta, a zombaria indisfarçada na sua voz. Eu percebo agora que era uma coisa estúpida para fazer, mas eu não estava exatamente jogando com um baralho completo também. O trauma está afetando o meu cérebro.

Sua voz corta o ar espesso e úmido como um chicote. “Eu lhe fiz uma pergunta.”

Ele não está mais divertido.

“Talvez.”, eu cuspi fora. “Então, por que você não cala a boca?”

Ele balança a cabeça, enquanto o sol mergulha ainda mais no horizonte. “Melhor ainda, por que não te deixo?”

Ele se vira para ir, mas me sinto como uma criança cuja mãe apenas blefou sobre deixá-la na loja maldita depois que teve um ataque.

“Não!”, eu grito. “Não, por favor, não vá!”

Ele se vira lentamente e me olha. Estou feliz por não poder ver os olhos dele nas sombras. Seus olhos me assustam.

“Se eu te resgatar, você vai pagar por isso.”, diz ele.

O medo frio aperta o meu peito. “Pagar por isso?”

Este homem está doente. Torcido.

Ele solta uma risada baixa e sem alegria. “Você acha que vou resgatar a mulher que me capturou? Me humilhou? Bateu em mim? Sem nenhum troco?”, ele inclina a cabeça para o lado e sua voz endurece como granito. “Eu não sou fodidamente altruísta.”

“Tudo bem então!”, eu resisto. A água subiu tanto que agora bate nos meus pés e o pânico varre o meu peito.

Eu vou pagar. Eu farei o que ele quiser agora.

Ele dá um rápido aceno de cabeça, depois alcança algo atrás dele. Não vejo nada na escuridão, mas estou começando a perder a cabeça com o medo de me afogar. É algo... amarelo? Eu fixo os meus olhos e vejo. Ele tem algum tipo de balsa inflável com ele. Deve ser o resgate a bordo do nosso voo que ele conseguiu salvar.

O que mais ele conseguiu?

E como diabos ele vai me fazer pagar por isso? Eu empurro o pensamento da minha mente. Eu não preciso me concentrar nisso ainda.

Observo enquanto ele coloca a jangada na água, puxa uma pá de plástico resistente e vem na minha direção. Quando ele me alcança, ele para e olha para mim. “Entre.”

Eu tremo enquanto vou em direção à pequena jangada. Ele ocupa dois terços dela. Se eu entrar, estarei contra o corpo dele. Nenhum lugar para ir.

A água bate no meio da panturrilha. Estou congelando.

“Entre na jangada ou vou sair.”

“E ter outra morte em suas mãos?”, eu estouro.

Seus olhos negros se estreitam. “Você está certa. Eu não te deixaria. Se você não entrar, vou te arrastar pela porra do seu cabelo e quando chegarmos à praia, vou chicotear a sua bunda. Última chamada.”

Ele vai. Certeza fodida que ele vai.

“Três segundos.”, diz ele. "1."

Ele não me dá escolha, mas não sou nenhuma flor de estufa. Eu vou com ele, mas ele não vai ser o responsável.

“Dois.”, eu sou a garota que pulou 3 metros para pegá-lo.

Ele levanta as pás. “Três.”

Eu caio na pequena jangada de resgate. Meus joelhos batem nas suas costas e eu círculo os meus braços ao redor da sua cintura. Meu pulso está martelando, minha respiração está desigual e irregular.

“Espere.” ele ordena. Eu estou me segurando. Não entendo o comando dele até ele começar a empurrar as pás, a água espirrando forte. Até que estamos a um metro e meio da margem, vejo ondulações na água atrás de nós, visíveis apenas sob a luz da lua. Tubarões.

A frente da jangada passa pela areia. Ele joga as pás na praia. “Vai!”

Eu saio do barco, ignorando a dor que irradia da minha perna. Ele segue atrás de mim, arrastando o barco. Um tapa bate nas minhas

costas e a próxima coisa que sei é que estou me esparramando na areia com o rosto para baixo. Ele me empurrou.

Antes que eu possa me recuperar, ele está empurrando a minha cabeça para baixo, a areia raspando a minha bochecha esquerda. Sua mão segura a minha cabeça no lugar, a palma calejada arranhando ao longo da minha bochecha. Eu tento gritar, mas a areia enche a minha boca.

Sua boca vem ao meu ouvido. “Como é?”, ele pergunta. “Você gosta de ser a única debaixo de mim? Acostume-se a isso.”

O som familiar de metal com metal me faz congelar.

Merda.

Ele torce os meus braços para as minhas costas, as minhas mãos estão juntas logo acima da minha bunda. Com um prisioneiro cooperativo, permitimos as palmas das mãos juntas. São os idiotas não cooperativos que ficam algemados assim, de uma maneira que faz com que a dor atinja os meus ombros e pescoço. As algemas se encaixam no lugar.

“Uau, como as mesas viraram!”, diz ele com uma risada sem alegria. “De pé.”

Ele me puxa para os meus pés pelos punhos, areia em cascata pelo meu corpo. Eu sufoco um grito. Não vou dar a ele a satisfação.

Engulo areia, engasgando com o gosto arenoso entre os meus dentes.

“Não gostou desse gosto, querida? Vou te dar algo melhor para provar quando você me pagar de volta.”

As fotos da mulher morta vêm à mente mais uma vez. As marcas da corda. Vergões. Contusões.

Ele vai me estuprar. Me chicotear.

Eu gostaria de ter morrido junto com o resto da tripulação.

Capítulo quatro

Adrian

Eu a arrasto comigo, apreciando o jeito que ela aperta os dentes e se recusa a gritar de dor.

Eu vou quebrá-la antes de terminarmos.

Está escuro, mas a lua cheia brilha sobre nós e eu consegui encontrar uma pequena, mas poderosa lanterna no kit de primeiros socorros. Eu aperto o botão e um raio brilha como um farol, iluminando nosso caminho. Algo escorrega no mato atrás de nós, algo pesado pelo som disso. Ela dá um passo para perto de mim, depois olha para mim, assustada, como se tivesse se surpreendido. Afinal, eu sou o seu sequestrador. Mas gosto da sensação dela perto de mim assim.

Ela não sabe ainda, mas esta noite ela vai aquecer a minha cama.

Ela me deve.

Se ela não fosse tão alta e poderosa, eu a acharia uma garota bonita. Ela é um pouco mais nova do que eu, com cabelos loiros, um nariz fino e aristocrático, uma boca cheia com lábios vermelho-cereja e olhos brilhantes com longos e grossos cílios. Seu corpo é ágil e

maleável como uma ginasta, pequeno, mas sólido. Eu tomei meu tempo verificando-a completamente. Ela é um pouco pequena, eu gosto das minhas mulheres resistentes, capazes de suportar o jeito que gosto de foder, longa e duramente, mas ela é linda.

Ela não está usando nada além de um sutiã e calças e eu vejo a sua camisa presa em torno da sua perna como um torniquete.

É muito ruim, ela é uma cadela maldita.

Suponho que eu deveria lhe dar uma folga. Afinal, ela provavelmente acredita que estava fazendo um favor à sociedade, rastreando um criminoso procurado como eu.

Mas ela não sabe tudo o que há para saber.

“Não havia outros sobreviventes.”, digo a ela, enquanto nos aproximamos da entrada da pequena casa.

“Sem merda.”, ela murmura.

Sem pensar, eu estalo a palma da minha mão contra a sua bunda com tanta força que ela tropeça para frente, mas meu aperto nos seus punhos a impede de cair todo o caminho. Ela sacode a cabeça para

olhar para mim, mas não me preocupo em encontrar os seus olhos. Ela aprenderá a observar a sua boca e quanto mais depressa souber disso, melhor. Isso é apenas uma amostra do que está vindo.

“Então esse é o seu plano.”, ela murmura, claramente não subjugada pelo tapa que acabei de dar nela. “Vou agir como uma pequena marionete e se eu não fizer isso, você vai me bater por aí? Brilhante.”, ela franze os lábios e revira os olhos.

“Na verdade, é muito mais divertido se você lutar comigo.”, eu digo ajoelhando-me na frente da fechadura. “E não.”, eu digo em uma voz entediada enquanto ela dá um passo na minha direção. “Você não vai me bater com as suas mãos algemadas e tentar fugir. Eu não sou um idiota, você não vai escapar e então eu teria que te punir hoje à noite em vez de esperar para amanhã. E, francamente, estou um pouco cansado.”

Ela não diz nada, mas não se aproxima.

"É um bloqueio bastante fácil.", diz ela. “Um grampo abriria isso.”

O problema é que não tenho um grampo.

Eu me viro e olho para ela. Ela revira os olhos para a linha dos cabelos e percebo que o seu cabelo está enrolado em um coque na nuca. Não é incomum que as policiais usem esse tipo de penteado. Se o cabelo dela estivesse solto ou preso em um rabo de cavalo, um assaltante poderia agarrá-lo e ganhar a vantagem.

“Conveniente.”, eu digo. “Desde que você precisa soltar o coque de qualquer maneira.”

Eu me levanto e caminho até ela. Ela é tão alta quanto os meus ombros e quando fico atrás dela, ela fica pequena e vulnerável, como um rato encurralado.

Perfeito.

Pego o coque dela e, quando meus dedos tocam no cabelo dela, ela congela, o corpo tensiona, os músculos contraem. Eu quase sinto pena dela. É muito mais difícil de se submeter quando você está bem ferido. Mas então me lembro que ela não merece a minha simpatia. Ela merece nada além de retribuição.

"É difícil de agarrar um coque, não é, querida?", pergunto, envolvendo os meus dedos ao redor da espessa bobina de ouro. Eu

puxo e toda a cabeça dela balança para trás, mas não é tão satisfatório quanto um puxão de cabelo realmente bom pra caralho. Ainda assim, eu gosto do jeito que ela choraminga um pouco e amo a sensação da seda dourada entre os meus dedos.

"Como você tira essa maldita coisa?", eu murmuro.

Ela solta um suspiro exasperado. "Você puxa os grampos.", diz ela. "Eles estão escondidos no coque. Eu uso seis deles, todas as vezes. Apenas puxe-os para fora, um de cada vez."

Eu deslizo um dedo sob o coque até sentir o grampo duro. O coque fica firme quando puxo o primeiro grampo para fora, então balança um pouco com o segundo. Com o terceiro, ele cai na minha mão como ouro, a fragrância de lilases agitando meu pau para a vida.

Esqueça o boquete que eu ia fazê-la me dar. Vou enrolar esse cabelo em volta do meu pau enquanto me masturbo.

Eu tenho fetiches em grande quantidade. Aparentemente, agora tenho um com cabelo.

Com um punhado de grampos, volto para a fechadura. “Fique aí.”, eu ordeno. Eu não a quero em nenhum lugar perto de mim enquanto trabalho.

“Eu poderia fazer isso por você.”, diz ela. Não me incomodo em responder.

Ajoelho-me na frente da fechadura e abro o grampo, mas essa fechadura em particular deve ter sido moldada de forma diferente das que escolhi no passado. “Filha da puta.”, eu murmuro, mas não posso acionar o maldito mecanismo.

“Deixe-me fazer isso.”, ela diz atrás de mim.

Eu a ignoro até que estou ofegando pelo esforço e amaldiçoando a maldita cadela. Então, finalmente, me volto para ela.

“Bem. Você terá uma chance. Obviamente, vou ter que te soltar, mas não é preciso dizer que, se você fizer algum truque, vai desejar não ter feito isso.”

Ela revira os olhos.

Eu não posso esperar para treinar esta mulher para a obediência.

Mas agora, precisamos entrar.

Puxo a chave do meu bolso, coloco-a nos punhos e solto-a. Ela balança os braços, mas não faz nenhum movimento na minha direção, apenas pega os grampos da minha mão e caminha até a porta.

Ela olha a fechadura, franzindo a testa, depois abre o grampo e desliza para dentro. Em poucos segundos, ouço um leve *estalo.* Ela fica com um sorriso satisfeito no rosto e gira a maçaneta. A porta se move para dentro e ela entra. Eu sigo, mantendo um olho nela.

“Cuidado.”, digo a ela. “Este lugar não foi habitado pelo que parece anos. Você não tem ideia de quem ou o que poderia estar lá dentro.”

“Seja como for...”, diz ela com outro rolar de olhos. Minha palma literalmente se contorce.

“Venha aqui.”, eu a pego pelo pulso e a trago para perto, puxo seus pulsos para trás novamente enquanto ela geme e dou um tapa nela mais uma vez.

“Pelo amor de Deus.”, diz ela. “Não vou fazer nada estúpido. Você realmente tem que me algemar?”

Eu não me incomodo em responder. Deixo no ar.

Eu giro a minha lanterna ao redor, até que o feixe pousa em um interruptor de luz. Aperto, esperando que nada aconteça, mas a luz fluorescente imediatamente inunda a sala inteira. Nós dois piscamos surpresos, atordoados pela luz ofuscante por um momento. Protejo os meus olhos e fecho a porta, então me viro para escanear o nosso arredor.

Os pisos e as paredes são construídos de madeira crua, como se toda a estrutura fosse colocada rapidamente, mas ninguém se incomodou para terminá-la. As lâmpadas penduradas no teto estão vazias, a fiação ainda aparecendo em vários lugares. Foi um trabalho descuidado, sem dúvida feito por pessoas que estavam em uma missão ou tinham recursos limitados de sobra.

“Venha comigo.”, digo a ela, pegando-a pelo braço e marchando ao redor do pequeno interior. Há um escritório, com uma cadeira, uma mesa e algum tipo de equipamento de informática. Eu franzo a testa. Se ela pudesse encontrar uma maneira de se comunicar com alguém usando isso, eu poderia estar fodido. Literalmente não tenho intenção

de tentar ser resgatado nesta ilha. Por que eu iria querer ser resgatado? Então eu poderia voltar a uma vida de cativeiro?

Vou ter que ter certeza de que o computador está desativado. No entanto, precisamos ver se há uma fonte de energia.

Apenas alguns passos após o escritório tem um pequeno banheiro. Eu espreito. Tudo é aço inoxidável esparso, com um vaso sanitário de metal ao estilo de prisão, um pequeno chuveiro e uma pia. Eu abro a torneira, mas nada acontece quando tento. Eu vou consertar isso.

“Eu me pergunto quem viveu aqui.”, diz ela suavemente, como para si mesma. Eu olho para ela, agora me delicio com o brilho da luz do teto vibrante e vejo que ela está mais machucada do que eu percebi no escuro. Um olho está quase inchado, manchas de sangue em seus lábios e bochechas e suas roupas estão rasgadas. “E como diabos há luz no meio do nada.”

“Provavelmente um gerador movido a energia solar.”, resmungo. Não sei como ou por que há evidências de civilização aqui, mas não estou reclamando.

Eu olho para ela e balanço a cabeça. “Você está uma maldita bagunça.”, murmuro, não querendo dar a ela a satisfação de saber que quero limpá-la.

Eu farei mais do que isso antes de terminar com ela.

Ela franze a testa para mim e não se digna a responder.

Atrás dela está outra porta aberta. Vou nessa direção enquanto ela olha em volta de nós. Seus lábios finos estão achatados e ela usa uma expressão sombria no rosto. A porta se abre para um quarto. Tateio ao longo da parede até encontrar outro interruptor, aperto, e uma luz fraca entra neste cômodo. Aqui, há uma cama de solteiro com nada além de um lençol em cima e dois travesseiros, o que parece ser cobertores envoltos de plástico, uma janela e uma mesinha de cabeceira. Não é diferente da cela da prisão onde passei o meu tempo, exceto que aqui é possível andar livremente.

Olhando para a cama, de repente estou esgotado de exaustão.

“Entre aqui.”, ordeno. Estou cansado e com fome e prestes a compartilhar a cama com a cadela que tentou arruinar a minha vida. Eu não estou no mais agradável dos humores. No entanto, ela não vem.

Inalo profundamente, tentando me acalmar. Eu vou treiná-la. Isso envolverá infligir dor e punição e ver que ela obedece aos meus comandos. Mas quero estar no controle de mim mesmo quando fizer.

"Eu disse.", rosno, saindo do quarto. "Venha *aqui."*

Mas quando chego à área principal, ela está congelada no lugar, olhando para algo no canto com olhos grandes e aterrorizados. Sua boca está aberta, seu corpo rígido de terror. Eu giro a minha cabeça para olhar onde ela está olhando e vejo uma aranha marrom no meio de uma grande teia que de alguma forma perdi antes.

"Fique atrás de mim.", ordeno. Eu ouço um pequeno resmungo. Pela primeira vez ela está realmente fazendo o que eu disse. Olho em volta de mim, tentando localizar algo que eu poderia usar para capturar a coisa quando ela se afasta rapidamente de nós. Seu grito estridente faz o meu pulso disparar. Chuto meu pé para fora, pego uma perna e a aranha gira descontroladamente fora de controle, as pernas batendo na luta, mas sou maior e mais forte. Bato com outro chute vicioso, depois outro. Chão e parede manchados e ela choramingando como uma criancinha. Quando está bastante morto, me volto para ela.

“Venha aqui.”, digo rispidamente. Pego ela pelo braço e a levo para o quarto. “Com isso, estamos terminando a noite.”

“Não estou dormindo aqui. Você está fora da sua mente? E se você acha que estou indo para a cama com você, está mais doente do que eu pensava.”

“Oh, querida.”, digo, balançando a cabeça tristemente enquanto a puxo para o lado da cama. “Você *não* tem ideia.”

Ela pisca e olha ao redor do quarto, depois estremece. É bastante quente aqui, então suspeito que ela está tremendo por outro motivo.

Sento-me na beira da cama, agarro o braço dela e puxo-a entre as minhas pernas. Seu corpo fica tenso e sua mandíbula aperta, mas antes que ela possa reagir, faço um pedido.

“Estou inspecionando os seus ferimentos. Você fica parada e me deixa fazer isso.”

“Foda-se.”, ela sussurra. Vou ensiná-la a observar essa boca, mas não antes de inspecioná-la para ver se não está gravemente ferida. Os outros morreram. Ela não vai.

“Ainda não, querida.”, digo em um grunhido baixo, a visão dela deitada despida na cama com a cabeça jogada para trás enquanto goza, vem piscando na minha mente. Mal estou temperando o desejo de chicotear a sua bunda. “Saia dessa merda de roupa.”, sorrio com raiva dela por me manipular no menor pensamento do seu prazer. “Agora é hora de se despir. Removerei as suas algemas primeiro.”

Seu queixo cai e ela olha para mim, estupefata.

Eu já tive o suficiente disso.

Com um toque da minha mão, eu pego o cabelo dela, o enrolo no meu punho e puxo a cabeça dela para trás, a minha outra mão tão segura quanto as algemas ao redor dos seus pulsos. “Você vai aprender que quando eu disser para você fazer algo, você vai obedecer. Agora eu disse para você se despir.”

Meu motivo é duplo: quero inspecionar o corpo dela em busca de ferimentos, para ter certeza de que não há nada urgente para cuidar antes do amanhecer e, em segundo lugar, quero humilhá-la.

O bônus adicional será dormir na cama com ela nua. Ela está machucada e ensanguentada, mas meu pau não se importa.

“Se você me estuprar,”, ela sussurra, “vou encontrar uma maneira de te matar. Estamos claros? Se esse é o jogo final, você pode muito bem me matar agora.”

Eu dou uma risada. “E acabar tão cedo com o jogo de gato e rato? Não penso assim, querida. Preciso brincar com o meu pequeno animal de estimação primeiro.”

Tenho que admirar a garota. Eu a tenho pelo cabelo, à minha mercê, tudo o que tenho que fazer é torcer o pescoço para tirar a vida dela e ela tem a audácia de me ameaçar.

Eu a puxo para perto de mim e farejo ao longo do seu pescoço, deixando o meu nariz apenas roçar na pele macia. Sua respiração engata, seus ombros se contraem, mas ela não deixa escapar um som. Eu quase a embalo, mas paro o aperto que tenho no cabelo dela. Lentamente, sem palavras, corro a minha língua ao longo da sua clavícula, saboreando sal e medo. Quero devorá-la, marcá-la, até que todo pensamento dela seja meu. Não dou a mínima se esses pensamentos correrem para o medo. Ela é minha, meu brinquedo e pagará pelo que fez. O menor cheiro persistente de limão se agarra a

sua pele. Esta manhã, que bem pode ter sido anos atrás, ela se banhou com um sabonete feminino que ainda se agarra a sua pele.

O lembrete desta manhã traz de volta a memória do meu próprio confinamento brutal naquela cela quente e abafada que me colocaram. Ela se banhava com sabonetes de luxo enquanto eu me agachava no canto, observando os ratos saltarem nas sombras da cela. A minha visão fica nebulosa de fúria. Afundo os meus dentes no seu pescoço até que ela grita e se contorce. Paro logo antes de tirar sangue.

Quero ela apavorada, não ferida. Mantenho-me distante, recuo e olho nos olhos dela agora arregalados de medo.

"Você vai se despir agora.", sussurro, deixando as palavras pingarem na sua pele como cera derretida. “Ou vou tirar de você, eu mesmo. O meu caminho será mais rápido. Não vou me incomodar em manter as suas roupas intactas. E amanhã, quando eu te punir, adicionarei mais golpes do meu cinto por seu desafio.”

Ela fecha os olhos como se bloqueasse as suas escolhas. Como se eu não visse diretamente através dela quando ela me exclui. Posso sentir ela tremendo. Posso ver a marca rosa escura dos meus dentes na sua pele, pulsando com o calor da dor e o seu terror.

"Tudo bem.", ela finalmente sussurra.

Eu a solto e destravo as algemas, depois me sento. Meu corpo fica tenso. Estou preparado para me defender se ela for estúpida o suficiente para me atacar novamente, mas ela não é. Ela olha para mim com ódio indisfarçado quando pega a alça do sutiã e puxa. Seus seios balançam livres, cheios e pálidos, o suficiente para um bom punhado. Sorrio, lentamente avaliando os seus mamilos rosados escuros. Eles estão rígidos.

"Está frio aqui, querida?", pergunto, zombando dela. Ela não está com frio.

"Eu te odeio.", ela sussurra.

“E isso não faz dois de nós. No entanto, estou ficando um pouco cansado da sua boca.”, digo preguiçosamente. "Não fale mais. Fale de novo e eu vou te amordaçar.” Minha voz atravessa a quietude como iluminação. "Calças."

Primeiro, ela sai dos seus sapatos. Eles caem ao pé da cama. Em seguida, ela se atrapalha com o fecho na sua cintura, desabotoa-o, mas depois se esforça quando vai tirar as suas calças esfarrapadas. Ela tem

um torniquete improvisado na perna. Olho e inspeciono a sua ferida brevemente e na luz fraca parece superficial. Alcanço a faca no meu bolso. Ela congela enquanto corto o que restou da sua calça, então a coloco de pé. "Tire." Ela franze a testa para mim, mas desata e remove os farrapos restantes da sua calça. Ela cambaleia nos seus pés, mas está diante de mim agora em nada mais que uma fina calcinha preta de biquíni com pequenos corações rosados. A delicadeza parece incongruente com alguém tão dura quanto ela é.

"Coloque as mãos atrás das costas e se apresente para mim.", ordeno, antes de lembrar que ela não é uma submissa e não sabe o que significa se apresentar para mim. "Ombros para trás, fique em pé, joelhos ligeiramente separados."

Ela abre a boca para falar, mas levanto uma sobrancelha para ela, lembrando-a de que foi instruída a ficar em silêncio. Se eu precisar puni-la novamente, não haverá hesitação, não importa o quão fodidamente cansado eu esteja. Rangendo os dentes, ela aperta as mãos atrás das costas e puxa os ombros para trás obedientemente, os seios atrevidos e cheios. Eu engulo em seco. Vou foder ela, mas vai ser nos meus termos. Neste momento, estamos cansados, desidratados e ambos precisamos dormir. Há mais do que treinamento aqui que

precisamos fazer. Precisamos ser capazes de ver quais são os nossos recursos, encontrar água e comida e descobrir como nos manteremos aqui.

Eu a olho de uma maneira quase utilitária, catalogando os seus ferimentos. Há uma contusão no seu ombro que vai virar um preto e azul feio antes do amanhecer. Ela raspou os dois braços, mas felizmente são apenas cortes superficiais. Ela não tem ferimentos preocupantes até eu chegar à sua perna. Quando faço, assobio baixinho. Porra, eu subestimei essa lesão.

"Isso é um inferno de um corte.", digo. "Você sabe o que fez isso?"

"Sim.", ela grita. "Estilhaços de metal."

"Oh?", olho para ela com curiosidade.

"Sim.", ela afirma. "Eu puxei para fora e amarrei a minha perna para estancar o sangramento."

Eu aceno e espero que o meu rosto não dê a impressão de que estou impressionado. Não é pouca coisa puxar o metal da sua própria perna. Se eu desse a mínima para ela, me sentiria mal com essa lesão. Deve doer como um filho da puta.

"Vou ter que limpar isso.", eu digo. "Ter certeza de que está irrigado e desinfetado." O kit que encontrei nos suprimentos deveria ter, pelo menos, o suficiente para isso. Ela balança a cabeça enquanto continuo a minha inspeção e senta na cama enquanto trago os suprimentos. Volto com o que preciso, depois irrigo e trato a ferida dela. Ela suspira com alívio perceptível quando é enfaixada e limpa. No entanto, não quero que ela fique muito confortável comigo.

Olhei para ela buscando ferimentos.

Agora o meu olhar percorre o seu corpo para servir a outro propósito.

Me sento na cama e a puxo para um dos meus joelhos para que ela não esteja mais colocando peso na sua perna. "Seus seios são pequenos.", digo com desdém, embora seja apenas para fazê-la se contorcer. Eles são realmente perfeitos. "Mas eles vão servir." Ela levanta o queixo como se estivesse sendo levada para o carrasco, o conjunto estoico da sua mandíbula me fazendo sorrir.

Sou um maldito bastardo doente, mas não peço desculpas por ser assim.

Eu peso um peito cheio na palma da minha mão, depois o outro. Ela ainda não reage. Lentamente, os meus olhos encontram os dela em um desafio ousado, me inclino e deixo a minha língua pastar ao longo da doce e tenra pele do seu mamilo. Embora os seus olhos não lhe traem, seu padrão de respiração muda, tornando-se mais pesado e difícil. Meus olhos perfurando os dela, puxo seu mamilo completamente na minha boca e chupo. A sua respiração para por completo.

Lentamente, coloco a minha mão entre as suas coxas, apenas deixando o topo da minha mão deslizar contra a pele macia e vulnerável das suas coxas, ainda chupando o broto macio na minha boca. Mantenho meus dentes longe da pele sensível. Quero que ela saiba que poderia mordê-la se eu quisesse. Eu poderia tê-la gritando se quisesse.

Quando for a hora certa.

Mas agora, ela não consegue controlar a resposta do seu corpo à excitação. Mesmo cansada, ferida e com fome, seu corpo sabe que o que o meu toque pode lhe trazer prazer. Quando lambo os seus mamilos, sua respiração se intensifica.

Solto o mamilo e beijo a pele macia no vale dos seus seios. Quero que ela veja que posso ser mais do que um atormentador brutal. Vou manipulá-la para a obediência com mais eficiência se usar mais do que uma força maligna. Escuto sua respiração pesada, evidência de que ela virou o modo ‘on’ da foda e sorrio para ela.

Libero seus seios e puxo a minha mão entre as pernas dela.

"Você é um maldito idiota.", ela ri, provavelmente envergonhada por estar excitada.

Mas vou treinar essa garota e o treinamento dela não vai esperar.

Desde que já estou convenientemente sentado na cama, é uma questão fácil de virá-la corporalmente no meu colo. Ela se sacode, mas eu a abraço com a mão esquerda, em seguida, bato na bunda dela com a minha direita. Ela é pequena e frágil nas minhas garras e mesmo que eu queira machucá-la, mesmo que eu *a* machuque, estou ciente da minha força sobre ela.

Eu não vou quebrá-la.

Ainda não.

Minha palma bate contra a bunda dela tão forte que ela arqueia, mas a seguro no lugar e a castigo com mais dez tapas da minha palma. Mesmo que só use a minha mão, sei como empunhá-la, sei como segurar a minha mão para que ela obtenha o máximo impacto. Ela precisa de uma boa rodada com o meu cinto e quaisquer outras ferramentas que eu possa moldar para o seu treinamento, mas chegaremos lá.

O seu verdadeiro treinamento começa amanhã.

"Agora.", digo, enquanto ela se contorce sobre o meu joelho. "Você vai cooperar, ou precisamos levar isso adiante?"

"Pelo amor de Deus, deixe-me ir!", ela sussurra.

"Responda à questão."

"Bem! Tudo bem, vou me comportar."

Sorrio para mim mesmo.

Eu nunca disse nada sobre se comportar. Pedi a ela para cooperar. Parece que a minha pequena cativa responde bem ao castigo humilhante.

Perfeito.

Com um aceno de cabeça, a levanto. Ela olha para mim e esfrega a sua bunda dolorida e, honestamente por Deus, é a primeira coisa fofa que já a vi fazer. Quero puxá-la para o meu colo e dizer que ela é uma boa menina.

Foda-se *não.*

Ela não é a minha submissa. Ela é a minha maldita prisioneira e vai muito bem aprender o seu lugar. Qualquer suavidade minha e eu poderia despir a minha jugular para morte.

Isso não vai acontecer.

"Vou te limpar e levá-la para a cama.", digo, ignorando o meu furor duro e o cheiro da sua excitação feminina flutuando no ar. "Senta."

Mostro-lhe onde sentar e, sem encontrar os olhos, bato os pulsos na frente dela. Ela não responde.

"Deite na cama.", ordeno. Sem uma palavra, ela obedece, deitada de lado. "Você vai usar essas algemas até que eu as remova.", digo.

Retiro tudo, menos a cueca, depois vou em silêncio até a sala de entrada. Tranco a porta e verifico as janelas. Não tenho ideia de que criaturas, se é que existem, vivem nesta ilha e se existem habitantes humanos, certamente não quero encontrá-los meio adormecido.

Apago as luzes, mergulhando-nos na escuridão. Está quente aqui e, de repente, estou exausto. Subo na cama ao lado dela, abro a mão e levanto o cobertor que está no pé da cama, coberto de plástico. Puxo o saco, retiro o cobertor e abro antes de jogá-lo sobre nós. Ela se afasta de mim, seu corpo apertado, mas não estou tendo nada disso. Coloco um braço em volta dela e a puxo para perto de mim, deixando-a sentir o meu pau duro contra a sua bunda.

Ela não responde e leva um minuto até eu perceber que ela já está dormindo.

Capítulo cinco

Nadine

Eu acordei em algum momento no meio da noite. Tremendo pelos sonhos do avião cair, gritando e sentindo dor. O esgotamento me puxou de volta para um sono inquieto. Lentamente acordei, percebendo o sol espiando pela janela. Por um momento, acho que talvez tudo tenha sido apenas um pesadelo, mas depois sinto-o atrás de mim e sei que isso não é um sonho, embora ainda seja um pesadelo.

Fecho os meus olhos e tento estabilizar a minha respiração, esperando que ele não perceba que estou acordada. Se eu não fosse sua cativa, se ele não fosse o homem que pretende me atormentar, isso quase seria legal. Ontem à noite, com as luzes acesas, ele tirou a cueca boxer. Foi a primeira vez que realmente me permiti olhar para ele. O meu corpo tinha começado a responder sem a minha permissão e no meu cérebro traumatizado e privado de sono, raciocinei que, se ia ficar presa a esse cara, poderia muito bem aproveitar o que pudesse.

Ele é muito mais alto do que eu, musculoso e forte. Sei que ele deve ter gasto algum tempo levantando pesos quando foi preso e depois na ilha, porque a definição nos seus ombros, braços e nos planos definidos do seu abdome não é acidental. Este é um homem que treina e treina duro, não há um grama de gordura na sua forma musculosa e esculpida. Ele tem uma barba grossa e escura que combina com a cor dos seus olhos quase-obsidianos arqueados com sobrancelhas grossas. Quando ele caminhou para desligar a luz, eu pude ver o jeito que as suas costas ondulavam, a tatuagem completa nas costas. Ele é força personificada. Estou completamente treinada, mas facilmente cem quilos mais leve do que ele e com uma clara desvantagem.

Então, quando seu braço flexiona ao redor da minha cintura, não sou imune à sensação masculina. E tenho que admitir que, num momento de fraqueza, quase gosto disso. Mas então me lembro com quem estou e preciso sair dessa cama. Nunca dormi algemada antes e é muito desconfortável. Apesar do fato de não ter nada para comer ou beber por mais de vinte e quatro horas, preciso usar o banheiro.

Oh, certo. Não *há* banheiro. Existe um projeto de banheiro improvisado que funcionará quando tivermos água corrente, mas até lá, estou ferrada.

Tento me esquivar por baixo do braço dele, mas os meus pulsos algemados me impedem de fazer um bom trabalho. Há um torcicolo no meu pescoço desde que dormi a noite toda sem me mexer e o meu corpo dói todo. A minha cabeça bate aonde me machuquei. Mas nem toda a dor é do acidente.

A minha bunda lateja da surra que ele me deu, e o lugar onde ele me mordeu se sente machucado e dolorido. Este homem é um animal. E a pior parte é que sei que ele está apenas começando.

Sei que ele está acordado quando sinto o comprimento do seu pau pressionado contra a minha bunda. "Você está acordada, querida?", ele rosna.

O ‘querida’ é pura zombaria e faz a minha pele arrepiar.

"Sim.", digo. "E preciso fazer xixi, então apreciaria se você soltasse essas algemas para que eu pudesse fazer as minhas necessidades."

"Não tenho certeza do porquê preciso soltar você para fazer xixi.”, diz ele.

Ele pressiona o seu pênis contra a minha bunda, provavelmente só para me lembrar que ele pode, antes de rolar para longe e dar à minha bunda uma palmada quase afetuosa, no seu caminho para fora da cama.

Idiota.

"Temos muito o que fazer hoje, então lá vamos nós."

Ele sacode a cabeça. "Duro de manhã, mesmo quando estou faminto e compartilhando uma cama com você," ele brinca. "Eu preciso desse banho trabalhando mais cedo do que tarde."

Nojento, o meu cérebro diz. Mas outra parte de mim está aliviada. Se ele está se referindo a se masturbar, isso significa que ele não está pensando em me estuprar. Depois da noite passada, eu não tinha tanta certeza.

Ele caminha para o lado da cama e puxa as calças. Eu arrasto os meus olhos para longe dele, me recusando a observar o jeito que seu abdome se move e a maneira como a linha escura de cabelo trilha do seu peito até a boxer.

Ele pode parecer quente como o inferno, mas ele é um monstro. Um maldito monstro.

Andando ao meu lado da cama, ele me pega pelo braço e me leva para a sala principal. Ele não fala muito, apenas grunhe e me leva para fora, então aponta vagamente na direção geral de alguns arbustos. “Não há espinhos lá. Vai."

Eu me viro e olho para ele, a minha boca aberta. "Vai? Apenas vai? Onde você pode me ver?”

Ele balança a cabeça com tristeza fingida, cruzando os braços. “Não dou a mínima para a sua privacidade. Você também pode aceitar

isso agora. Mas vou te dar duas escolhas. Você fica algemada e eu viro as costas ou tiro as algemas e não dou as costas.”

Ele não confia em mim. Não o culpo. Não tenho intenção de cumprir.

"Tudo bem.", assobio. "Vou ficar algemada, mas não olhe."

Ele sorri e se afasta um pouco, mas ainda está fodendo *lá.* No entanto, a natureza chama e eu não posso brincar com isso por muito mais tempo. Me afasto dele, tentando me iludir acreditando que, se não posso vê-lo, ele não pode me ver. Me atrapalho com a minha calcinha e tento tirá-la, finalmente faço o que preciso, mas é tudo muito mais difícil com as algemas.

"Odeio essas algemas estúpidas.", digo a ele. “Elas são desconfortáveis e não devem ser usadas a longo prazo. Elas são *temporárias.*" O metal já está raspando contra a minha pele, marcas vermelhas bem visíveis quando as algemas se deslocam um pouco.

"Vou escolher diferentes restrições mais tarde, uma vez que estivermos resolvidos.", diz ele, o que me surpreende. Nenhum comentário desagradável ou sarcasmo mordaz.

Eu, no entanto, me pergunto exatamente o que ele tem em mente.

"Precisamos cuidar do básico.", diz ele, quando me leva de volta ao nosso abrigo. “Comida, água, segurança. Você me paga de volta por salvar a sua vida.”, o canto dos lábios dele se ergue. "Seu treinamento."

Escolho não responder.

Seu foco está na sobrevivência. O meu também está. Não sei a que esse ‘treinamento’ ele se refere, mas não estou entusiasmada.

Ele me leva de volta para o quarto e para o meu alívio, pega as chaves e me solta. Corro os meus dedos ao longo dos meus pulsos, tentando esfregar a dor e a queimação, mas me sento na cama obedientemente. Meu estômago rosna de fome, a minha boca seca como uma lixa. Com tão pouco sono, estou me sentindo enfraquecida. Preciso de sustento.

"Deite-se.", ele ordena. Saúdo a cama embaixo de mim, sentindo-me subitamente cansada. "Mãos na sua frente." Eu faço o que ele diz. Não posso lutar com ele. Agora não. Vou esperar até a hora certa.

Ele se ajoelha na minha frente e tira uma grande lâmina dobrada do bolso. Me pergunto de onde ele tirou isso, mas meus pensamentos estão começando a ficar nebulosos e confusos por falta de comida. Ele aperta um botão ao lado e a lâmina se abre. Levantando a minha calça esfarrapada do chão, ele faz um rápido trabalho de cortar o tecido em tiras. Não luto contra isso. A calça era inútil neste momento. Ela agora estava em faixas, que ele inspeciona com uma carranca. Ajoelhando-se diante de mim, ele pega as tiras e enrola em um dos meus pulsos, não tão apertado quanto as algemas, mas apertado o suficiente para que haja pouco espaço para se mover. Quando estou bem presa, ele fica de pé, inspeciona o seu trabalho e acena com a cabeça.

"Bom.", diz ele. "Isso vai funcionar melhor a longo prazo do que as algemas."

Meu estômago cai. Longo prazo? Deus. O pensamento de intermináveis dias amarrada como sua cativa faz a minha garganta apertar e lágrimas molharem os meus olhos, mas as pisco de volta rapidamente.

Eu não sou uma vítima. Vou escapar dele. E quando eu fizer, ele pagará pelo jeito que está me tratando.

Ele se ajoelha na minha frente. "Vou reunir o que temos para comida e água.", diz ele. “Você vai ficar aqui deitada como uma boa menina. Entendido?"

"Onde diabos eu iria?", estourei

Ele pega o meu cabelo, mas não puxa, apenas enrola os dedos através dele para que o calor da sua mão esteja contra o meu couro cabeludo, antes que coloque a boca perto do meu ouvido. "Eu disse que o seu treinamento começa hoje, Nadine."

É a primeira vez que ele usa o meu nome, lembrando que não há onde se esconder aqui.

“E a primeira coisa que você precisa entender...”, ele começa pacientemente, como um professor instruindo uma criança pequena, “é que você não tem mais permissão para falar comigo. Você vai falar comigo com respeito ou será punida.” Sua respiração é quente e faz cócegas na minha pele, mas é a ameaça latente nas suas palavras que me faz tremer. "Este é o seu único aviso.", continua ele. "Por enquanto, permitirei que você saia com esse comentário se disser: *Sinto muito, senhor.*"

Eu estremeço, então a sua mão aperta o meu cabelo, me avisando.

"Sinto muito, senhor.", digo com os dentes cerrados.

"Boa menina." Ele me solta e fica de pé, cruzando os braços no peito e me olhando. "Role para as suas costas para que eu possa inspecionar a sua perna."

Eu me senti escondida na minha lateral. Nas minhas costas, me sinto mais exposta, vestida com nada além da minha calcinha. Mas ele não me olha, nem me toca desta vez, apenas se ajoelha e levanta a minha perna para inspecionar a lesão. "Muito bom.", diz ele. "Milagrosamente nenhum sinal de infecção ou inchaço." Ele corre uma mão da minha panturrilha até a minha coxa, seus olhos nos meus. Lembrando-me que não posso pará-lo. Ele se afasta de mim e caminha até a porta. "Eu volto em breve."

A porta range, abre e fecha. Amarrada assim, eu tenho pouca escolha a não ser descansar e ouvir os ruídos ao meu redor. Uma brisa sussurra através da janela e, em algum lugar próximo, ouço o murmúrio de água corrente. Isso é água doce? Deus, espero que tenhamos uma fonte de água. Sem uma, a morte por desidratação é

inevitável. Mesmo se encontrarmos os recursos do avião, só haverá o suficiente por alguns dias. É quase tranquilizador, deitada na cama assim, os sons da madrugada ao meu redor me embalando para dormir. Ouvi dizer que as pessoas presas em ilhas que estavam morrendo de desidratação tentam usar a água salgada para saciar sua sede. Não vai funcionar, no entanto. Isso nos matará.

Em casa, já tomei até duas xícaras de expresso. O que eu não daria por uma xícara agora. Minha mãe fazia o melhor café que eu já tive. *Une noisette*, expresso com uma pitada de leite espumante, me arruinou para o café americano. Ela fazia isso doce e forte, e eu cresci nisso.

A lembrança da minha mãe é vívida e brilhante, me atordoando com a súbita pontada de tristeza pela perda dela. Eu ainda posso ver o seu cabelo castanho arenoso tingido de cinza enfiado em um coque solto na nuca enquanto ela rolava a massa para sua *galette* caseira, cantando suavemente na sua linda voz. Vivíamos em um quarto alugado, porém o homem mais velho que possuía a casa a deixava usar a cozinha, se ela cozinhasse para ele. Quando criança, eu podia sentar e observá-la na cozinha por horas, mexendo na panela de bouillabaisse, em seguida, verificando o seu pão crescendo.

"Você vai a algum lugar, algum dia, Nadie.", ela dizia. "Você é feroz e determinada."

E eu fiz. Assisti quando a doença tirou o fogo dos seus olhos. Aos doze anos de idade, eu pegava empregos estranhos sempre que podia para pagar as nossas contas escassas para que ela não tivesse que se preocupar com elas.

E agora, quando fecho os meus olhos e espero pelo Adrian, eu me pergunto.

Será isso que ela sentiu? Desesperada e fraca, esperando pela morte certa, sem esperança na frente dela? Odeio o pensamento.

Ela não podia derrotar a doença, e a morte a reivindicou cedo demais.

Eu não vou cair sem lutar.

Perco a noção do tempo. Talvez as horas passam, eu não sei. Me pergunto se estou à beira do delírio quando a porta do nosso abrigo se abre e o ouço entrar. Um baque surdo soa do lado de fora da porta,

então a luz na porta escurece quando o seu corpo grande enche o batente.

"Sente-se.", ele late. É complicado, mas consigo me levantar para uma posição sentada. O meu estômago se agita com fome, a minha cabeça está confusa. É difícil completar um pensamento. Ele segura duas garrafas de água e dois pacotes de algum tipo de barra que parecem incongruentes na vida selvagem, como se ele tivesse acabado de voltar de uma viagem à loja.

Quando ele me alcança, ele se ajoelha, olhando para mim para ter certeza de que não fiz nada estúpido ou imprudente na sua ausência. A minha boca está molhada, sabendo que a comida é iminente. Ele pega uma garrafa de água e torce a tampa, suas enormes mãos diminuindo a pequena tampa e o pequeno círculo de plástico salta no chão. Colocando um dedo sob o meu queixo para me firmar, ele segura a garrafa nos meus lábios. Bebo ansiosamente, dando as boas-vindas ao líquido frio enquanto lava a minha garganta seca. Muito cedo, ele puxa para longe. Choramingo.

"Mais.", digo.

"Diga isso de novo.", diz ele com uma carranca.

Eu sufoco um gemido. "Por favor, posso ter mais?"

Ele levanta uma sobrancelha com expectativa. *Deus.*

"Por favor, senhor."

"Um pouco de cada vez.", diz ele com uma careta, nem mesmo reconhecendo a minha concessão a ele. "Você pode ficar doente, se tomar muito rápido."

Ele abre um pacote em seguida. Tento ver o que é isso. É uma espécie de barra de frutas e cereais. Ele deve ter encontrado a bolsa de alimentos de emergência que tínhamos no avião. Tento ver o sabor que ele abre para mim e franzo a testa quando vejo uma foto de figos na frente. Integral. Eu odeio essas coisas.

Ele deve notar o olhar de desprezo, tanto que ele ri, abre o pacote ainda mais, e arranca uma grande parte. “Infelizmente, não há tempo ou espaço para ser exigente, querida. Abra."

Odeio que ele me alimente como um cachorro, com sua própria mão e sou tentada a morder os seus dedos quando chegam perto da

minha boca. Isso me faria ser punida e qual é o objetivo, afinal? Eu preciso de comida.

Ele coloca a comida na minha boca. A minha boca está molhada quando a comida bate no meu paladar. O gosto dos figos ainda é grosseiro, mas embrulhado nos grãos de nozes e na doçura, é tolerável. E agora que estou um pouco fortalecida, preciso jogá-lo fora de ordem.

Quando ele coloca o segundo pedaço na minha língua, eu fecho os meus lábios em torno dos seus dedos enquanto encontro os seus olhos. Começo a sugar o dedo dele. Seus olhos se arregalam um pouco em surpresa, depois escurecem quando ele retira a mão. Alcançando os meus pulsos amarrados, ele vira a minha mão e coloca os restos da barra. "Alimente-se, então.", diz ele, enquanto se empurra para ficar em pé. Ele me observa lutando para levar a comida à minha boca, desajeitada e teimosamente, como uma criança, depois abre uma garrafa de água para si. Percebo que ele esperou por mim, para ver as minhas necessidades satisfeitas primeiro.

Por quê?

Finalmente, depois de um tempo, nós dois terminamos as nossas águas e barras. Meu estômago ainda rosna com fome, mas depois de

alguns minutos, enquanto a comida desce e me enche, estou mais satisfeita.

Sem uma palavra, ele me deixa na cama e sai novamente, voltando alguns minutos depois com uma grande caixa de metal.

“Estoque de alimentos de emergência.", diz ele. “Isso flutuou para a praia e peguei o que pude. Isso só será suficiente por alguns dias, então teremos que encontrar fontes alternativas.”

Eu aceno, não dando a ele a satisfação de falar.

"Vamos nos limpar.”, diz ele, com um brilho duro nos seus olhos me dando uma pausa. Para a minha surpresa, ele segura um pacote amarelo na mão. Demoro alguns segundos para perceber que ele tem o meu sabonete nas suas mãos.

"Onde você encontrou isso?", respiro. Isso pertence a mim. E se ele achou isso...

Ele encolhe os ombros. "Parece que foi levado até a costa.", diz ele. Mas a caixa ainda está intacta, não desintegrada da água. Não foi para a praia sozinho.

"E nada mais?"

Seu rosto permanece impassível. Ele dá de ombros. "Agora eu acho que o tempo dirá, não vai?"

Eu o deixei me machucar, me amarrar, me algemar quando durmo e me alimentar como se eu fosse um animal. Mas agora, a percepção de que ele tem as minhas coisas e não as está dando para mim me enfurece. Quero as minhas roupas. Se ele tem a minha bolsa, então ele pode ter as minhas outras posses também.

Eu fico de pé, alheia ao fato de que os meus pulsos ainda estão amarrados. "Seu idiota.", eu grito. "Você tem as minhas coisas. Eu as quero! Me dê as minhas coisas."

Ele balança a cabeça, meu único aviso antes de atravessar o quarto tão rápido que é um borrão. Nem tenho tempo para respirar. Ele facilmente me inclina sobre a cama e me segura de barriga para baixo. Ouço um tintilar quando ele vai para o chão onde seu cinto está. Eu deveria ter chutado a porra da coisa debaixo da cama enquanto ele estava fora.

"Não!" Eu choro, me contorcendo sob ele para fugir, mas ele me segura rapidamente, empurrando a mão na parte inferior das minhas costas, em seguida, puxando a minha calcinha pela minha bunda. Ela cai nos meus tornozelos. Me contorço e chuto sem sucesso.

"Eu te disse que o seu treinamento começa hoje.", ele começa em um tom baixo e firme antes de estalar o couro dobrado na minha bunda. A dor floresce na minha pele. Não posso sair enquanto ele me segura no lugar, me batendo de novo e de novo. Grito e tento me contorcer, mas não adianta. Sua mão em mim é forte e ele sabe segurar alguém para isso.

Claro que ele faz. Isto é, afinal de contas, o que ele fez com a sua última vítima antes de matá-la. A visão do seu corpo mutilado e machucado assalta a minha memória. Eu fecho os meus olhos, me contorcendo sob as chibatadas do seu cinto, cada excruciante estalo se construindo no seguinte.

"Você vai aprender o seu lugar.", ele grita, entregando outra chicotada sólida. “Você não vai me dizer o que fazer, falar rudemente ou me desafiar. Você vai me obedecer.”

"Não.", eu grito, mais rouca do que antes, menos resistente. Precisa parar. A dor precisa parar.

Ele me bate novamente, tão firme quanto antes.

"Peça desculpas.", diz ele. "Diga *me desculpe, senhor.*"

"Isso é...", eu suspiro, recusando-me a agradá-lo, "alguma cena distorcida que você faria no seu clube? Chicotear uma menina que implora por misericórdia?" Ele me ataca ainda mais baixo, em ambas as coxas, a dor ardente insuportável. Lágrimas entopem a minha visão e a minha garganta aperta, mas eu não choro.

Eu nunca choro. Não vou chorar agora.

A dor é quase insuportável, mas vou sobreviver a isso.

Eu devo.

"Isso não é uma cena.", diz ele. "Você pode gritar uma palavra de segurança até ficar rouca. Isso não irá parar até você desmoronar."

Os golpes do seu cinto diminuem, mas ainda caem, um após o outro, o movimento do ar e o baque de couro contra a pele nua.

"Eu posso esperar todo..."

Thump.

"Fodido..."

Thump.

"Dia."

"OK me desculpe!" Lamento, pensando que vou morrer. Ninguém pode suportar essa dor que não diminui.

“Eu sinto muito o *que?*”

Não.

Um corte do cinto pousa na parte inferior da minha bunda, um ponto mais macio do que antes e eu uivo de dor.

“Sinto muito, senhor!", finalmente digo. A minha voz sufocada em um soluço que saiu de dentro de mim.

Mas ainda assim, não vou chorar, mesmo que tenha perdido a minha dignidade para esse monstro. Cerro os meus dentes e ignoro a minha visão embaçada. Aprendi anos atrás no treinamento que as

lágrimas são uma resposta à emoção, não à dor. Nem sequer chorei quando enterrei a minha mãe, o seu corpo frágil encolhido até a pele esticar sobre os ossos. Se ela não obteve as minhas lágrimas, não vou permitir que este homem tenha a gratificação de me fazer chorar.

Ele deixa cair o cinto no chão, mas me mantém presa no lugar.

"Você vai me obedecer, Nadine.", diz ele com convicção, o uso do meu nome me faz sentir doente. Ele não é alguém que eu seja próxima. Ele é o meu tormento.

Eu aceno com a cabeça, castigada e por pouco, a dor quase me quebrando.

"Fique de joelhos."

Ele me libera e me levanta da cama. Minha calcinha ainda está em torno dos meus tornozelos, meu traseiro nu latejando. Meu estômago aperta e me pergunto o que ele fará em seguida.

Meus joelhos batem no chão de madeira, a dor na minha perna ferida latejando. Ele está na minha frente, com as mãos nos quadris. Quando meus olhos patinam pelo comprimento dele, faço uma careta. Seu pau está duro como uma rocha, uma protuberância em suas calças.

"Você já deu um boquete?", ele pergunta em conversação, sentado na beira da cama.

Meu estômago revira com náusea. Ele não sabe que nunca deixei um homem colocar um dedo em mim e até agora, o meu plano era que nunca faria isso.

"Não."

Ele se inclina e pega o meu cabelo. "Você me deve por salvar a sua vida.", ele diz. Olho a protuberância nas suas calças. Não há como evitar isso. Se ele quer que eu o masturbe, ele pode me forçar.

Então, por algum motivo, ele parece mudar de ideia. Ajustando o seu duro pênis, ele fica de pé.

"Da próxima vez que você decidir falar comigo, vou encontrar uma maneira criativa de usar essa sua língua.", ele promete. "Mas por enquanto, você vem comigo."

Como se eu tivesse escolha.

Claro, ele mantém a amarração nos meus pulsos. Mas não farei nada maluco se ele tirar. Aqui não. Agora não.

Estou bem ciente do que acontecerá se eu fizer.

Capítulo seis

Adrian

Eu não confio nela o suficiente - ou, aliás, onde estamos - para deixá-la sozinha. O terreno é áspero e trazê-la comigo algemada dá mais trabalho para mim. Se ela tropeçar, vou ter que pegá-la. Mas eu a observo com cuidado. Depois da surra que dei nela, suspeito que ela ficará, pelo menos momentaneamente, humilhada.

Não estou errado. Ela está mais quieta e submissa agora.

Verifico sua perna machucada para ver se ela consegue andar, e embora ela ainda esteja com dor, não está sangrando. Vamos nos mover devagar, mas podemos investigar a ilha.

Não me arrependo de espancá-la. Eu não. Ela não merece cuidados posteriores como uma submissa. Não preciso segurá-la e dizer que ela será uma boa menina agora.

Esse não é o meu propósito com ela.

Mas eu costumava ser um bom homem. Há muito, muito tempo. Antes de perder a minha fé na humanidade, antes de ceder aos meus desejos perversos, eu costumava ser um bom homem.

Eu culpo a desidratação e falta de comida pelos meus pensamentos fracos.

Precisamos explorar esta ilha. Também precisamos, de alguma forma, descartar os corpos que estão na costa, mas existem outras necessidades urgentes primeiro.

O sol bate, quente e seco. Quando planejei a minha fuga, pesquisei as ilhas do Pacífico, mas há tantas que só tenho uma ideia aproximada de onde estamos agora. Uma parte de mim teme que haja equipes de resgate enviadas para nos pegar, mas não há como saber se a nossa comunicação foi interrompida cedo demais.

Eu não vou voltar para a vida civilizada.

Lidarei com uma equipe de resgate se o problema surgir.

Eu tenho uma segunda chance. Nunca vou desistir disso.

Embora existam literalmente milhares de ilhas desabitadas onde voávamos, há algumas destinadas à América com a intenção específica de fazer pesquisa científica. Não é incomum para equipes de pesquisa viajar para ilhas distantes para estudar erupções vulcânicas e padrões ou a flora e a fauna.

Juntei alguns fatos e tive uma ideia básica. Os cientistas foram enviados aqui para pesquisar. Eles estavam lidando bem com as condições de vida rudimentares por causa da sua missão. Enquanto aqui, eles recebiam água, eletricidade, comida e opções de comunicação. Mas quando eles completaram a sua missão, os suprimentos necessários foram cortados até que outra expedição científica retornasse. Pode nunca haver outra.

Eu suspeito que sei como ligar a água. Lá atrás, até encontrei uma pequena cabana que parece uma cozinha de acampamento: rústica, mas adequada com um fogão a gás propano e uma mesa rudimentar, ao

lado do gerador. As pessoas que estavam aqui antes de nós não eram meros carpinteiros. Uma vez que nossas necessidades básicas sejam supridas, terei que moldar algumas coisas melhor do que as que temos. Mas antes de nos acostumarmos a amenidades mais refinadas, precisamos de uma fonte de alimento e, mais importante, de água.

"Para onde você está me levando?", ela pergunta, um tom nervoso na sua voz.

Eu sufoco um sorriso.

Ela está comigo. Não tenho certeza se ela realmente compreende quanto de perigo isso a coloca dentro.

"Estamos à procura de comida e fontes de água.", explico. "A merda do avião não durará muito, então precisamos ver quais são as nossas opções."

"Eles vão nos encontrar.", diz ela, olhando para mim desafiadoramente, como se me desafiasse a contradizê-la.

"Se eles fizerem isso, vou amarrá-la e amordaçá-la, nos esconder e qualquer evidência da nossa vida aqui, até que eles saiam daqui convencidos de que não há sobreviventes.", digo. Ela estremece. No

entanto quero dizer o que digo. Não estou saindo, porra, e ela também não.

Ela está certa ou errada sobre as equipes de resgate e o que penso sobre isso não afetará o que realmente acontecerá.

Por um momento, me pergunto se não a castiguei o suficiente. Mas como dominante sei melhor. Controle não é sobre força bruta. Ela precisa saber que sou alguém que pode ser confiável. Ela será mais complacente se sentir mais que a dor da minha mão?

Eu me levanto e cruzo os braços no peito, olhando para ela pensativamente por tanto tempo que, finalmente, o olhar dela volta para mim. Seus olhos estão doloridos, protegidos de mim.

"Venha aqui."

Não vou suavizar. Não vou ser nada além do seu tormento. Ela não é nada para mim, além da minha cativa.

Mas ela *me* capturou por causa do que acredita que eu seja. *Quem* ela acredita que eu seja…

Não. Ela não é confiável, então ela continua sendo a minha prisioneira.

Empurro os pensamentos fracos da minha mente.

Não vou realmente consolá-la. Estou curioso, no entanto, se ela é mais complacente quando recebe tanto a cenoura quanto a vara.

"Nadine.", digo, em aviso. “Te dei uma instrução. Venha aqui."

Ela aperta a mandíbula desafiadoramente, mas seu olhar se afasta rapidamente.

Ela não quer ser punida novamente.

Quando ela se aproxima de mim, coloco o meu braço ao redor dos seus ombros e a seguro perto, então coloco um dedo sob o queixo inclinando a cabeça dela para trás, para que eu possa olhá-la nos olhos. "Você está com dor?"

Ela pisca em confusão. "Claro que estou.", ela diz. "Você me chicoteou."

“E você mereceu isso. E honestamente, querida, isso não foi uma chicotada. Espanquei você com o meu cinto. Você tem sorte de eu não

ter um chicote real comigo.” Eu estou tão fodido, que a ideia de enrolar a minha mão em torno do cabo de um chicote e o empunhar na sua bunda linda, faz o meu pau duro.

Ela se vira com uma careta, mas trago o seu olhar de volta para mim com o dedo no queixo.

"Há mais alguma coisa que dói?" Pergunto. "Como está sua perna?"

"Claro que dói.”, diz ela, o seu corpo oscilando. De volta ao abrigo, em nossos suprimentos, tenho alguns analgésicos que eu poderia dar a ela.

Não. Empurro o pensamento da minha mente.

Aqueles serão para uma necessidade real, não para um corte na perna e uma surra. Inferno, espanquei submissas no clube mais do que a castiguei.

Estendo a minha mão para a sua bunda, sentindo o calor direto através da sua calcinha, pulsando contra a palma da minha mão. Amasso, ela sussurra, os seus dedos se agarram a mim, mas quando percebe o que está fazendo, ela me solta, tentando dar um passo para

trás. Ela se move tão rapidamente e provavelmente distraída por seus ferimentos, que ela perde o equilíbrio e tropeça. Eu a agarro enquanto ela cai, segurando-a tão perto que é quase íntimo.

Estamos ofegando desde o contato tão próximo. "Você está bem?" Pergunto a ela, olhando para os seus olhos e me foda se realmente não quero saber.

É parte de como sou condicionado, digo a mim mesmo.

Sou dominante. Quando aplico a punição, está no meu sangue cuidar da minha submissa, para verificar o seu bem-estar emocional e físico. Passei o último ano da minha vida em vários clubes. Nunca fiquei satisfeito em nenhum relacionamento, a menos que tivesse uma submissa em tempo integral.

Mas ela não é sua submissa.

É um refrão constante na minha cabeça.

Quem somos é uma maldita síntese dos nossos passados e experiências, o que fizemos e o que esperamos fazer. Não posso ignorar o treinamento dominante no meu sangue mais do que ignorar o fato de ser um homem branco. Que meu pai era um líder do crime organizado.

Que o sangue de uma mulher inocente mancha as minhas mãos até o dia da minha morte.

Então, quando eu a abraço, não é um pensamento consciente.

Seus olhos olham para mim, arregalados e assustados e eu não sei se o medo que vejo é por causa do que fiz com ela, o que planejo fazer ou que ela sabe onde isso pode nos levar se não formos cuidadosos.

Eu a solto, segurando no seu braço para ter certeza que ela não tropece novamente.

"Tenha cuidado.", eu digo, mais áspero do que pretendia. Não quero que ela veja fraqueza. Ela precisa me temer.

Ela precisa me foder com medo.

"Vamos.", eu digo.

Ela anda tão longe de mim quanto vou permitir, a sua cabeça erguida e apertada com o esforço de me mostrar que não vai desistir da sua dignidade. Posso chicoteá-la, tocá-la, desnudá-la e acariciá-la, e ela não vai desmoronar. Inferno, ela provavelmente gostaria de ter morrido no acidente, sem nada a esperar.

Quando o pensamento vem para mim, eu o empurro para longe. Eu deveria odiar essa mulher. Vingança exata.

"O que exatamente temos de volta ao nosso abrigo?" Ela pergunta. A transpiração mancha a sua testa quando ela olha para mim e é só então que percebo o quão gostosa ela realmente é. O sol bate impiedosamente, a umidade como um cobertor molhado, permeando o ar ao nosso redor. Precisamos ter cuidado para não nos esforçar muito nesse calor, especialmente porque ainda precisamos fazer a caminhada de volta e nossa água é tão limitada.

"Devagar, Nadine.", instruo. Obedientemente, ela faz o que digo. "Eu não quero que você caia enquanto estiver algemada, e está ficando quente aqui."

"Solução fácil para isso.", ela murmura. "Poderia apenas se fu…", ela para. "Poderia apenas me soltar."

"Vou te soltar quando você merecer.", digo a ela, mas a verdade é mais do que isso. Quando ela merecer e quando eu puder confiar nela, o que pode nunca acontecer.

Ficarei aqui até o dia em que eu morrer. Não há nada para mim nos EUA, só vingança e ódio. E nada para mim em qualquer outro lugar do mundo. Eu tinha o que precisava quando me escondi, mas viver sob uma identidade assumida não é maneira de viver.

Aqui nesta ilha, com o sol batendo e ondas batendo em uma praia de areia branca? Aqui, posso passar o resto da minha vida em paz.

Ela vai querer sair desta ilha. Ela vai querer encontrar uma maneira de contatar as autoridades ou construir um barco de fuga, ou o que quer que seja. Isso não está acontecendo. Estamos muito longe com suprimentos muito limitados.

Uma equipe de resgate, no entanto... isso pode representar um problema.

Ela vai ganhar muitas coisas quando se comportar. Sem algemas. Alguns dos pertences pessoais que encontrei na bolsa dela.

Orgasmos, quando for a hora certa.

Mas ela tem um longo caminho para seguir.

Ela murmura para si mesma, mas é suave o suficiente para permitir que passe sem recurso. Como ela está dolorida pra caralho e será marcada depois da surra que dei a ela.

"Oh," ela diz de repente, sua voz mais alta e perdendo o sarcasmo. Assustada, até. Ela aponta as suas mãos algemadas na frente dela, um dedo acenando para um toque de cor vibrante atrás de um tom de arbustos verdes frondosos. Eu aperto meus olhos e olho.

"Framboesas?"

Por um momento - apenas um momento - somos parceiros nisso. Nós caminhamos como um, a esperança subindo entre nós, quando o arbusto se abre para um enorme aglomerado de framboesas vermelhas brilhantes. Ela estende a mão para pegar uma, mas eu a paro com um comando afiado.

"Pare! Você não toca nessas ainda."

Ela se vira para mim, franzindo a testa. "Eu não ia *comê*-las.", diz ela. "Apenas tocar."

“Framboesas venenosas podem te fazer contorcer de dor por horas, ou te matar.”, digo. “Nós vamos ter que testá-las primeiro. Até mesmo se o suco tocar na sua pele pode machucá-la.”

Seus olhos azuis claros parecem perturbados enquanto ela afasta as mãos obedientemente. "E como vamos testá-las?", então ela balança a cabeça, a borda sarcástica na sua voz retornando. "Oh, eu sei. Você vai me fazer comer primeiro. E se eu não gritar em agonia ou morrer, elas serão boas o suficiente para você.”

Ela merece outra surra, só pela insinuação. Mas agora não. Ainda não.

"Segure a sua língua.", ordeno. Seus lábios se juntam com força. “Eu não faria isso. Não tenho intenção de matá-la ou arriscar a sua vida.”

Parece que ela quer revirar os olhos, mas assim que começa, para e sacode a cabeça. Quando ela fala, é nada mais do que sincera.

"Qual é o seu plano, então?"

Como se eu precisasse contar a ela o meu plano.

"Você é minha cativa.", digo a ela, sem remorso. “Você será a minha companheira aqui. Mas desde que você não pode ser confiável, você primeiro será treinada. Em obediência. Deferência para mim como sua autoridade. Só então você vai ganhar mais liberdade.” Dou de ombros. “E só depois que sentir que você fez o devido recurso pelo que fez. A realidade é que não tenho intenção de estar aqui sozinho e farei o que puder para impedir que isso aconteça.”

"Huh.", diz ela com um bufo sarcástico na respiração, uma risada sem graça que faz seu rosto parecer estranhamente cruel. “Aqui está uma ideia. Me foda e você terá filhos para fazer companhia a você. Você poderá cuidar deles como Tarzan da selva e o que acontecer comigo depois disso será irrelevante.”

"Isso é o suficiente, Nadine." Embora meu tom seja suave, sei que ela entende o que digo quando a boca dela se fecha e ela desvia o olhar.

"O que você não sabe,” diz ela, não encontrando os meus olhos. "É que não posso ter filhos de qualquer maneira." Ela diz isso com dor e orgulho, como se estivesse tentando me machucar, mas só acabou se machucando.

Me pergunto por um momento se eu deveria continuar, exigindo que ela me conte mais, mas decido deixar passar.

Com o tempo... vou saber tudo o que há para saber sobre ela.

"Há maneiras de testar se essas frutas são venenosas.", digo a ela. “Preciso inspecioná-las de perto e testar primeiro o suco na pele, depois nos lábios e, eventualmente, podemos saboreá-las. Se elas são venenosas, nós saberemos. Embora as framboesas vermelhas *são* geralmente boas. Quanto mais escuras elas são, maior a probabilidade de serem comestíveis.”

"Como você sabe tudo isso?"

Eu dou de ombros. “Pesquiso pesadamente ilhas remotas. Eu não tinha certeza de onde acabaria, então queria estar preparado. Eu precisava saber como sobreviver numa região selvagem.”

"Sorte minha.", ela murmura, mas posso dizer que ela está realmente satisfeita.

Ela balança a cabeça, lambendo os lábios enquanto olha para os ramos pesados carregados com o que parece ser uma fruta deliciosa. A

verdade é que, por mais importante que seja uma fonte alimentar, por agora, precisamos de água mais do que qualquer outra coisa. Eu pego uma tira de tecido do meu bolso, uma das peças restantes da sua calça rasgada que guardei no caso de precisar contê-la ainda mais. Seus olhos se arregalam, seu corpo enrijece enquanto ela observa. Levanto uma sobrancelha para ela.

"Preciso te amordaçar?", pergunto, como um professor severo corrigindo um aluno errante.

Ela sacode a cabeça silenciosamente. Vou treiná-la se isso me matar.

"Responda corretamente ou *vou* te amordaçar."

"Não, senhor.", diz ela, a sua voz suave, mas seus olhos endureceram.

"Bom.", digo com um sorriso forçado, observando-a enquanto pego a tira e amarro-a em um ramo baixo e fino que se estende sobre os arbustos das framboesas na nossa frente. Um leve rubor colore as suas bochechas quando ela percebe que eu pretendia marcar o nosso

lugar, não a amordaçar. Lanço uma piscadela para desestabilizá-la. Ela desvia o olhar rapidamente.

"Vamos.", digo. “Nós voltaremos mais tarde e veremos a vida selvagem, ver se eles consomem essas frutas. A boa notícia é que, mesmo que as frutas sejam venenosas, elas fornecem uma fonte de alimento para qualquer fauna em potencial. Se conseguirmos atrair pequenos roedores e pássaros mais pesados, encontraremos uma boa fonte de nutrição.”

Ela faz uma careta, mas não responde. Inferno, o pensamento de comer esquilo assado também não é exatamente atraente para mim, mas não sou muito fã de ficar fome.

"Você sabe, havia um som de água perto do nosso abrigo.", diz ela, como se a ideia tivesse ocorrido a ela.

"Um som de água."

"Como água corrente.", diz ela, quase timidamente.

"E você, apenas agora, pensou em me dizer isso?", pergunto, mas tento manter o meu tom leve. Não estou com raiva dela.

"Bem.", diz ela. "Outras coisas... surgiram."

Dou uma gargalhada, surpreendendo até a mim mesmo. “Bem, vamos voltar e investigar então. É hora de ter algo para comer também.”

"Já?", ela pergunta curiosamente, curvando uma sobrancelha para mim.

"Te alimentei há três horas.", digo.

"Sério?", ela parece genuinamente perplexa. "Como você sabe?"

Eu a puxo para mim e aponto para o sol acima de nós. "É assim que eu sei.", digo, mas estou apenas provocando. Ela olha para o céu maravilhada.

"Você pode dizer a hora pelo céu?", ela reflete. “Quão de ... garoto escoteiro você é?"

"É.”, eu murmuro. "Até sei como assar um maldito marshmallow se eu tivesse um."

Ela pisca surpresa e sorri.

Cristo. Nunca a vi sorrir. As pessoas devem ser advertidas quando as garotas tem esse sorriso dela. Os homens fazem merda como vender seus reinos e premiam posses por sorrisos menos vibrantes que os dela.

Foda-me.

Mas assim que ela percebe que está sorrindo, ela se compõe e soluça, a felicidade momentânea se esvaindo.

Eu ensino as minhas próprias características.

Nós não somos amigos. Nós nem somos conhecidos.

No entanto, antes de voltarmos ao nosso abrigo, preciso explorar mais algumas coisas. Sei, pelas minhas explorações desta manhã, minhas observações na noite passada e nossa caminhada hoje, que cobrimos quase metade da ilha. Até agora, não cataloguei criaturas da floresta. Embora eu tenha certeza de que elas existem, eu também suspeito que estejam escondidas, desacostumadas a habitantes nesta ilha. Pássaros voam por cima, mas também, como os animais, parecem assustados e rapidamente decolam.

Dadas as nossas opções limitadas, notei todas elas como potenciais fontes de alimento.

À nossa frente, a floresta irrompe em uma clareira. Quando andamos pelo arco final das folhas, Nadine ofega, incapaz de sufocar a sua surpresa com o que está diante de nós.

Uma praia pequena, mas bonita, coberta de areia branca e pontilhada de conchas delicadas, estende-se diante de nós. O céu azul brilhante é salpicado de nuvens. Esta praia é muito maior do que aquela onde aterrissamos e melhor até do que a linda areia que se estende à nossa frente, há dezenas e dezenas de palmeiras robustas carregadas de cocos.

Me pergunto por que aqueles que construíram o abrigo escolheram localizá-lo do outro lado, em vez daqui. Este é o lugar dos sonhos, uma utopia em que as pessoas gastam muito dinheiro para conseguir.

E está aqui. Nosso. Nossa própria pequena ilha particular.

"Uau.", é tudo o que ela diz.

"É lindo.", concordo. "Vamos." Eu a levo para a praia e tiro os meus sapatos. Ela faz o mesmo. Andamos silenciosamente até a beira da água, a areia branca e macia se fundindo entre os dedos dos pés. “Com uma praia assim, tenho certeza de que podemos pegar peixes de água salgada.”

"Você sabe.", ela murmura para si mesma. “Nunca gostei de coco ou peixe. Mas algo me diz que vou aprender a me adaptar.”

Eu bufo uma risada quase silenciosa. “Você aprenderá a se adaptar ou eu farei a adaptação com você esticada no meu colo. Este não é o momento de ser exigente.”

Quando chegamos à beira da água, ela mergulha um dedo. "Oh, é quente.", diz ela. “Por que está quente agora? Estava tão frio ontem à noite.”

"Apenas uma parte diferente da ilha.", explico. "Pode ter havido um abismo por perto que filtrou a água fria e esta é mais uma entrada."

"Você acha que é seguro nadar?", ela pergunta.

"Claro que sim.", digo a ela. Pretendo fazer exatamente o mesmo. “Mas não temos filtro solar, então teremos que esperar ou acabaremos assados como lagostas ou sofrendo insolação. E essas duas opções são ruins.”

"Mmm...", ela geme. "Lagosta."

"Sim, parece bom para mim," concordo. “Uma grande, gorda e amanteigada lagosta com batatas crocantes. Infelizmente, não há lagostas aqui.”

Ela franze a testa e olha para longe. “Eu realmente quero tomar um banho. Você disse que íamos nos banhar.”

"Nós vamos, uma vez que tudo esteja garantido."

Seus olhos de repente se fecham, sua mandíbula enrijece. “Nós não estaremos aqui para sempre, você sabe. Eles nos ouviram,”, diz ela. “Eles nos ouviram pedir ajuda e conhecem as nossas coordenadas antes de descermos. Eles nos encontrarão.”

"Eles irão?", pergunto. "Acho que não. Qualquer registro mostrará que o avião caiu. E não tem como eles terem recursos para nos

encontrar, mesmo que quisessem.” Não é verdade, mas quero plantar uma semente de dúvida na sua mente. Não a quero definhando para uma missão de resgate que não virá, mas o mais importante, quero que ela saiba exatamente quanto tempo ela está aqui.

Para sempre. Como eu.

Capítulo sete

Nadine

O resto da nossa viagem de volta ao nosso abrigo passou quase completamente em silêncio. Nós encontramos as framboesas, a possibilidade de pescar e há grandes pássaros voando sobre a água, que Adrian insiste que ele pode pegar e assar. Meu estômago se agita com o pensamento. Inferno, na volta para casa, eu nem compro frango com osso e se posso encontrá-lo já cozido, isso é excelente.

No entanto essas framboesas. Elas pareciam incríveis. Olho para elas na rota de retorno e até vejo um pássaro pegando-as. É um pequeno pássaro branco com uma mancha amarela no seu bico, que belisca os frutos maduros sem pensar no veneno ou qualquer merda assim e vejo enquanto ele engole tudo.

Se o pássaro pode comê-las e não morrer, por que não posso?

Nós voltamos pelo caminho que viemos. Adrian explica que, quando encontrarmos um suprimento confiável de comida e água, poderemos explorar mais completamente. Ele estima que podemos percorrer toda a ilha em quatro ou cinco horas, mas ele quer estar totalmente preparado para quando o fizermos.

Tanto faz. Eu só quero um banho e algo para comer e beber.

Adrian tem vários cocos grandes que encontrou na base dos coqueiros. Nós precisaremos de mais do que isso, mas eles bastarão por agora. Ele parece orgulhoso de si mesmo, mas não tenho orgulho dele.

Ele pode ter mostrado um pouco de compaixão hoje, mas o homem ainda é um monstro.

Ponto final.

E só vou obedecer desde que isso me ajude a evitar ser punida.

Vou enganá-lo. Deixá-lo pensar que de alguma forma me quebrou em conformidade. E uma vez que ele baixar a guarda, farei meu movimento.

Não tenho a menor ideia de onde estamos e peço a Deus que Adrian o faça. Pelo amor de Deus, eu não posso dizer a diferença do norte e do sul ou o que quer que seja, então quando ele diz: 'Onde estava aquele som de água?', me surpreende, pois eu não sabia que estávamos tão perto do nosso abrigo.

"Não sei.", eu digo. "Sei que ouvi a partir da janela para a esquerda, enquanto estava deitada na cama mais cedo."

Ele balança a cabeça e segue para o lado da cabana. Eu sigo. Não demora muito até que o som de água corrente atinja os nossos ouvidos e nós dois aceleramos nossos passos. Estamos perto agora. Tão perto. Se encontrarmos outra fonte de água salgada, estamos ferrados.

Por favor, seja doce, digo em uma oração silenciosa, algo que não faço desde que era criança. Temos água salgada em abundância, mas precisamos nos hidratar.

O som da água corrente se intensifica, ficando ainda mais alto e com isso ouço o barulho da água e a agitação das ondas, os pássaros cantando lá em cima. O som da água fica mais e mais alto. Parece muito mais do que um gorgolejo constante.

"Acho que é ao redor da curva.", diz Adrian. "Com certeza parece."

Meu batimento cardíaco acelera em excitação.

"Vamos entrar à esquerda aqui.", murmura Adrian. "Logo após este banco de árvores."

Nós nos viramos e quando passamos pelas árvores, nós dois congelamos.

A razão pela qual a água soou tão forte foi porque não há apenas um riacho, mas *cachoeiras.* Cachoeiras gêmeas, batendo na água azul profunda abaixo. O sol filtrando do céu, iluminando o belo espaço com cores.

"Uau," respiro, esquecendo por um momento que estou com o Adrian. Não quero que ele pense que algo me impressiona. Se ele acredita que estou encolhida de medo ou de alguma forma perdi a

minha capacidade de ficar impressionada, isso lhe dá menos controle sobre mim.

"Uau está certo.", ele responde.

"E eu poderia realmente nadar aqui porque o sol não está batendo tão forte no céu, com o sombreamento das árvores."

"Você poderia.", diz ele, voltando-se para mim com uma leve carranca. “Se eu deixar. Você não pode nadar com restrições.”

Sim. Claro. Abstenho-me de revirar os olhos, mas mal.

"Vamos ver se isso é água salgada."

Aceno e sigo ele. Ele se inclina para baixo, mergulha um dedo na água e, em seguida, coloca na boca a gotícula grudada na ponta do dedo.

Ele me mostra um sorriso pleno e eu sorrio para ele. Por um breve momento no tempo, nós nos alegramos juntos. Eu nunca o vi sorrir. Quase posso acreditar que ele tem algo de bom nele.

Quase.

"Fresca?", pergunto.

Ele concorda. "Se é uma cachoeira, é provável que seja de água doce."

Eu sorrio. "Excelente. E finalmente posso tomar um banho?”

O sorriso desaparece do seu rosto enquanto seus olhos escurecem. “Você quer dizer que agora posso te dar banho? Sim."

Um arrepio corre através de mim. Que ingenuidade minha pensar que ele realmente me deixaria tomar banho. Não depois do que ele fez comigo na noite passada. Inferno, não depois do que ele fez para mim esta manhã. Nosso passeio ao redor da ilha fez isto quase parecer uma aventura. Mas não é. É um pesadelo. É um maldito pesadelo.

"Oh?", eu pergunto, olhando para longe, tentando fingir que a menção dele me dando banho não me faz sentir toda estranha por dentro. Não estou ligada. Não estou excitada.

Pelo menos é o que eu digo a mim mesma.

Ele franze a testa, olhando em volta de nós. Puxando a barba meditativamente, ele reflete em voz alta e rouca. "Está quente aqui, à direita, há uma pequena porção fechada que provavelmente será mais

quente que o resto, e não contaminará a potencial água potável se nos banharmos lá."

Mas tudo que ouço é *blá, blá, blá, aqui.*

Seus dedos alcançam o fecho da sua calça e eu observo o modo como os músculos ao redor do seu pescoço e peito se agrupam. Ele solta a calça, empurra-a para baixo, sai dela e a dobra em um quadrado perfeito. Ele joga o quadrado em uma pedra lisa e depois pega a sua boxer.

A minha boca fica seca. Tento desviar o olhar. Eu não quero vê-lo nu. É muito estranho e se eu ficar excitada apenas olhando para ele? Eu não posso.

Eu não posso, não posso, não posso.

Mas é claro que sim. Vejo como ele está na minha frente vestindo apenas uma cueca boxer que faz pouco para esconder a curva da sua longa ereção e os músculos tonificados da sua bunda. Suas pernas são tão robustas quanto troncos de árvores, tonificadas como as de um corredor. Os planos achatados do seu estômago estão cobertos de pelos escuros e finos que vão direto para baixo da sua barriga até a cueca.

Nunca estive com um homem e não estarei com este.

Isso é tortura para uma virgem.

"Está quente o suficiente, vamos secar no caminho de volta para o abrigo.", diz ele, com um meio sorriso. "Não temos exatamente garotos atendentes por aqui."

"Vou ser comida por insetos.", protesto estupidamente.

Ele apenas me dá um olhar severo e curva um dedo para mim, não me dando escolha além de ir. Sei que se eu não fizer isso, ele vai me punir.

Além disso, estou morrendo de vontade de ficar limpa. Ainda tenho crosta de sangue ao longo da minha perna e suor seco em cada centímetro do meu corpo. Meu cabelo está preso em fios de palha e tenho que admitir, sinto o cheiro de alguém que acabou de me arrastar de um celeiro.

"E se eu quiser me lavar?", pergunto, tentando manter o meu tom calmo para que ele não suspeite que estou desafiando-o.

Ele encolhe os ombros. "Talvez um dia você ganhe esse privilégio." Sua voz endurece. "Mas você é o meu brinquedo e eu sou o seu mestre." As palavras coalharam no meu estômago como leite estragado, enviando um tremor de náusea através de mim. Seu brinquedo.

Mestre.

Ele *não* é o meu mestre. Mas na memória dele empunhando o cinto, sei que a minha coragem significa merda.

"Como você pode ser o meu mestre?" Sussurro. "Nós somos ambos humanos."

Ele se aproxima de mim, assomando com o sol atrás dele, lançando-o na sombra para que eu não possa ver os seus olhos. "Eu sou o seu mestre porque sou mais forte e sou o único que detém o poder aqui."

O imbecil. Ele não viu o melhor de mim. Ele teve uma vantagem e, quando essas mesas virarem, ele verá o meu outro lado. A minha mãe não me chamou de *petite belette* por nada.

Quando ele me alcança, não tenho certeza do que esperar. Ele vai me machucar? Me punir de novo? Me bater?

Para a minha surpresa, ele passa os dedos fortes pelo meu cabelo, a sensação quente do seu toque ao longo do meu couro cabeludo faz o meu estômago revirar e não tenho certeza se a sensação é totalmente desagradável.

É, é, canto para mim mesma num infinito refrão de negação. Ele não me fará bem. Ele não vai me seduzir como um maldito leão alfa da selva, me reivindicando como sua leoa.

O puxão no meu couro cabeludo envia um arrepio pelo meu corpo e, com meus pulsos presos, não consigo afastá-lo. Seus olhos brilham para mim como fragmentos de obsidiana antes que ele abaixe a sua boca na minha e pincele os lábios nos meus uma, duas, três vezes, cada toque fazendo um tremor percorrer através de mim.

Eu o odeio. Quero mutilar ele, causar-lhe dor, vê-lo sangrar até que a terra esteja manchada de vermelho com seu sangue e seus olhos olhem vagamente para o nada.

Se houver um inferno, quero mandá-lo para lá.

E ainda assim... quando ele me beija, parece inconfundivelmente sensível. Ele me puxa para o seu torso nu, então meus pulsos algemados empurram contra a sua barriga, entrelaçando um braço ao meu redor enquanto me puxa para perto. Minha mente me instiga a virar a cabeça, mas não tenho certeza se até mesmo me movo, se o protesto é apenas interno em vez de físico, porque nada muda. Ele ainda está me segurando contra ele, seus lábios nos meus, disparam excitação desamparada entre as minhas pernas. Quando ele me beija assim, posso quase fingir que quero dizer algo para ele e ele não é o meu atormentador brutal. Não quero que ele pare.

Ele se afasta de mim, me chocando de volta à realidade quando puxa a sua boca da minha. Mergulhando, ele balança um braço sob as minhas pernas e o outro atrás das minhas costas, me embalando contra o seu peito. Sem uma palavra, ele se vira para a água e começa a andar.

"Me desafie agora, Nadine e eu vou te punir." Os tremores se intensificam agora que ele me beijou, agora que me tocou. Estou doente. Há algo errado e torcido dentro de mim, já que meu corpo implora para ser tocado. Digo a mim mesma que é só porque ele é tão

masculino e eu não tive esse tipo de atenção de um homem antes, mas há mais do que isso.

No entanto ele não precisa dizer que vai me punir. Eu sei que ele vai.

"Vê todos aqueles galhos de árvores próximos?", ele continua conversando.

Eu não respondo. Não preciso dele para me lembrar as muitas maneiras que pode me punir se ele escolher.

“Você me puniria como um professor antiquado de escola? Ou me bateria com vara como eles fazem em Cingapura?”

Ele sorri. "Parece que alguém tem um fascínio por ser espancada."

Cuspo. "Eu não! Sou apenas uma estudante de história e fico horrorizada com as muitas e variadas maneiras de punir os outros.”

Estamos quase no limite da água agora. Ele coloca os meus pés primeiro bem perto da beira da água, tão perto dele que mal consigo me mexer, e começa o processo fácil de tirar a minha calcinha e sutiã.

"Algumas pessoas prosperam sob firme disciplina.", diz ele. "O tempo dirá se você é uma delas."

"Você diz disciplina como se fosse uma coisa boa.", digo a ele, sibilando enquanto a calcinha passava sobre a minha bunda machucada.

"Disciplina *pode* ser uma coisa boa.", diz ele decididamente. “Disciplina é punição aplicada com a intenção expressa de corrigir comportamento. Não é necessariamente vingativo ou gratuito.”

Penso em como ele me açoitou mais cedo hoje. Isso foi gratuito? Porra parecia que sim.

Em vez de discutir e dar-lhe uma razão para me mostrar seus métodos de punição, fecho a boca. Agora estou na frente dele completamente nua, mas estou começando a me acostumar a ficar vulnerável sem uma escolha. Quando você está despojada do seu orgulho, ficar nua não importa mais. As pessoas nascem nuas. Elas geralmente morrem da mesma forma.

Ele dá um passo em direção à piscina de água, até a calça dobrada e retira a barra de sabão.

"E se houver jacarés?"

Ele bufa. “Jacarés? Estamos em uma ilha. Nenhum jacaré. Sem leopardos ou leões. Não há sérios predadores aqui que vão te machucar.”

Exceto você, eu acho.

"Como sei que você não está apenas puxando a minha perna e logo que um jacaré vier, você não vai me jogar para ele e salvar a si mesmo?"

"Nadine.", ele diz pacientemente. “Não há jacarés aqui. Mas se houvesse, eu ficaria feliz em capturar um e nos fazer uma sopa de jacaré e agradecer aos deuses reptilianos que nos enviaram alimentos substanciais.”

"Eu prefiro ter lagosta.", murmuro para mim mesma, mas então a minha voz se lança em um grito quando ele me varre para trás nos seus braços e conduz o meu corpo na água. Não posso agitar as minhas mãos porque estou contida e o medo ricocheteia através de mim quando caio na água, mas percebo que é muito superficial para me afogar se ele me soltar. Mas ele ainda me tem nos seus braços. Ele me puxa contra ele,

me segura contra o seu peito, então a minha bunda está pressionada contra o seu colo e ele começa a me ensaboar. Da pequena piscina onde estamos, tenho uma visão perfeita das cachoeiras, correntes gêmeas poderosas de água caindo em cascata na minha frente e batendo tão forte na água abaixo, que um filme enevoado paira no ar. As nuvens se separam e o sol espia.

"Como está a sua perna?", ele pergunta.

"Dói como o inferno, mas está melhor.", respondo, surpresa que ele está perguntando.

Ele concorda. "Precisa descansar quando voltarmos."

Um dos seus braços me envolve, segurando-me apertada contra as suas poderosas pernas e ereção. Seguro a minha respiração. O que ele vai fazer comigo?

Ele me ensaboa com a mão direita enquanto me abraça com a mão esquerda, prestando atenção especial aos meus seios. Então a sua mão mergulha entre as minhas pernas e circula a parte interna das coxas. Seu toque é áspero, desimpedido e certo, e os fortes golpes dos seus dedos na minha pele me fazem tremer. Ele me solta apenas tempo

suficiente para me girar, assim estou de frente para ele agora, então ele puxa a minha cabeça para trás, até que encosta na água, apenas as minhas têmporas, encharcando o meu cabelo. Ele ensaboa isso também, depois me enxágua, os seus olhos se fixam em mim enquanto ele faz o mesmo com o seu corpo grande. Acho que terminamos, mas não está nem perto.

"Venha aqui.", diz ele, enquanto agarra a minha perna e me puxa para ele novamente. Ele me vira de volta, então agora estou de frente para a cachoeira e pressionada de volta no seu colo. O seu pau está entre as minhas pernas, lentamente cutucando os lábios da minha boceta separados. Perco a capacidade de pensar, de me mover, de respirar. Ele vai me violentar. Bem aqui, na piscina. Não há ninguém além de mim para impedi-lo.

É estupro quando o seu corpo está preparado e pronto?

Eu não quero isso, digo a mim mesma.

Me contorço, tentando fugir, mas ele me segura e não deixa me afastar.

Finalmente percebo que ele não está empurrando para dentro de mim. A cabeça grossa do seu pênis roça o meu clitóris.

É a primeira vez que ele me toca lá. Tento afastá-lo, mas não posso.

"Esta boceta é minha.", ele rosna no meu ouvido. "Minha para o prazer, ou para punir."

De novo e de novo, seu pau endurecido bate na minha boceta. Isso é diferente de quando me toco debaixo dos lençóis na cama à noite. Seu toque é mais forte e mais poderoso e há algo nele me acariciando sob a superfície da água que parece privado, ainda que mau. Dedos fortes e poderosos deslizam para o meu núcleo e ele os mergulha completamente. Não posso respirar. Não consigo pensar. Estou completamente submersa em todas as coisas com Adrian. Eu estou construindo em direção ao clímax, mas lutando contra isso, fazendo-me lembrar que não quero isso. Não o quero. Isso está errado, mas quando me lembro da maneira como ele dobrou com o cinto na mão, sinto-me aproximando da liberação para a qual ele está me forçando. Apenas quando estou à beira, meu corpo tão tenso como uma corda prestes a

estalar, ele puxa os seus dedos para fora e me empurra para longe e na água em frente a ele.

Pisco, flutuando na água, de repente me lembrando que *ele é o meu atormentador.* Tento girar para olhar para ele, mas perco o equilíbrio e, sem a habilidade de me apoiar, caio de cara na água. Prendo a respiração, tentando lutar para me mexer, mas não consigo aderência. Puxo com tanta força contra as restrições que os meus pulsos doem, mas é totalmente inútil.

Uma mão grande agarra o meu cabelo e me puxa para a superfície. A dor ricocheteia contra o meu crânio quando ele puxa com força, os seus olhos me encarando como se fosse minha culpa, ele apenas me empurrou para frente.

"Saia.", ele rosna. "Saia da porra da água."

Eu faço o que ele diz, tropeçando enquanto tento sair, mas ele me segura forte o suficiente para que eu esteja facilmente em pé e fora da piscina. Ele envolve uma mão em volta do meu braço, agarra as nossas roupas cuidadosamente empilhadas e me guia de volta para o nosso abrigo.

Que porra realmente acabou de acontecer?

E então eu sei. Isso não foi um acidente.

Ele me restringe não porque tem medo, mas porque é um lembrete para mim de que sou dependente dele. Para me alimentar. Para cuidar de mim. Para me impedir de cair. Para me salvar quando estou me afogando. E me empurrar para a água foi apenas uma prova disso.

O tatear e me levar próximo ao clímax foi apenas uma demonstração do seu poder sobre mim.

Tropeço quando saio, a dor na minha perna latejando. Sem uma palavra, ele olha para mim de lado e deve me ver estremecer de dor. Me puxando para ele, se curva, depois me levanta nos seus braços. Eu solto um suspiro de alívio e me deixo relaxar, mas só um pouco.

Eu não posso deixá-lo me seduzir.

Não permitirei que ele tenha poder sobre mim.

Tenho que ficar em guarda o tempo todo, esperando pela minha chance.

Capítulo oito

Adrian

Noite se transforma em dia e noite novamente. Dois, três, quatro dias se passam e tudo se mistura em um fluxo interminável de acordar, alimentá-la, treiná-la. Ela é responsiva e inteligente, única. Ela conhece o som da minha voz. Ela me chama de *senhor* como foi ensinada sem pedir nada agora. Ela não briga comigo quando tiro ou boto a roupa nela e não recua quando a toco. Ela nem se queixou quando substituí as suas restrições com as algemas porque elas são mais resistentes.

Não sou bobo, no entanto. Não é porque ela é uma submissa natural ou porque perdeu a esperança. Ela só obedece porque está ganhando tempo. Ela está longe de ser quebrada ainda, mas será. Prefiro métodos mais lentos e deliberados.

Afinal, ainda preciso dela.

Durmo com ela ao meu lado e é tudo que posso fazer para não enfiar o meu pau entre as pernas dela e empurrar na sua boceta apertada. Quero fodê-la tanto, sonho com isso, as minhas noites cheias de sexo sufocante e suado. Mas não vou. O treinamento sexual dela vai levar tempo e embora eu não esteja pedindo permissão para qualquer coisa que eu faça, não vou transar com ela a menos que ela me implore.

E vou tê-la implorando.

À noite, antes de irmos dormir, deixo as minhas mãos vagarem sobre ela. Não a trouxe ao clímax ainda, mas a levei ao ponto onde ela quer que eu o faça. Ela mói a sua bunda na minha virilha à noite, silenciosamente me implorando para tocá-la. Ela não quer admitir que gosta quando faço, mas sinto o jeito que o seu corpo aquece ao meu toque.

Quero que ela tenha medo de perder o meu toque. Almejar isso.

Vou controlá-la de todas as maneiras possíveis até que todo pensamento dela seja meu. Como me agradar. O que acontece quando ela não faz.

No primeiro dia, nosso objetivo era encontrar comida e água. Ainda não tenho certeza se as framboesas são comestíveis, então Nadine foi proibida de tocá-las. No entanto o suprimento de peixe é abundante. Ela vira o nariz para cima enquanto pesco, mas não reclama quando assamos no fogo aberto. Ela está ansiosa para chegar à cozinha, mas ainda não tomei tempo para testá-la por segurança, então ainda está proibida. Nosso escasso estoque do avião, garrafas de água e alguns suprimentos são tudo o que precisamos por enquanto, até que eu tenha todo o resto sob controle.

Nós nos banhamos todos os dias na cachoeira e ela passou em todos os testes até agora.

Então hoje será o dia em que vou tirar as restrições.

O seu primeiro teste.

Se passar no teste, ela recebe uma recompensa.

Se não fizer isso, vou puni-la.

Depois do nosso café da manhã habitual de peixe e metade de uma barra de proteína do suprimento do avião, eu a ajudo a limpar-se

do dia. Nunca permiti que ela usasse nada além de um sutiã e calcinha, mas depois do primeiro dia, nós perdemos o sutiã também. Isso é anormal na selva assim. E de qualquer forma, gosto dos seus seios balançando livres.

Consegui encontrar uma maneira de fazer o abastecimento de água funcionar no nosso banheiro. Só demorei muito porque tinha que identificar a fonte de água. Parece que a água está sendo bombeada da piscina maior, aquela adjacente ao local onde tomamos banho e através dos canos até a nossa humilde morada. Hoje, os testei e eles parecem funcionar bem, mas ela não tem permissão para usar até que eu saiba com certeza que o sistema de drenagem rudimentar está em boas condições de funcionamento. Deixei-a algemada, mas livre para vagar pelo nosso abrigo e saí para ver se conseguia pegar algum peixe com uma pequena rede jogada que encontrei do lado de fora do abrigo, provavelmente deixada de lado pelos ocupantes anteriores.

Quando estou a poucos metros do nosso abrigo, o ar se enche com os seus gritos estridentes. Começo a correr. Não gosto de deixá-la sozinha e algemada, mas ela ainda não está pronta para a liberdade. Ainda assim, isso a coloca em desvantagem caso a necessidade de autoproteção se apresente.

Venho para a clareira em frente ao nosso abrigo e congelo. Ela está amaldiçoando uma sequência azul do lado de dentro. A porta está aberta e a água escorre para o chão à minha frente. Alguma coisa deu errado com a maneira como conectei as coisas?

Ando pelas ondas de água que desce os pequenos degraus em frente ao nosso abrigo e chego a um dilúvio absoluto. A água está em todo lugar. Nadine está de pé no assento do vaso sanitário, tentando a melhor maneira de estancar o fluxo de água do chuveiro, mas é difícil fazer com os pulsos algemados. E mesmo que os seus pulsos estivessem livres, ela não seria capaz de fazer nada ajustando o chuveiro. A válvula precisa ser desligada.

"O que diabos está acontecendo aqui?", pergunto, mais aborrecido do que irritado no começo. É minha culpa depois de tudo.

Ela olha para mim timidamente, mas seus olhos rapidamente se enchem de raiva. "Tentando tomar um banho.", diz ela. "Parece que as suas habilidades de encanamento não são tão boas quanto você suspeitava."

Pulo através da água para o painel e a válvula está fechada. Não é possível correr mais do que um pouco de água de cada vez. Isto não é como um encanamento moderno. Então, temos que ter cuidado quando e como usamos.

Então sei que ela não usou apenas o chuveiro, mas provavelmente tentou a pia e o vaso sanitário também.

"É por isso.", digo cerrando os dentes para manter o meu temperamento em cheque, enquanto a agarro sob os braços e a coloco sobre o ombro, ignorando os seus protestos. "Eu lhe disse para não usá-lo ainda. Te dei instruções específicas, garotinha."

Atravesso a água até onde ela se afila perto do nosso quarto e a coloco na cama.

"Agora preciso resolver isso e quando terminar, vou resolver *você*. Sua bunda é minha."

Ela cruza os braços e olha para mim desafiadoramente, os seus olhos brilhando, mas também há um toque de medo. Bom. Deveria haver. Eu não a espanquei desde que levei o meu cinto para ela,

mantendo-a na linha de outras maneiras. Mas ela vai ter sua bunda aquecida por isso.

Demoro duas horas para limpar o abrigo e a faço sentar e assistir o tempo todo. Quando está limpo, pego o peixe, limpo e asso e nós comemos em silêncio. Não quero lidar com ela até que a minha fome esteja satisfeita. Preciso estar no controle total.

Finalmente, olho para ela quando terminamos as nossas refeições.

"O que eu lhe disse para não fazer antes de sair?", pergunto.

Ela olha "Não tocar nas coisas do banheiro."

Eu me levanto, enxugo as minhas mãos na calça e aceno. "Está certo. E ainda assim, a primeira coisa que você decide fazer é me desafiar. Quais são as regras aqui, Nadine?"

Ela solta um suspiro irritado. "*Obedeça.*"

"Mhm." Pego o cabelo dela, cerro-o e puxo a cabeça para trás para que a boca se abra. "E o que acontece quando você me desafia?"

"Você me pune.", ela grita. Puxo o cabelo dela para emendar a sua declaração. "*Senhor*.", ela completa.

Aceno, solto o cabelo dela, então sento na beira da cama e a puxo direto para o meu colo. Seus pulsos algemados pairam sobre o lado do meu colo e ela se contorce, mas sou mais forte.

"Você deveria saber melhor do que fazer algo tão tolo.", digo, não sendo capaz de manter a irritação fora da minha voz quando bato a minha mão contra a sua bunda cheia. Ela grita, mas não pode ir muito longe por causa de como a tenho presa. “Havia razões pelas quais lhe disse para não tocar nisso. Por que você decidiu me desafiar?”

"Eu queria tomar um banho.", ela geme. "Estou *morrendo* de *vontade* de tomar um banho."

Eu a banhei todos os dias na pequena piscina perto da cachoeira, mas aparentemente isso não é bom o suficiente. Rolo os meus olhos e bato na bunda dela novamente. No entanto esta não é uma punição brutal’. Mas vai fazê-la pensar duas vezes antes de novamente me desobedecer. Essa punição é mais sobre humilhação, então tomo o meu tempo antes de bater nela. Há uma arte sutil para disciplinar que aprendi como dominante e a punição efetiva incorpora tanto o físico quanto o emocional.

“Com as mãos contidas, você não pode se defender do jeito que precisar na minha ausência, se fizer algo tolo.”, digo, em seguida bato mais forte do que tinha planejado para puni-la por tirar essa confissão de mim. Não quero que ela saiba que corri quando a ouvi gritar.

Ela é minha cativa. E preciso dela aqui para que eu não enlouqueça com os rumores solitários da minha mente. Ela serve a um propósito aqui e não é mais do que utilitária.

Paro vários longos segundos antes de colocar traços mais firmes da palma da minha mão na bunda dela.

"É uma pena que você tenha decidido me desafiar hoje, Nadine.", digo quando solto um tapa após o outro, o som da minha mão batendo na bunda dela ecoando no pequeno quarto quase vazio. "Hoje, eu ia recompensá-la por dois dias de obediência, tirando as algemas."

Ela cai sobre o meu joelho e não tenho certeza se é porque ela está decepcionada ou porque está recebendo palmadas.

De qualquer forma, não terminei. Sua pele ainda está levemente machucada pelas cintadas que ganhou no outro dia. Agora, as partes mais brancas da sua bunda são um vermelho escarlate. A visão faz o

meu pau inchar. Ela vai aprender a lição, mas diabos vou aproveitar isso.

"Você vai ganhar mais três palmas pelo que fez hoje.", digo. "Contagem."

Eu posso senti-la tensa e vê-la cerrar os dentes quando vira a cabeça para o lado. Levanto o meu braço e derrubo-o com um *tapa* sólido. Paro, esperando.

"Um.", ela grita.

Paro, a minha mão descansando na sua pele chamuscada. “Mas agora que você me desobedeceu, teremos que continuar o seu treinamento. E você ficará algemada.”

Entrego outra palmada sólida.

"Dois.", ela rosna com os dentes cerrados.

"Você fará o que eu disser da próxima vez, ou as consequências serão muito piores."

O golpe final aterrissa com força por trás e ela suspira um estrangulado "Três.” Ela se contorce e faz uma espécie de meio suspiro,

meio soluço. Este é o lugar onde normalmente cuidaria das minhas submissas. Nunca fiz isso por ela, pois ela não é a minha sub e quero que ela me tema. Mas até agora o medo não me levou até onde gostaria com ela, então os outros métodos de treinamento precisam começar.

Eu levanto a minha perna da dela e libero a sua mão, a coloco no meu colo e a seguro com força. Ela pode me odiar, mas vou ganhar a sua obediência, não importa o custo. Ela sussurra quando a sua bunda espancada entra em contato com o tecido áspero do meu jeans. Derrubando um dedo sob o queixo, levanto os seus olhos para os meus. "Agora você vai fazer o que digo?"

Ela olha para mim e vejo um flash de algo que nunca antes vi nos seus olhos. É vulnerabilidade? Algo sobre ser levada ao meu colo trouxe a garotinha nela. Lágrimas brilharam nos seus olhos, seus lábios apontando para baixo em uma carranca.

"Foda-se.", ela sussurra.

Eu claramente não a quebrei. Quase a coloquei de volta no meu joelho. Mas não. Apanhar é apenas uma das muitas ferramentas que tenho.

Gentilmente a empurro do meu colo e a deixo cair de joelhos no chão. Deixo a sua calcinha. Eu gosto de vê-la amontoada em torno dos seus tornozelos enquanto a forço de joelhos na minha frente.

"Eu te disse que se você não assistisse sua boca, eu encontraria outro uso para ela.", digo, pegando o meu zíper. A raiva desaparece momentaneamente dos seus olhos e eles se ampliam quase comicamente.

Com as mãos algemadas na frente, ainda de joelhos, ela não tem escolha. Eu controlo esta situação.

Meu pau está duro depois de bater nela. Causar dor como essa sempre desperta o sádico em mim, aquele que anseia por causar dor e desconforto. Lembranças brilham diante de mim quando deixo a minha mente vagar, a dor que infligi ao longo dos anos queimou na minha mente como uma marca escaldante na carne. Nunca vou apagar essas lembranças da minha mente.

"Abra a boca.", ordeno, agarrando o cabelo dela e puxando a cabeça para trás. Sua boca se abre e ela olha para mim. Me inclino e grito contra sua orelha. “E agora, você vai me mostrar como usar essa

boca. Faça qualquer coisa engraçada e vou fazer você desejar que não fizesse. Está claro?"

Ela dá um leve aceno de cabeça.

Ela sabe que deixei a sua pequena escolha, a não ser fazer o que disse. Ela também sabe que se eu quisesse, eu poderia espalhá-la na cama, pegando o meu pau.

Mas agora não. Ainda não. Não até ela implorar.

Eu removo meu pau e o deslizo na sua boca quente e úmida. Seus olhos se arregalam de surpresa, depois se encolhem quando ela tenta sugar.

Não faço sexo há tanto tempo, tenho que sufocar um suspiro. Parece bom pra caralho.

Mas isso é sobre ganhar o controle, não o perder, e eu não posso deixá-la ver como a sua pequena boca ao redor do meu pau me desfaz.

"Boa menina.", digo, guiando a cabeça com um punho no seu cabelo, empurrando-a para frente e para trás de modo que a sua cabeça balança entre as minhas pernas. "Essa é uma menina muito boa."

Me abaixo e belisco os seus mamilos enquanto ela suga, fazendo-a gemer e se contorcer. Amasso-os na minha mão, ponho-os na palma da mão, depois dou pequenas preguiçosas espremidas que fazem os botões endurecerem e atingirem o pico. Seus olhos se fecham e ela suga mais forte. Libero um seio, agarro o seu cabelo e balanço a sua cabeça mais rápido, fodendo a sua boca com impulsos selvagens dos meus quadris. Ela engasga e quando abre os olhos, eles estão aguados.

Mantendo contato visual, seguro o cabelo dela, puxando-o de vez em quando para guiar a sua boca no meu pau. Estou ébrio por isso e preciso gozar. "Você gosta disso?" Pergunto a ela. "Você gosta de ser uma puta para o seu senhor?" Outro impulso afiado dos meus quadris e ela engasga, lançando para frente, inalando profundamente pelo nariz. Mas ela não pode parar o pequeno gemido que libera ao redor do meu pau.

Foda-se sim. Jesus Cristo, isso parece tão bom pra caralho.

Quando estou prestes a gozar, puxo para fora, solto o cabelo dela, balanço-o na frente e enrolo-o em volta do meu pau. Fecho a minha mão no meu pau inchado, observando os seus olhos se arregalarem quando ela olha para o comprimento grande.

"Você fica aí.", grito. “Você me observa gozar. Vou te marcar, Nadine. Te marcar como minha.”

Eu atiro a minha carga sobre o seu peito, vendo escorrer pelos seus seios como gelo, emaranhada nos seus cabelos. É tão gostoso que quero fechar os meus olhos e gemer, mas não faço, mantenho a compostura absoluta. Tenho que permanecer no controle. Não vou ceder.

Mantenho os meus olhos nos dela enquanto me alivio completamente, ofegando só um pouco, mas não realmente sem fôlego.

Ela fica imóvel, a sua bunda descansando nos calcanhares dos seus pés como a instruí, pulsos algemados nas suas pernas nuas. Me inclino e encontro os seus olhos.

"Você vai me desobedecer novamente?"

"Não, senhor.", diz ela, sua voz distante como se ela estivesse fazendo o seu melhor para não ser sugada para o que quer que seja que estamos fazendo. Ela quer permanecer indiferente. Distante.

“Você quer se limpar? Agora você ganhou isso.”

Eu puxo a minha boxer, levanto-a para os seus pés e caminho até o banheiro. Abro a porta do chuveiro e a coloco, depois ligo a água. Quando a água bate nela, ela fecha os olhos e suspira, empurrando os seios ainda cobertos pelo meu sêmen sob a corrente quente de água. Pego o sabonete, viro-a para me encarar e faço espuma com o sabão de limão sobre os seios, barriga, depois abaixo, entre as suas coxas.

Entrego a ela uma pequena garrafa de xampu que encontrei na sua bagagem. Tenho escondido todas as suas roupas e artigos de higiene da sua bagagem, e ela vai ganhar as suas coisas, uma de cada vez, quando eu achar melhor. Ela engasga com a visão do xampu, mas não diz nada, apenas fecha os olhos enquanto me deixa inclinar e molhar a sua cabeça para trás e passar o xampu doce e de cheiro feminino nos seus cabelos. Agora que ela está limpa, coloco o xampu e o sabão de lado para que possamos conservá-los e me aproximo dela. Corro as minhas mãos pelo seu corpo liso, o meu pau endurecendo novamente ao sentir as suas curvas. Ela é linda. Fodidamente linda. Quero enterrar o meu pau nela até o punho e fodê-la até gritar o meu nome.

Levo o meu tempo explorando as suas curvas e partes mais sensíveis, mergulhando as minhas mãos entre as suas coxas e tocando as suas dobras suaves. Coloco o meu polegar no seu clitóris, mal tocando, em seguida, mergulho dois dedos no seu núcleo. Ela arqueia e prende a respiração, segurando as laterais do chuveiro em busca de apoio. Eu fodo ela com os dedos, nunca tirando os meus olhos dela, até que o seu peito fique cor-de-rosa, o seu fôlego acelera e sei que ela está pronta para gozar.

Puxo as minhas mãos e dedos para longe, depois os coloco no fluxo de água.

"Isso é o suficiente por enquanto.", digo.

Ela cai, derrotada.

“Você me desobedeceu, Nadine. E a desobediência traz consequências.” Abro uma das duas toalhas que encontramos nos suprimentos e a puxo para fora do chuveiro. Segurando-a contra mim, seco os seus ombros, tronco, pernas e bunda, depois volto para o seu torso e pescoço. “Você ganhou uma surra. E agora você aprenderá que posso lhe dar prazer ou dor. A escolha, querida, é sua.”

Ela faz uma careta quando termino de secá-la e a deixo voltar para a sala onde ela está autorizada a usar calcinha. Ela tem mais alguns dias de treinamento antes de testá-la novamente como fiz hoje.

Ela falhou neste teste.

Capítulo nove

Nadine

Os dias correm em semanas.

Inferno, quem eu estou enganando?

Todo o dia à sua mercê é um longo dia.

Acordamos quando o sol nasce e preenche os nossos dias com meios necessários de sobrevivência. Minha perna está se curando e

estou feliz por isso. Não há necessidade de coisas como relógios ou similares aqui. Nós nos levantamos junto com o sol. Recolhemos a comida que precisamos. Nos limpamos e as coisas ao nosso redor. Ele ainda não me deu as minhas coisas, mas as raciona pouco a pouco.

Primeiro uma barra de sabão.

Então o meu xampu.

Ontem à noite, ele deu uma escova de dentes e pasta de dentes, que estou usando com moderação. Sei que seremos resgatados em algum momento, mas não vou esperar. Vou encontrar um jeito de me comunicar com alguém. Até lá, estou mantendo vigília. Certificando-me de que não estraguei as coisas o suficiente para que ele realmente me machuque. Até agora, ele me açoitou e me obrigou a ajoelhar para fazê-lo gozar.

Ele pode ser um idiota e talvez esteja me preparando, porque me toca toda noite antes de dormir. E odeio isso, mas a verdade é que ele me deixa molhada. Não quero impedi-lo de me tocar. Ele é forte e poderoso e quando me obrigou a ficar de joelhos, senti a excitação escorrendo pelas minhas coxas como mel.

Eu o odeio. Odeio ele. Mas me entrego a sentir prazer quando posso.

O que mais tenho?

Quero essas algemas nos meus pulsos e nem mesmo assim posso fugir. Onde diabos eu iria? Ferir ele seria um movimento idiota de qualquer maneira. Não posso machucá-lo, até que eu tenha um plano para fugir. Machucá-lo antes, só *me* machucaria porque a verdade é que estou dependendo dele para a minha sobrevivência. Não posso pegar esses peixes escorregadios. Não tenho ideia de como arrumar o encanamento no banheiro. Se eu o machucasse, estaria comendo nada além de framboesas e pelo que sei, elas poderiam me matar, então estou fodida.

Se eu o desobedecer, ele vai me punir. Se eu o machucar, vou pagar por isso.

Não tenho escolha senão ir junto com ele.

Então, quando finalmente subo na cama, uso o meu tom mais complacente para implorar a ele.

"Senhor?", ainda parece estranho chamá-lo de senhor, mas ele me faz fazer isso, então quase me acostumei com isso. ‘Adrian’ pareceria estranho para mim agora.

"Mmm?", ele pergunta, subindo na cama atrás de mim. O homem tem algum autocontrole sério. Quero dizer, ele sobe na cama comigo todas as noites quase nu. E sim, ele se masturbou alguns dias atrás e provavelmente está fazendo bom uso do chuveiro na minha ausência, mas ele não fez o que poderia. Eu sou menor e algemada, e não há literalmente ninguém para me salvar se ele quisesse se forçar em mim.

É esse conhecimento que me mantém em cheque.

"Você disse que se eu me comportasse, você iria remover as minhas algemas.", digo. "E eu tenho me comportado."

Ele enlaça um braço em volta da minha cintura, um hábito ao qual me acostumei. Seria tenro se houvesse algo mais que ódio entre nós.

"Então eu fiz isso." O ouço bocejar. Ele trabalhou duro hoje, reunindo um grande estoque de peixes, depois criando algumas armas que parecem estilingues e facas grosseiras. Ele está de olho nas aves aquáticas que vêm se alimentar no início da manhã e ele acha que elas

darão uma refeição adequada para nós, se pudermos pegá-las. Nós não tivemos sorte ainda, mas a verdade é que ele me manteve algemada desde que chegamos aqui. Há quanto tempo foi isso? Os dias emendam um no outro depois de um tempo. Se ele me deixar ajudar, posso ser capaz de pegar mais do que ele, mas ele não vai me deixar.

"Você acha que se comportou o suficiente para ganhar a liberdade dessas restrições?"

"Sim, senhor.", digo, tão humildemente quanto possível. Preciso jogar isso certo. Não quero que ele suspeite de mim. “E sei o que acontece se eu o desobedecer. Não farei algo estúpido só porque você tirou as algemas.”

Um longo momento de silêncio passa antes que ele responda.

“Tudo bem, Nadine. Você ganhou isso. Mas vou avisá-la de que, se você tentar alguma coisa engraçada, você não só vai ter a sua bunda chicoteada, vou encontrar outras maneiras de te punir e então essas algemas vão voltar. Compreende?"

Esperança floresce no meu peito. "Sim.”, aceno, tentando manter a minha candidate presa para que ele não veja. "Claro."

Ele sai da cama, caminha ao redor da pequena sala e vai até onde guarda os nossos suprimentos. Amaldiçoo para mim mesma. Então *é* ali que ele mantém a chave.

Não que o conhecimento teria me feito bem algum. Não posso remover essas algemas, a menos que ele me diga, ou vou pagar por isso.

Ele caminha para o lado da cama e desliza a chave na fechadura. Meu coração bate contra as minhas costelas. Estou tão perto de ter os meus braços livres de novo, que me sinto quase tonta. Meus ombros doem por manter essa posição mesmo no sono e calos se formaram ao longo dos meus pulsos, onde o metal roça.

Com um clique, as algemas se abrem. Ele pega os meus pulsos quando eles são soltos e os coloca no meu colo, então cuidadosamente dobra as algemas em suas mãos com a chave e as coloca de volta onde os outros suprimentos estão. Eu rolo os meus ombros e esfrego os meus pulsos, balançando feliz os meus braços livres. É tão bom estar livre assim, que sorrio suavemente para mim mesma enquanto ele está fora do quarto.

Ele volta e inclina a cabeça para o lado. "Você parece bonita quando sorri.", diz ele, os seus olhos se aquecendo para mim.

Oh não, ele não fez isso.

"Obrigada.", digo fechando os olhos para que ele não possa me olhar assim novamente.

Eu o ouço subir na cama ao meu lado, então o seu flanco quente pressiona as minhas costas. Mesmo sendo o meu captor e eu sua prisioneira, gosto do seu calor ao meu lado. Nunca dormi com um homem antes. Não tenho a menor ilusão de que ele é tudo menos o que ele é. Isso não é nada perto do companheirismo aqui. Mas ainda assim, seu corpo é forte e parece agradável pressionado contra mim. Todas as manhãs, antes de tomarmos café da manhã, ele corre para a praia e eu o vi fazendo abdominais e flexões em vários intervalos ao longo do dia, até mesmo flexões em um galho de árvore resistente. Ele gosta de controle, e controlar o seu corpo não é exceção.

Então, quando ele sobe na cama comigo, empurro a minha bunda contra a sua pélvis. Ele não me levou ao clímax. Mas me acostumei com a maneira como ele me toca embaixo das cobertas.

Ele começa lento e firme, uma mão segurando a minha bunda enquanto a outra viaja até os meus seios. Ele espalma o meu peito e a minha bunda, nunca pedindo permissão para me tocar. Apenas tocando, como se tivesse todo o direito. Lentamente, deliberadamente, ele levanta um polegar e circula sobre o meu mamilo. Apenas a cintilação mais fraca de um toque, mas a minha boceta aperta em advertência.

Oh, meu Deus. Deus, preciso disso tão ruim.

"Boa menina.", ele sussurra no meu ouvido. Agora é quando ele começa a me acariciar. Apenas o suficiente para me deixar molhada, então ele me diz para dormir. Isso me frustra, mas não tanto que eu gostaria que ele parasse. Mas esta noite ele faz algo diferente.

"Em suas costas, Nadine.", ele diz contra o meu ouvido. Querendo saber o que isso significa, obedeço.

Ele puxa o cobertor para baixo, revelando os meus seios nus e pálidos, e traz a boca para um botão endurecido. Não estou respirando. Não posso. Estou presa em um monte de nervos. A sua língua quente e úmida bate no meu mamilo, circulando-o suavemente, enquanto a sua

mão desce até a minha boceta. Sem pensar, separo as minhas pernas. Fecho os meus olhos, me entregando a isso. Ele me soltou. Talvez esta noite seja a noite em que ele vai me deixar gozar.

E quando ele começa a me tocar, a minha mente vagueia.

Não deixo os homens me tocarem. Eu nunca namorei. A minha mãe era uma mulher forte, mas o seu gosto por homens era horrível. Ela namorou perdedor atrás de perdedor que se aproveitavam dela e não entendi porque ela continuava namorando-os até que fiquei mais velha. Inferno, alguém tinha que pagar as contas dos serviços públicos. E decidi que quando tivesse idade suficiente, que esse alguém seria *eu*, não alguém como um maldito idiota.

Nada me dava mais prazer do que fazer o meu caminho na minha carreira. Eu adorava me aventurar nas partes mais escuras do mundo e eliminar os criminosos como vermes da podridão, persuadindo-os a virem à luz apenas para levar suas bundas para a prisão. Procurei os criminosos mais básicos e escapei dos condenados. Dormi bem à noite, sabendo que eles não eram mais ameaças para os inocentes.

Mas aqui... aqui neste lugar isolado que deveria ser utópico, estou sozinha com as minhas lembranças e um homem doente e retorcido

que machucou inocentes. Quando eu sair desta ilha, a primeira coisa que vou fazer é vê-lo pagar pelo que fez.

Mas tenho que ser paciente. E sempre fui paciente.

É a única maneira que posso suportar o jeito que ele me tortura, me levando à beira do clímax apenas para me deixar lá. Não vou choramingar ou implorar, como sei que ele quer que eu faça. Posso suportar mais que isso. Então, se ele me deixar gozar, eu vou levar pelo o que é: prazer momentâneo em meio a intermináveis dias de sobrevivência. Nada mais. Nada menos.

Lentamente traçando o seu dedo ao longo da minha coxa, ele roça os golpes mais suaves contra a minha pele. Minha pélvis quer arquear, precisando que ele me toque *lá,* mas me forço a ficar imóvel. Um chupão afiado no meu mamilo dispara excitação entre as minhas coxas como um relâmpago, seguido por um tapa na minha boceta. Suspiro, surpresa com o tiro de dor que zumbe através do meu núcleo, seguido pelo calor da excitação.

Mmmm. Sim. Eu posso aproveitar isso.

Posso me deixar aproveitar isso. Por agora.

A dor da palmada que ele deu na minha boceta desaparece quando ele lentamente mergulha o dedo entre as minhas dobras. A minha pele está em chamas, o meu coração está pulando no meu peito, a minha respiração está pesada e errática, mas permaneço imóvel. Ele traça a borda do meu canal, apenas o mais leve toque, antes de deslizar para cima e patinar ao longo do meu clitóris latejante. Grito involuntariamente, enquanto o prazer me atravessa.

Ele tem trabalhado em direção ao meu clímax por malditos dias. Ignorei a minha necessidade porque não conseguia controlar, algemada como estava e sob o seu olhar atento. Mas estou escorregadia, tão molhada de excitação, tão pronta para gozar. Suavemente, com um toque que parece impossivelmente gentil para um homem cruel e sem coração como ele, ele aperta o meu clitóris enquanto lambe o meu mamilo. Ele circula o seu braço em volta de mim e agarra o meu outro seio, agora trabalhando nos dois mamilos enquanto me acaricia tão habilmente, vou chegar ao clímax forte e logo.

Ele tira a boca do meu mamilo tempo suficiente para sussurrar: "Você está perto, peça permissão."

Então ele volta a torturar o meu mamilo com a sua boca e dentes, fazendo a minha necessidade aumentar. Carícias suaves, mas firmes tiram o meu fôlego. A pressão constrói e meu útero contrai, preparando-se para atingir o clímax. "Posso?", sussurro, apertando os meus olhos com força. Não posso olhar para ele enquanto gozo. Preciso me concentrar no momento e não pensar com quem estou.

"Ainda não.", ele rosna. Quero bater nele. Estou no limite. Vou perder o controle e ele não me deixa gozar.

"Por favor.", peço, mantendo a minha voz tão firme quanto posso.

Ele bate no meu mamilo e libera o meu clitóris apenas tempo suficiente para mergulhar dois dedos no meu núcleo. Ele flexiona dentro e fora, atingindo apenas o ponto certo, então os meus quadris balançam perfeitamente. "Por favor, posso gozar?", pergunto a ele, sentindo a súbita necessidade de chorar.

O imbecil. O maldito idiota. Ele faz isso comigo de propósito. Ele me quer implorando.

"Ainda não.", ele repete.

Ele nunca vai me deixar gozar. Ele vai me manter no precipício como Tântalo na mitologia grega, punido pelos deuses em não poder alimentar-se nem matar a sua sede, mesmo rodeado de muita água e vegetação.

Abro a minha boca para protestar quando o aviso dele me impede. "Se você lutar comigo," diz ele. “Se você me der merda sobre o meu tempo e fazer qualquer coisa para protestar. Se você gozar sem a minha permissão. Qualquer coisa além do cumprimento perfeito fará com que você seja punida. Está claro?"

Aceno com a cabeça em desespero. Talvez se eu fizer o que ele disser, ele me deixará gozar. A minha boca está seca e o meu peito dói de segurar a respiração. Esta é a primeira vez que não estou presa de alguma forma e ele tem mais poder sobre mim do que se eu estivesse amarrada como um presente de Natal. O idiota sabe disso também.

"Agora?", sussurro. Não direi *por favor* novamente.

"Não.", ele diz, a sua mão entre as minhas pernas acariciando-me mais rápido, mais forte, com mais propósito do que antes. Estou à beira do clímax, mas se eu gozar ele vai me punir. Bater com o cinto dele na

minha bunda. E foda-se se a ideia não me faz querer ser ainda mais difícil. Odeio isso. Luto contra isso, negando que a ideia de ser punida por ele me excita. É apenas biologia, penso, me esforçando para não focar no quanto preciso chegar ao clímax.

Ele é um homem forte e atraente que está tocando o meu corpo. É isso aí. Isso é tudo.

Forço a concentrar-me em outra coisa, a desviar o olhar, dizer a mim mesma que não preciso disso. Posso suportar essa pressão. Não tenho que gozar. E inferno, posso esperar até que ele vá dormir e fazer o maldito trabalho sozinha. Estou pensando em qualquer coisa, porém volto de onde estou quando ele raspa contra o meu ouvido: “Venha agora. Deixe-se ir. Persiga isso.”

Luto comigo mesma por uma fração de segundo, então saúdo as ondas escuras de excitação que me inundam quando ele dá a permissão. Afundo na cama e me deixo voar. Estou afundando, caindo no abismo.

Ondas de excitação passam por mim. Não posso respirar. O meu corpo se contorce tanto sob a sua mão, meus músculos doem e, ainda assim, não é suficiente. A minha boceta aperta e palpita, a minha

respiração entra e sai em suspiros entrecortados e ofegantes enquanto ele ordenha o clímax fora de mim. Acho que acabou, mas ele não para e outro orgasmo se constrói no primeiro e estou montando em um segundo, mais poderoso e alto. A minha visão se confunde, sinto que estou flutuando em algum lugar acima de mim enquanto gozo mais forte do que nunca em toda a minha vida.

Quando desço do poder do meu clímax, estou sem fôlego e ofegante. Ele me deixou gozar. Ele realmente fez isso.

Tento recuperar o fôlego. E agora?

A euforia se transforma em medo.

Agora é quando ele me estupra?

Mas ele apenas me gira de lado, coloca um braço em volta da minha cintura e me puxa para o seu peito. Os meus olhos se fecham sem pensamento consciente. Eu estava cansada antes que ele me fizesse gozar. Agora estou exausta. Ele vai querer o dele, certo? Mas não. O seu hálito quente percorre o meu pescoço, fazendo o meu longo cabelo cair suavemente no meu ombro. Ele não faz um movimento.

Não vou pensar sobre o que aconteceu, ou o que isso significa agora.

Caio em um sono sem sonhos.

Na manhã seguinte, acordo antes dele, o que é incomum. Normalmente, ele está de pé e sai para correr antes de eu abrir os meus olhos. Acho que estar aqui nesta ilha, longe de tudo o que é importante para mim, me colocou em uma espécie de depressão. Eu durmo. Em grande quantidade.

Mas hoje, acordo primeiro e balanço os meus pulsos alegremente. É tão bom ser capaz de me mover assim. Então a lembrança da noite anterior volta para mim e eu congelo. Deus. Ele me fez gozar tão duro. Provavelmente ele se orgulha de si mesmo também. Eu praticamente reviro os meus olhos com o pensamento.

Tento ouvir os seus sons, mas não ouço nenhum, apenas a sua respiração tranquila. Mas quando algo duro pressiona contra a minha bunda, sei que ele não está mais dormindo.

"Bom dia.", ele diz. "Aposto que você dormiu bem."

"Hmph.", resmungo.

Ele coloca a mão na minha lateral e a abre contra a minha barriga. A sua mão é tão grande e a minha barriga tão pequena, o seu polegar roça a parte superior do meu peito, o seu dedo mindinho apenas na ponta da minha boceta. Já sinto a minha necessidade aumentando, o meu clitóris inchando. Porra. Ele tem o meu corpo treinado para responder ao seu toque. Não tenho certeza se gosto disso, mas assim que digo ao meu corpo para calar a boca, ele está em movimento. Os dedos firmes e poderosos deslizam ao longo da borda da minha boceta, onde pequenos tentáculos de cabelo crespo espreitam. Estou nua ao lado dele. A sua boca vem ao meu ouvido.

"A próxima posse que vou permitir a você é a seu aparelho de barbear.", ele rosna. "Mas vou usar primeiro."

Hum. O que?

"Quero raspar essa boceta."

"Você tem o meu aparelho de barbear e não me contou?", pergunto, como uma idiota. Claro que ele tem. Vamos chegar à parte sobre ele me raspar em seguida.

"Sim.", diz ele. "Por que isso te surpreende?"

Não sei por que isso acontece.

"Um aparelho de barbear pode ser usado como uma arma, então ficará na minha posse.", diz ele.

"Uma arma? Sério? Você está preocupado que eu tente te cortar até a morte com a lâmina do aparelho de barbear?" A ideia me incomoda. "Que porra.", murmuro para mim mesma. A ideia é ridícula.

A ideia é ridícula.

Um calafrio percorre a minha pele quando percebo o que acabei de pensar. Prejudicá-lo com o meu aparelho de barbear faz o meu estômago revirar. Fecho os meus olhos, tentando entender o que acabei de perceber.

Eu não quero machucá-lo.

Porra.

Solto um suspiro quando ele puxa o meu cabelo para trás com força.

"Cuidado com a sua atitude.", ele rosna. "Não gosto do seu tom da voz."

E ao contrário do que acho que deveria acontecer, o meu corpo começa a responder. Os meus seios incham e a minha boceta aperta quando ele comanda.

"Sim, senhor.", digo, não porque não quero ser punida, mas porque preciso que ele me deixe em paz. Não quero ser tocada novamente.

Mas então a sua boca vem ao meu pescoço, a sua barba fazendo cócegas na minha pele sensível. Um golpe suave da sua língua faz o meu corpo cantarolar de necessidade. Tão logo após o clímax, acho que não me recuperei completamente, porque a necessidade de gozar novamente aumenta.

"Você não pode...", ofego, "...me raspar. Só tenho lâminas suficientes por algumas semanas. Eu… ohhh."

Não posso manter uma linha de pensamento desde que ele está chupando no meu pescoço enquanto me acaricia, uma grande mão segurando o meu peito enquanto o seu polegar calejado roça o meu mamilo, a outra mão mergulhando entre as minhas coxas para separá-las.

"Você estava dizendo?", ele sussurra no meu ouvido.

"Não... posso... me raspar sem recargas de lâminas. Vai sobrar resíduo."

A mão entre as minhas coxas encontra as minhas dobras, separa os meus lábios e paro de respirar. Então, rapidamente, ele me desfaz, assumindo total controle. Quero lutar contra isso. Viro a minha cabeça para longe dele, me contorcendo sob as suas mãos. Será que ele vai parar se eu contar a ele?

Não há palavras de segurança aqui.

Mas... não sei se quero que ele pare. Ele me trata como uma prisioneira, mas isso é tão legal.

Bom pra caralho.

Nunca tive um homem me tocando assim e não quero que isso pare. Agora não.

Primeiro preciso de mais um orgasmo. Apenas mais um.

Sou massa nas mãos dele quando acaricia a minha boceta, aperta os meus mamilos, beija a minha têmpora. Ele puxa a minha cabeça para trás e pega a minha boca com a dele, a aspereza da sua barba escondendo o toque suave dos seus lábios contra os meus. Os meus quadris se levantam por conta própria. Estou novamente na beira de um orgasmo, todo o meu corpo preparado e tenso.

"Goze.", ele range contra o meu ouvido. Com suas palavras, me quebro, o clímax me rasga como fogo. Suspiro e gemo, esfregando contra a sua mão enquanto os espasmos rasgam através de mim. Desta vez, ele me segura enquanto desço do meu orgasmo. Os seus olhos negros encontram os meus sem piscar.

“Você é minha, Nadine. Os seus orgasmos me pertencem. A sua boceta é minha. O seu corpo é meu para fazer o que eu quiser. Se eu quero te raspar, eu vou. Se eu quiser espancar a sua boceta vermelha, eu vou. Se eu te colocar na minha cama para esperar por mim, então é o que vai acontecer.”

Aceno, ainda bêbada do meu orgasmo.

"Logo, vou raspar a sua boceta para que eu possa te comer."

Tremo. Estou tão familiarizada com o meu vibrador. Mas isso? Sacudo a minha cabeça. De jeito nenhum ele está colocando a boca *lá.*

Mas não faz sentido dizer isso a ele.

Adrian faz o que quer.

Capítulo dez

Adrian

Hoje o sol bate quente e implacável. Os corpos na costa foram tratados com cuidado e foi difícil amarrá-los e enterrá-los em covas rasas. Mas pelo menos agora podemos voltar naquela praia para pescar.

Estou começando a pegar o nosso peixe matinal mais tarde que o normal, então não tenho sorte. As minhas redes permanecem nuas apesar dos meus esforços. Franzo a testa. Nós vamos ter que encontrar outra coisa para comer.

Os nossos suprimentos estão diminuindo. O peixe tem sido o mais fácil de capturar e fornecer os nutrientes necessários. Mas agora precisamos encontrar mais recursos. Vou ter que pegar algumas

daquelas aves que vão para a praia e ver se são adequadas para as refeições.

Algo tem que dar.

Nadine e eu perdemos peso, mas até agora, o nosso suprimento de água e alimentos nos manteve à tona. Precisamos encontrar muitas outras maneiras de sustentar a nossa dieta.

Volto para o nosso abrigo de mãos vazias, a minha mente ocupada com o que fazer a seguir, quando ouço um grito. Amarrei os seus pulsos antes de sair, o que não a deixou muito feliz. Ainda não confio nela o suficiente para deixá-la livre. Me prejudicar seria estúpido, pois ela teria que se defender sozinha se me matasse e lidar com a minha punição se não fizesse. Mas os laços eram um compromisso.

Então, me surpreendo quando ouço um grito que soa quase feliz e o som não vem da cabana, mas à direita, onde fica a cozinha improvisada do acampamento. Não a deixei tocar porque não confio no propano e nós não temos nenhum pote ou panela de qualquer maneira. Até agora, o fogo aberto provou ser uma maneira mais inteligente de cozinhar. E agora ela está na pequena cozinha do acampamento.

Quando ela ouve a minha aproximação, ela gira ao redor, com os olhos arregalados de excitação.

No começo, a única coisa que noto é que os pulsos dela estão livres.

"Adrian!", ela diz. Eu pisco. Acho que é a primeira vez que ela me chama pelo nome. Só permito *senhor.* Ela se esqueceu, mas está animada, então deixo passar por agora.

"Por que você está fora da cabana?"

"Você não me disse que eu não poderia sair.", diz ela, quase implorando. "Você acabou dizendo *fique aqui* e isso é parte da nossa pequena morada, então percebi que estava ficando aqui."

A minha palma ainda coça para bater na sua pequena bunda por sair da cabana.

"Olha o que achei!", ela aponta para algo que não consigo ver, então ando até ela para ver melhor. A pequena cozinha do acampamento ocupa apenas uma parte da área. Ela aponta para um cadeado e sorri para mim. Uma chave está pendurada nos dedos dela.

Me abaixo e agarro os seus pulsos entre os meus dedos. "E o que aconteceu aqui?", pergunto.

Os seus olhos se arregalam e ela olha para baixo, como tivesse acabado de perceber o seu erro.

"Eu posso... às vezes sair delas.", ela admite, parecendo envergonhada. Ela sabe que vou ter que puni-la.

Foi um ato de desafio digno de uma severa punição. Eu franzo a testa. Estava esperando que tivéssemos tempo para explorar as coisas hoje, mas treiná-la é mais importante.

"Eu vou ter que te punir por isso, você sabe."

Ela balança a cabeça e engole em seco, provavelmente esperando que a leve sobre o meu joelho ou leve o meu cinto até a bunda dela. Mas há muitas maneiras de fazê-la obedecer e nem todas as punições precisam envolver uma surra.

"Pelo seu desafio hoje, você perderá o privilégio de andar livre.", explico. Ela não diz nada, mas seus ombros caem. Uma parte de mim não gosta disso.

Mas ela precisa me respeitar.

Não sei exatamente com o que ela estava tão animada a princípio, até as nuvens se moverem e a luz refletir no metal. À nossa frente, fileiras e fileiras de produtos enlatados.

Ela estende a mão e abre um saco de estopa que fica no chão e de repente, ela pula de volta para mim. Enormes besouros pretos de casca dura se movem. Ela geme e grita, cobrindo o rosto com as mãos. Eu a puxo para o lado, torcendo o meu corpo para mantê-la longe dos insetos. Suavemente, mas com firmeza, empurro-a para fora e me viro para lidar com o suprimento encontrado. Dou uma rápida olhada. Faço um trabalho rápido de amarrar a estopa e jogar as sacolas atrás de uma árvore.

Então volto para a Nadine. As suas mãos ainda estão no seu rosto e ela está tremendo. Eu a puxo para mim, gentilmente empurrando o seu rosto no meu ombro. A seguro lá e não digo nada até que a tremedeira desapareça. Finalmente, depois de um tempo, a levo para dentro.

"Isso é um inferno de fobia para se ter quando você está vivendo ao ar livre, querida."

Ela não olha para cima.

“Parece que temos um pouco de comida aqui. Isso definitivamente virá a calhar. Nós só precisamos encontrar uma maneira de abrir. Acho que é hora de passarmos por essa cozinha. Na verdade, deixe-me reformular. Acho que é hora de *eu* passar por essa cozinha. Você, jovem, será punida por remover as suas algemas.

Preciso da obediência dela, não importa como eu consiga. E hoje, isso significa que ela será punida.

"O que você vai fazer comigo?", ela pergunta, o seu tom agudo como pedra. Sei que a sua abrasividade mascara o medo.

Quando entro no quarto, coloco-a na cama. Ela sabe que não pode se mover, mas geme alto quando pego as, agora familiares e detestadas, algemas de metal.

Eu a privo e a deito na cama de costas. Puxo os seus pulsos acima da cabeça e seguro-os com a precisão desanimada de um médico, faço o

mesmo com os seus tornozelos, então ela está estendida na cama. Quando ela está bem e segura, fico de pé ao lado dela e permito que os meus olhos passem vagarosamente por cada centímetro do seu corpo nu e vulnerável, andando de um lado para o outro, como se eu estivesse imerso em pensamentos. E talvez eu esteja. Ela é tão macia. Tão maleável. Quero ela murchando sob o calor do meu olhar.

O meu pau alonga. Estou condicionado a querer transar com ela em obediência quando ela está impotente e desafiadora assim. Submissa.

Sob o meu olhar penetrante, o seu corpo começa a responder sem que eu sequer a toque. No início, a sua resposta é visível quando a tensão desaparece dos seus ombros e as linhas de preocupação na sua testa se suavizam. O seu peito sobe com a respiração profunda e lenta que ela dá. O meu controle sobre ela permeia o ar como neblina ao anoitecer, espesso e impenetrável. Cada fôlego que ela toma a leva à submissão.

Piscinas azuis me encaram da simplicidade do travesseiro branco, os seus cabelos dourados se derramando ao redor dela como um halo. Com as pernas afastadas, a brisa suave que penetra pela janela aberta

faz cócegas na sua pele nua. A luz captura um vislumbre de excitação nas suas coxas.

Ela está molhada para mim.

Nem sequer toquei nela. Nem a lambi. Nem a provei.

A minha decepção pela sua desobediência desapareceu. A princípio, receei que o meu treinamento tivesse sido em vão, que ela ousou me desafiar tão prontamente. Mas não. Aqui, deitada debaixo de mim, completamente à minha mercê, o corpo dela sabe o que fazer.

Eu também.

Círculo a cama, absorvendo cada centímetro do seu corpo.

"Você é linda.", digo passando a palma da mão ao longo do volume total do seu seio, mas evitando os seus mamilos.

Engolindo em seco, Nadine sussurra: "Obrigada."

Concordo.

"Eu disse que te rasparia." ,removo a minha mão. Ela choraminga quase silenciosamente com a perda.

A sua respiração fica irregular e o seu peito sobe e desce com respirações superficiais. Se eu colocasse os meus dedos no seu pescoço, o seu pulso rápido bateria contra os meus dedos como asas de borboleta.

Me viro e saio dali.

"Senhor?"

Não lhe dou uma resposta. Afinal ela está sendo punida.

Mas primeiro ela precisa comer.

Volto para os nossos suprimentos recém-encontrados e faço um inventário. O meu estômago ronca quando vejo um grande tonel de manteiga de amendoim. Verifico a data de validade e ainda parece bom. Embalado com calorias e gordura, fornecerá um suplemento nutricional muito útil. Pego isso, junto com uma das poucas barras de proteína remanescentes e a última água engarrafada.

De agora em diante, vamos ferver a água das cachoeiras para beber. Sorrio para as panelas e frigideiras escondidas nesta pequena

despensa, bem como uma pequena variedade de facas. Isso será perfeito.

Entro no quarto onde ela ainda está amarrada na cama de costas e começo a trabalhar preparando a nossa refeição. Com a cabeça inclinada para o lado, ela me observa colocar a manteiga de amendoim em uma barra de proteína com sabor de chocolate. Da minha visão periférica, vejo-a engolir.

"Você gosta de manteiga de amendoim, Nadine?", ainda agachado, viro o meu corpo para olhar para ela. A sua minúscula língua se lança e lambe os seus lábios. Engolindo em seco, ela balança a cabeça.

"Sim. Sim, senhor.", ela corrige.

Vou alimentá-la primeiro. Atravesso o quarto com o meu olhar severo treinado nela. Ela ainda está em apuros e não quero que ela esqueça isso.

Caio de joelhos ao lado da cama e pego uma pequena porção da barra na minha mão. Desde que ela está amarrada de costas na cama. Suavemente, trabalho o meu braço sob a parte superior das suas costas e ajudo-a a se sentar tanto quanto as restrições permitem.

"Abra.", instruo, mas ela não precisa ser mandada duas vezes. Ela pega ansiosamente a barra com manteiga de amendoim, mastiga e engole, fechando os olhos por um momento em contentamento com o gosto.

"Beba.", ordeno. Seguro a garrafa nos seus lábios cheios e bonitos e gentilmente coloco um pouco de água na sua boca. Limpo a pequeno baba no seu queixo com a ponta do meu polegar, depois pego a gota na boca e chupo. Ela me observa com os olhos arregalados, mas não diz nada. Depois que ela come, eu como a minha refeição e depois me limpo.

"Você se comportou enquanto te alimentei.", digo com aprovação. "Agora vamos ver como lida com o que tenho para você em seguida."

Embora ela mantenha o seu corpo imóvel, posso sentir a tensão entre nós. Eu já a machuquei antes. Pretendo machucá-la novamente. Só que desta vez, o seu castigo implicará mais do que uma surra.

Círculo ao redor dela novamente. Fico olhando até que não consigo ficar sem tocá-la, é como estar atrás de uma grande janela e olhando para o mar. Preciso tocá-la. Senti-la. Prová-la.

Pelos seus ombros, começo a lenta e deliberada exploração do seu corpo. Traço os belos e graciosos declives dos seus seios e quadris, o doce inchaço do seus seios e o modo como a sua cintura se estreita. O cabelo curto cobre a sua boceta, pequenos cachos loiros. Quando chego à sua boceta, abro os lábios macios e deslizo o meu dedo através das suas dobras úmidas. Apenas tomar o controle dela e a observar, a fez molhada para mim.

Perfeito.

Acaricio a sua doce boceta até os seus quadris se levantarem, mas assim que posso dizer que ela está construindo em direção ao clímax, puxo a minha mão para longe. Ela mói a sua bunda na cama, um protesto silencioso por não a deixar gozar. Dou a sua boceta um golpe forte para puni-la por isso, mas os pequenos arabescos de cabelo tornam impossível realmente puni-la lá.

É hora de eles irem.

Pego os cachos e puxo. O rubor rosa que colore a sua bochecha fica bem nela.

"É hora de você ficar nua.", explico.

Ela sacode a cabeça com terror, os seus olhos a traindo.

"Não, senhor.", diz ela. “Não quero que você faça isso. Por favor, não faça isso.”

Estou dividido entre querer que ela me tema por causa de quem sou eu, e querer que ela confie em mim pelo que estou prestes a fazer.

Seu cabelo loiro cai enquanto ela balança a cabeça descontroladamente.

"Chega, Nadine." O movimento da cabeça continua, então entrego uma bofetada na parte mais larga da sua coxa. "Eu disse que é *suficiente."*

A marca da minha mão floresce contra a sua pele bronzeada. Ela treme, mas os seus olhos seguem o brilho da lâmina. É um aparelho de barbear com cinco lâminas finamente afiadas, com um cabo rosa pálido. Agarro a pequena garrafa de óleo de bebê que peguei da bolsa dela, bem como a pequena garrafa de condicionador.

"Eu preciso disso.", ela sussurra, mas não respondo.

"E o que... o que você vai fazer quando as recargas acabarem?"

Os meus lábios se contraem. Suspeito que ela saiba exatamente o que farei, enquanto me observa pegando a lâmina fina e afiada que encontrei nos nossos suprimentos perto do fogo. Mas vamos lidar com isso quando precisarmos.

"Separe os seus joelhos.", ordeno. A brisa continua fora da nossa janela, como se tudo dependesse dela me obedecer.

Os seus olhos azuis treinados nos meus, ela lentamente separa os seus joelhos. Permito que o meu olhar balance da sua barriga nua para a sua boceta, inchada e molhada. O seu corpo aprendeu a ficar excitado quando fica com medo.

Ela será recompensada por isso.

Me ajoelho na frente dela e coloco as minhas mãos nas suas coxas. Apenas descansando, os meus polegares apontando para dentro da sua vagina. Flexiono os meus dedos e gentilmente amasso a sua pele nua. É macia e suave, levemente perfumada como limões frescos do banho com o sabão.

"Relaxe.", respiro, massageando com as almofadas dos meus polegares em um movimento circular. "Libere-as agora."

Ela balança a cabeça, os seus joelhos ainda mais separados agora.

"Boa menina.", aproveito, pouco antes de me dobrar e colocar um beijo esvoaçante na parte interna da sua coxa. Um movimento gentil dos meus dedos através das suas dobras escorregadias anunciando uma promessa para ela: se ela fizer o que digo, irei recompensá-la.

Eventualmente.

"Você não está autorizada a sair deste lugar sem a minha permissão, Nadine." A minha voz corta bruscamente através do silêncio. Ela se encolhe um pouco, afastando-se de mim, mas concorda. "O que devo fazer com você?"

Os seus olhos brilham para mim, uma sugestão de aço na sua voz. "O que quer que você queira."

Curvo-me sobre a cama e a prendo, os meus músculos flexionando enquanto seguro o meu corpo sobre o dela. "Isso mesmo, querida.", falo no seu ouvido. “Isso é exatamente. Fodidamente. Certo." Cerro o cabelo dela em uma mão, o loiro pálido sedoso contra as minhas juntas bronzeadas. Puxando a sua cabeça para trás, espero até ela gemer e a sua boca se abre em um suspiro. Levo a sua boca aberta com a minha

em um breve e duro beijo que facilita a gentileza, e assim que ela suspira no beijo, levanto a minha mão esquerda e bato na boceta dela. Não é tão eficaz como será, mas reforça o meu ponto de vista.

Ela choraminga na minha boca e a espanco de novo, e de novo, até que os seus olhos lacrimejam. Com cuidado para não a machucar, bato forte o suficiente para ela saber que está sendo punida. Se ela está tão bem treinada quanto acho que está, ela vai estar pingando quando eu saboreá-la.

Libero a sua boca e escovo a minha contra a orelha dela, ainda puxando o seu cabelo loiro no meu punho. "Você *não* me desobedece sem responder por isso."

Deixo a sua cabeça cair no travesseiro e sigo até o pé da cama, como um leão à espreita. Balançando o meu olhar no dela, a desafio a se mover. A desafio a dizer uma palavra de protesto quando levanto a lâmina.

“O que acontece quando você me desobedece, Nadine?”

Humilhada pela surra, ela fala em uma corrida de palavras: "Você me pune, senhor."

Me ajoelho, levanto a garrafa de óleo de bebê e coloco a lâmina onde ela pode ver, de frente para a cama. Abro a tampa do óleo e coloco várias gotas na palma da minha mão. O meus olhos focados nos dela, mergulho a ponta do meu dedo na pequena poça de óleo e lubrifico o meu dedo indicador.

"Abra.", ordeno.

Os seus joelhos se abrem ainda mais e ela sufoca um pequeno gemido. Massageio o óleo em torno dos seus cachos, o cheiro da sua excitação feminina mexendo com o meu pau. Pego a garrafa e despejo várias gotas de óleo nas suas dobras. Ela observa, confusa, uma pequena linha se formando entre as suas sobrancelhas. Ela nunca se tocou com óleo?

Coloco o polegar para baixo no comprimento da sua fenda inchada. Ela assobia e arqueia as costas, precisando de mais. Acaricio e acaricio até que ela se contorce e o seu clitóris incha. Ela está pronta para o clímax quando removo completamente os meus dedos.

Um soluço seco destrói o seu corpo.

Bom.

"Você não gostou disso?", pergunto. Ela balança a cabeça, os olhos fechados. Espanco a sua coxa e os seus olhos se abrem. "Bom.", rosno. “Você agora está sendo punida. Por que estou te punindo?”

"Te desobedeci.", diz ela com os dentes cerrados.

A minha mandíbula aperta e adiciono mais algumas gotas de óleo até que ela esteja bem saturada. Então começo. Cuidadosamente, tão delicadamente como se ela fosse tão frágil quanto um fio de vidro, desenho a lâmina sobre os seus doces cachos. Ela fecha os olhos, como se bloqueasse o que estou fazendo. Limpo a lâmina, passo um pano na sua pele e volto a fazer a sua depilação. O silêncio no quarto só é quebrado por suas respirações profundas e pelo raspar suave do aparelho de barbear contra a sua pele. Continuo até que toda a sua boceta esteja raspada.

"Então.", digo, passando o meu dedo através das suas dobras. "Isso está melhor agora, não está?"

Ela pisca e me encara, depois finalmente acena. "Sim, senhor. Eu acho."

Olho para ela intrigado. “Você acha? Bem, talvez seja melhor te mostrar porque está.”

Ela me observa com cautela quando a seco. Desato as pernas dela e as posiciono sobre os ombros para que as dobras nuas fiquem na minha frente. A minha respiração engata. Deus, ela é sexy.

"Você não gozará até que eu diga.", eu a lembro. "Se você fizer isso, vou chicoteá-la com um desses galhos de fora da janela." O vento assobia e os galhos balançam como se estivessem conspirando comigo para puni-la.

Ajoelho-me e tomo a sua boceta na minha boca, gemendo quando a pele nua atinge os meus lábios. Mexo a minha boca contra ela, sugando o seu local sensível até que o seu corpo tenciona, e posso sentir que ela está à beira do clímax.

"Não goze.", ordeno, voltando para a sua vagina para admirá-la tanto, que ela se contorce debaixo de mim.

"Por favor.", ela implora. "Senhor. Adrian! Por favor deixe-me gozar."

"Não."

Deixo-a e ando ao redor da cama novamente, tocando os seus seios, sacudindo os seus mamilos, espalmando os declives cheios nos seus quadris. Beijo cada centímetro dela, das pontas dos dedos dos pés, até as coxas, através do seu torso e até a barriga, depois arrasto a minha língua até o seu umbigo.

Cinco vezes a levo à beira do clímax, depois paro.

Ela nunca chora quando a espanco, nem mesmo quando ela estava profundamente amarrada com o meu cinto. Mas agora, lágrimas brotam dos seus olhos.

Bom. Talvez ela pense duas vezes na próxima vez que for tentada a desobedecer.

Ela parou de implorar na quarta vez. Agora ela está afundada nas suas restrições. Quando trago a minha boca para a sua boceta novamente, ela choraminga e não pode deixar de se curvar em direção à minha boca. Chupo e provoco, segurando a bunda dela nas minhas mãos. Desta vez entre os golpes da minha língua, levanto as pernas dela e a espanco. Não digo uma palavra, apenas alterno beijar e lamber a sua

boceta doce com a firme palma da minha mão no seu traseiro, até que a sua vagina esteja inchada e a sua bunda esteja vermelha da sua surra. Puxo o seu clitóris na minha boca, trazendo-a cada vez mais perto do clímax, depois solto uma última vez.

Os seus olhos estão fechados. O seu corpo está desossado. Desta vez, quando a deixo ir e não a levo ao clímax, ela suspira na cama e não abre os olhos.

Sem uma palavra, saio do quarto. Ela vai ter um tempo antes de eu voltar para outra rodada.

Capítulo onze

Nadine

Acho que estou flutuando. Ou talvez esteja afundando. Não tenho certeza do que é. Ele me levou ao limite da felicidade e voltou tantas vezes, o meu clitóris está literalmente latejando e inchado. Não há nada além da minha necessidade de gozar. Em algum lugar em um planeta distante, em uma galáxia além de onde estou agora, estou com um pouco de fome e sede e cansada, mas aqui, onde ele me deixou, estou tão pronta para chegar ao clímax, que dói.

Claro, não consigo me alcançar desde que os meus pulsos ainda estão amarrados. Em vez disso, tento esfregar as minhas coxas vigorosamente, apertando mesmo os músculos da minha boceta, mas não adianta.

Ele tem total controle de mim.

A minha bunda está machucada da palmada que ele me deu. Mexo a minha pélvis contra a cama, esperando que de alguma forma me faça gozar, mas isso não vai acontecer. Tenho que me distrair. Preciso pensar em outro tempo e lugar.

Ele saiu. Onde ele foi? Precisamos de algumas coisas e ele provavelmente foi buscá-las. Ele está gostando de construir uma fogueira à noite. Talvez ele tenha achado madeira ou gravetos.

Eu preciso gozar.

Engulo ar e me concentro na respiração. Dentro e fora. Dentro e fora. Apenas respirando.

Eu preciso gozar.

Balanço a minha cabeça e limpo os meus pensamentos. Não, não é isso. Fiquei anos sem gozar, então dificilmente vai me matar se eu não fizer agora.

Mas a razão não está me ajudando agora. Não tenho poder aqui. Os meus pulsos estão amarrados, os meus tornozelos presos e o meu corpo repleto do toque do Adrian.

O que deixei ele fazer comigo?

Mas antes que eu possa entreter esse pensamento, a porta se abre e ele entra no quarto.

"Você acha que aprendeu a sua lição?", ele pergunta.

Eu pisco e olho para o quarto estupidamente, como se ele estivesse falando com outra pessoa. Ele levanta uma sobrancelha.

"Sim.", talvez agora ele me deixe chegar ao clímax? “Quero dizer sim, senhor. Aprendi. Eu realmente, realmente aprendi.”

Vejo quando ele se inclina contra o batente da porta. Ele está um pouquinho mais magro do que antes do acidente, mas ainda é grande e musculoso. Os seus ombros encostam na porta e quando ele cruza os braços no seu peito bronzeado, não posso deixar de olhar para os seus antebraços, então o meu olhar viaja para o sul, para os planos, sulcos e entalhes do seu abdômen. Ele parece algum tipo de Deus.

Fecho os meus olhos e os meus pensamentos vão clarear. Pelo amor de Deus, eu deveria saber melhor que isso. Estou deixando a

minha necessidade de gozar, ofuscar literalmente todo o resto. Estou realmente me sentindo *excitada* por ele e eu não deveria estar.

Mas o que, realmente, ele fez, além de querer a minha obediência e me bater algumas vezes?

Não é suficiente?

Isto. Isso é o que ele fez.

A minha boceta está nua como de uma menina pequena, os meus pulsos doem das restrições e as minhas partes mais sensíveis pulsam. Isto é o que ele me reduziu, uma dependente sem privacidade para falar. Viro a minha cabeça para longe dele.

"Olhe para mim, Nadine.", o comando da porta ecoa como o bater das ondas nas rochas.

Eu o ignoro por tanto tempo quanto possível, apenas o suficiente para que ele não me castigue de novo, então finalmente viro a cabeça para olhar para ele.

"O que você aprendeu?", ele pergunta.

Ser mais esperta quando desobedecê-lo.

"Fazer o que você diz.", repito.

Ele sai do batente da porta e se aproxima de mim.

Eu não quero fazer isso de novo. *Não.* Não aguento mais, de novo não.

Ele se ajoelha na minha frente e abre as minhas pernas, mas desta vez as puxo juntas.

"Não senhor. De novo não."

Ele levanta uma sobrancelha para mim. "Não?", ele franze a testa e a sua voz range como uma lixa. "Se eu precisar te punir, então vou te punir, porra."

Eu sei. Deus, eu sei. Apenas aceno com a cabeça. Olho para longe dele, os meus olhos lacrimejando. Jesus, o que ele fez comigo? O que esse homem me fez?

Ele cai no chão na minha frente e levanta as minhas pernas, jogando-as sobre os ombros.

"Você vai me obedecer, Nadine?"

"Sim. Fodidamente *sim.",* eu gemo. Ele respira na minha boceta, o ar quente fazendo o meu clitóris pulsar. Estou tão pronta. Deus, estou tão pronta.

"Bom.", ele diz, inclinando-se para passar a língua ao longo da minha fenda. Gemo e mexo contra a sua boca, precisando mais, mais e mais rápido. Ele dá voltas e chupa, levantando a minha bunda para que a minha boceta seja apresentada a ele como um banquete, e ele é um homem faminto. Jogo a minha cabeça para trás, a minha necessidade de gozar subindo tão rapidamente que não posso controlá-la. Se ele me disser para não gozar desta vez, não tenho certeza se posso me conter. Uma mão sai da minha bunda e ouço o zumbido de um zíper. Ele está bombeando o seu pau enquanto me come fora e foda-se se isso não me faz ficar ainda mais perto do clímax.

"Senhor.", respiro. "Por favor. Deus, por favor." O pensamento de ser negada novamente faz a minha garganta fechar. “Eu não posso esperar. Oh Deus."

Ele tira a boca da minha boceta. "Você vai me obedecer?"

"Sim. Deus, sim. Vou te obedecer.”, eu gemo, rangendo contra a sua boca. Os pelos da sua barba roçam a pele sensível entre as minhas coxas, em um nítido contraste com a sensação suave e úmida da sua boca na minha boceta.

Ele me solta e por um rápido segundo acho que é isso, ele está brincando comigo novamente. Vou morrer. Não de fome. Não de sede. Mas isso, esta será a minha morte.

Choro alto. Preciso da pressão da boca dele. O toque da sua pele. Não aguento mais isso. É uma tortura insuportável. Mas ele ainda está me segurando, seus olhos negros me queimando como se pudesse ver dentro da minha cabeça, dentro da minha alma, como se soubesse que estou abrigando resistência e apenas implorando por libertação.

"Você deseja?", ele pergunta e, para o meu choque, ele alcança a minha coxa e a aperta. Eu grito e antes que possa responder, a sua boca está na minha boceta novamente, trabalhando tão bem pra caralho em mim que ele vai me alargar.

"Sim.", eu ofego. “Deus, *sim.*"

Ele balança a cabeça, a sua língua sondando mais e mais quando a sua cabeça balança. O meu corpo fica tenso, preparando-se para o clímax, mas temo que ele me deixe no limite novamente. Puxando a sua boca, ele rosna, o calor da sua respiração aquecendo as minhas coxas. "De quem é essa boceta?"

"Sua.", soluço, o meu corpo tremendo no precipício do clímax. "Sua, senhor" gemo.

Ele responde com um movimento lento e preguiçoso da língua que quase me mata.

"Quem é o dono dos seus orgasmos?", ele grita, com os olhos meio fechados. Ele se bombeia mais forte.

"Você é.", gemo, um tremor me rasgando bem no limite. Não posso. Não posso chegar ao clímax agora, ou ele vai me chicotear. Não até ele dizer. Não até ele me autorizar.

"Por favor.", choro. Quem é esse homem que me trouxe para a beira da insanidade assim? Se eu não gozar, vou perder a cabeça. Não aguento outro segundo dessa tortura. "Eu aprendi a minha lição."

Levantando a boca da minha boceta novamente, os seus olhos perfuram em mim e a sua voz cai para um profundo rugido feroz. "Quem é o seu mestre?"

"Você.", eu quase choro.

Ele concorda, satisfeito. “Se você continuar constante e fodidamente me desafiando novamente, isso vai durar dias. Semanas se necessário. Você me entende?"

Acredito. O maldito filho da puta nunca mente. Jamais.

"Sim. Sim, senhor.”, aceno. Eu sei. Fui profundamente castigada. Não vou desafiá-lo. Porra, se ele me deixar gozar agora, farei o que diabos ele disser e sei disso.

"Por favor.," sussurro.

Ele acena com o último e bem-vindo comando: "Goze para mim."

Ele passa a língua uma última vez, ao longo da minha fenda com um ritmo perfeito e eu perco a cabeça.

Me lanço contra as restrições, o poder do meu orgasmo é uma torrente de prazer e êxtase alucinantes. Gozo com tanta força que paro

de respirar, paro de pensar, os meus olhos se fecham enquanto o meu corpo é destruído pelo poder do meu clímax. Luzes piscam atrás dos meus olhos e acho que não posso aguentar mais, então um segundo orgasmo me rasga logo após o primeiro. Um grito quase me ensurdece, e não sei que sou eu até que estou descendo a ladeira daquele clímax, perdendo todo o controle em uma inundação de prazer avassalador. Um terceiro segue o segundo, incrivelmente mais forte e mais intenso do que os dois primeiros, e em algum lugar ao longe ouço ele rugindo a sua própria liberação. Gozo tão duro e tanto tempo que quando finalmente caio na cama meio atordoada, todo o meu corpo dói com a tensão e o poder que me varreram.

Ele me destruiu. Estou completamente fatigada. Não posso abrir os meus olhos. Mal posso respirar. Alguns momentos depois, em algum lugar distante, as minhas restrições estão sendo desfeitas e estou de lado. Tecidos macios esvoaçam sobre os meus ombros e coxas. Um calor reconfortante pressiona contra as minhas costas, um braço familiar envolve a minha cintura. Caio no sono.

Quando acordo, são horas depois. Agora tem que ser quase hora do jantar. O meu estômago ronca de fome, mas o meu corpo ainda sofre

da punição que ele infligiu. Estou quieta e submissa, como uma criança castigada.

O seu farfalhar atrás de mim me diz que agora ele também está acordado. Ele dormiu? Ou estava deitado ao meu lado, vigiando?

"Você está acordada, Nadine?"

Aceno com a cabeça. Não tenho certeza se abro a boca para falar, se posso dizer qualquer coisa.

"Venha aqui.", ele me rola de lado e, para a minha surpresa, encosta a minha bochecha na mão dele. É quase tenro. Não… *é* tenro. A gentileza é mais desarmante do que quando ele é duro comigo.

"Como você está?", ele pergunta em um estrondo profundo. “Esse foi um castigo muito duro que você sofreu." Os seus olhos rapidamente se estreitam e a sua voz diminui. "Não que você não merecesse isso."

Tento desviar o olhar, mas não consigo, já que ele está segurando a minha bochecha na sua mão.

"Estou morrendo de fome.", admito.

Ele bufa uma risada que me assusta.

"Sinto muito.", diz ele. “Eu não queria te assustar. Vou pegar algo para você comer. Fique aqui."

Para onde eu iria? Estou morrendo de fome e o homem me traz comida.

E nunca mais quero ser punida assim novamente, acho.

Não gosto de admitir que ele me subjugou. Mas o pensamento de sair desta cama e desobedecê-lo, faz o meu estômago apertar de medo.

Fecho os meus olhos e penso na minha mãe. *Onde está a sua petite belette agora, mamãe?* Eu acho que... Quem sou eu? O que me tornei? Estou condenada a viver o resto da minha vida sob o seu polegar?

Na minha antiga vida, nos Estados Unidos, eu não queria nem um relacionamento romântico, muito menos... *isso.* Eu não posso ter filhos. Eu tinha vinte e poucos anos quando me disseram que o meu corpo nunca seria capaz de conceber uma criança, mas não me importei. Tenho tumores benignos que bloqueiam as minhas trompas de Falópio. *Miomas uterinos,* assim os médicos os chamam. Eles nunca me incomodaram antes e a minha infertilidade não me incomoda. Era uma porta que se fechava para algo que nunca quis abrir, e percebi que era

um exemplo, quando o universo sabia o que era melhor para o meu corpo, porque nunca quis bebês de qualquer maneira.

E eu nunca quis um parceiro. Os homens são criaturas egoístas e cruéis e não quero dividir a cama com um deles.

E ainda assim é exatamente o que estou fazendo.

Você não tem escolha, digo para mim mesma.

Eu tenho?

Antes que eu possa continuar, uma onda de náusea rola através de mim. Estou com tanta fome. O que ele fez comigo? O cheiro de algo delicioso flutua pela janela aberta e me sento na cama. Nunca me ocorreu levantar-me. Ele me disse para não fazer.

Ouço ele andando de volta para mim e percebo a maneira como o céu está desbotado para o azul. Em breve, será noite. Não tenho certeza se vou conseguir dormir, depois do longo cochilo que acabei de tirar.

A porta do quarto se abre e Adrian entra, vestindo um par de boxers, descalço, carregando uma grande panela fumegante na mão. A fome rola através de mim como um trovão.

"Oh meu Deus.", digo, empurrando-me para sentar. "O que é isso? O que você fez? Você finalmente capturou aquele pássaro e fez... um guisado ou algo assim?”

"Não.", diz ele. “É uma lata de ensopado que encontrei nos suprimentos dos fundos. Abri e inspecionei e parece perfeitamente boa. Mas vou experimentar primeiro.”

Aceno e sento na cama. Ele caminha até o lado da cama e aninha a panela quente na pequena mesa de cabeceira. Ele levanta uma colherada à boca e prova.

"Apenas uma colherada.", diz ele. Estou além do carinho. Estou morrendo de fome e esse homem colocou a sua boca sobre cada centímetro do meu corpo. Ele mergulha a colher na panela e traz uma colher cheia de vapor aos meus lábios. Abro a minha boca para deixá-lo me alimentar. A minha boca enche enquanto o primeiro toque de molho saboroso e carne explode na minha língua.

"Mmm.", digo. “Oh Deus, isso é delicioso. Esqueci como a carne é boa.”

"Eu também.", diz ele, me servindo outra colherada. Continuamos desse jeito em silêncio, ele alternando me alimentando com colheradas antes de comer algumas. Um pouco cai no meu lábio inferior e ele limpa com o polegar. Lambo e sorrio. É quase doce. Comemos a panela inteira e eu caio de volta na cama, cheia.

"Uau, isso foi bom.", digo. "Se eu nunca mais ver outro peixe..."

"Embora é sério.", diz ele. "Tenho algumas boas notícias."

"Você tem?"

Ele concorda. “Testei algumas das framboesas. As roxas escuras não deixaram uma erupção na minha pele. Então o próximo passo é tocá-las nos meus lábios. Se não queimar nem doer, posso dar uma pequena mordida e ver.

Concordo. É uma informação útil.

"Encontrei outra coisa.", diz ele. Ele levanta dois pequenos frascos.

"Isso é... você achou uísque?", pergunto, incrédula.

"Sim. Aparentemente, os nossos cientistas estudiosos tinham outros recursos.”

"Percebi.", digo. Ele abre um e entrega para mim.

"Tome um gole.", diz ele.

Eu faço, então quase gaguejo quando o fogo líquido queima a minha boca. Ele ri, tira da minha mão e toma um longo e impressionante gole da garrafa.

"Deus.," diz ele, respirando fundo e passando a mão pela boca. "Eu precisava disso. Não tomei bebida desde antes de ir para a cadeia.”

"Dez anos atrás.", eu sussurro. Eu conheço as datas. Elas estão tatuadas na minha mente, detalhes permanentes que foram o foco da minha vida por meses.

Os seus olhos encontram os meus e nós dois tomamos juízo, lembrando quem somos e por que estamos aqui.

Nós não somos amigos.

Alcanço o frasco e ele entrega para mim. Dessa vez, não cuspo quando dou um longo gole, mas aceito a chama que queima a minha

garganta e a minha barriga. Entrego de volta a ele sem palavras e ele dá outro longo gole.

"Por que você fez isso?", pergunto. É uma questão arriscada. Ele é mais forte e capaz de me machucar se eu o empurrar.

Ele não me pergunta o que, apenas olha para a porta como se estivesse olhando para algo e um lugar a anos-luz daqui. Ele não responde a princípio, como se estivesse tentando decifrar se sou digna de uma resposta.

Finalmente, depois de um tempo, ele se vira e olha para mim.

"O que você disse?"

Pisco, surpresa com a pergunta. “O que foi que eu disse? Isso importa?"

Ele não quebra o contato visual enquanto toma outro gole do uísque. "É importante.", diz ele.

"Eu vi as fotos.", digo, como se de alguma forma isso explicasse tudo.

Ele não diz nada.

"Você fez isso?" Pergunto. "Você deixou essas marcas e hematomas?" Não sei porque estou perguntando. Me convenci de que ele era culpado desde o começo. De alguma forma preciso acreditar que ele era inocente o tempo todo? Mas se eu fizer isso, isso não torna o que fiz imperdoável?

"Sim.", ele diz sem rodeios. "Fui eu quem deixou as marcas."

O meu estômago aperta. Olho para longe. Não posso olhá-lo sabendo que ele é capaz de infligir esse tipo de violência. Por um momento... apenas por um momento, achei que ele não era o monstro que eu pensava que era.

"Ela queria, Nadine."

Dou uma risada sarcástica. "Isso é o que os estupradores dizem."

Ele balança a cabeça, então pega o meu queixo e puxa os meus olhos de volta para ele. "É o que dizem os estupradores.", ele imita. "E às vezes, Nadine, isso é fodidamente verdade."

"Foda-se.", estalo sem querer. Assim que o faço, espero que ele me machuque, me vire no joelho ou até mesmo me bata, mas ele não faz.

"Você cuide da sua língua.", ele adverte. Sinto a correção me impedir, imediatamente subjugada.

Acho que ele não precisa ir mais longe.

Estamos saindo da pista.

Ele exala e passa a mão pelos cabelos. "Ela era a minha submissa," ele começa. "E era masoquista".

Concordo. Sei o que isso significa, pelo menos.

“Ela gostava de estar amarrada, então fiz isso. Amarrei ela. As marcas de corda nos seus pulsos eram da sessão da noite anterior. Uma sessão consensual de BDSM.”

Sinto como se eu fosse perder o meu jantar quando me lembro do seu corpo brutalizado. As contusões e vergões. Concordo. Não quero inibi-lo de dizer mais.

"Bati nela, com frequência e com força.", ele diz. “Às vezes a chicoteava, às vezes a cutucava. Raramente era o suficiente. Ela queria se machucar. Se humilhar. Se degradar.” Ele se vira e encontra os meus olhos. “Não é tão incomum quanto você pensa nos círculos de BDSM.”

Ainda não falo nada.

“Nós nos conhecemos em um clube em Nova York. Ela era uma membro de longa data e eu era novo. Fui para lá quando decidi me mudar.”

"Por causa do seu pai.", interponho.

Os seus olhos se estreitam, mas depois de um momento, ele concorda. "Sim.", diz ele. “Por causa do meu pai. E tios. E irmãos.”

Ouço, imaginando por um momento que talvez a história do monstro que criei na minha mente não seja a verdadeira depois de tudo. Que talvez haja mais na história do que supus.

Não há sempre?

Não tenho muito orgulho em admitir que às vezes posso estar errada.

Estou desta vez?

"Então conheci a Lori no clube e nós dois percebemos que tínhamos algumas coisas em comum." Ele encolhe os ombros e dá outra golada no frasco, depois limpa a boca com as costas da mão novamente

e suspira, satisfeito ou resignado, não sei. Provavelmente ambos. "Nós tivemos um amor mútuo.", diz ele, desviando o olhar novamente. "Ela gostava de receber dor e eu gosto de infligir isso."

Ele não diz *gostava.*

Eu gosto de infligir dor.

A minha bunda queima e os meus músculos se contraem. Isso me deixa com medo? Com nojo?

Ou ligada?

Não sei se gosto de como isso me faz sentir. Me empurro para ficar dormente e me concentrar nas palavras dele.

“Ela queria se machucar, Nadine. Você pode acreditar ou não, mas você é uma garota inteligente. Você sabe que os clubes de BDSM existem, e sabe pelo menos um pouco do que acontece neles.”

"Eles são consensuais.", digo. "E ninguém sai por aí batendo nas pessoas ou machucando-as ou vergando-as."

Ele levanta uma sobrancelha. “No pacote higienizado e pronto para o romance apresentado ao mundo em geral? Sim. Na vida real?", ele sacode a cabeça. "Nem tanto, querida."

Desta vez, ‘*querida’* perde a borda. Não é um tapa na cara, mas é algo... diferente.

Não consigo entender muito bem que as marcas brutais da mulher eram algo que ela *queria.* Parece uma mentira que os monstros alimentam as pessoas para normalizar a brutalidade.

"Ela queria ser morta?", pergunto-lhe. Ele recua e olha para longe, então como se no piloto automático ele toma outro gole do frasco, então me entrega. Tomo dele e com gratidão tomo mais um gole. Nós devemos fazer isso durar. Devemos racioná-lo como se tivéssemos qualquer coisa além, mas é como se não pudéssemos evitá-lo. Como se precisássemos disso hoje à noite, para nos dar uma noite em que não precisamos ser responsáveis e cuidadosos. Para nos tornar corajosos o suficiente para falar sobre esse elefante na sala.

"Claro que ela não queria ser morta.", diz ele. Ele vira o seu olhar negro para mim, me perfurando no lugar. “Mas as pessoas que a

mataram a estudaram. Eles sabiam quem ela era. Sabiam que era para mim que ela vinha quando queria ser ferida, chicoteada, machucada e vergada e sabiam que eu infligia isso nela. Com cuidado, Nadine. Eu a assisti, conversamos, eu sabia o quão longe levá-la e quando ela precisava de mais."

"Você gostou de machucá-la.", digo, acusando.

"Eu disse justamente isso.", ele grita, as suas palavras como um chicote em toda a minha pele. "Admito. Eu fiz. Sou um sádico do caralho e nunca disse nada diferente."

Eu recuo. Ele é. Deus, ele é. Quando ele bate com o cinto na minha bunda ou aperta os meus mamilos, o seu pau fica duro. Ele está com fome de dor. Ele fica excitado com isso.

Ele continua. Talvez o álcool tenha finalmente o estimulado, ou talvez ele apenas tenha que admitir, dizer em voz alta, e acabar logo com isso.

"Então, na noite anterior, tivemos uma sessão de corda. Amarrei-a e ela tinha marcas que permaneciam, que atualizei quando ela veio até mim. Amarrei-a com força e chicoteei-a. Bati com a cana nela. E a remei.

Sim, muitas submissas no clube teriam achado demais. Lori? Ela ficou desapontada quando não tirei sangue."

Pisco surpresa. Ele continua.

"Sentir a dor ajudou-a a gozar. Isso a relaxou. Naquela noite, eu a levei para o subespaço."

Eu não sei o que é isso e tenho medo de interrompê-lo.

Ele continua como se estivesse no tribunal, uma firme defesa do que realmente aconteceu, e ouço a sinceridade na sua voz. "Ela estava flutuando, em êxtase. Não podia nem falar, nem se mexer. E eu estava prestes a dar-lhe cuidados posteriores. Desamarrei as cordas dela e ia me certificar de que a tinha trazido para baixo. A trabalhei bem e ela precisaria de atenção. Nós tínhamos uma grande banheira no banheiro do quarto particular do clube, e eu ia banhá-la para trazê-la de volta, ajudá-la a descer depois daquilo." Ele se afasta e passa a mão pelo cabelo. "Eu a deixei na cama. Eu queria pegar um cobertor extra, no caso dela estar com frio quando descesse, o que acontece às vezes. Ela nem sabia que eu saí do quarto. E quando voltei, a porta estava trancada."

Um calafrio percorre a minha espinha. Eu gostaria de poder acreditar que ele está mentindo. Quero me apegar à minha inocência e culpa, mas sei no meu íntimo que o que ele está dizendo é verdade. Prendi um homem que era inocente.

Ele não é um monstro. Cristo. Ele não é.

Tomo um gole silencioso de uísque. Desta vez não queima.

"Então o que?", sussurro.

Nunca olhando para longe, ele continua. “Eles a mataram. A estrangularam até a morte. Eu ouvi batidas, estrondos e a janela do banheiro sendo aberta. Bati na porta, mas não adiantou. Finalmente abri a porta. Ela estava na cama. Morta."

"E foi assim que te encontraram.", digo. Sei o que os relatórios disseram. Eles o encontraram embalando o corpo morto dela nos seus braços depois que uma ligação anônima para a polícia alertou sobre o assassinato. Ele foi julgado como assassino e a evidência circunstancial foi esmagadora.

"Eles a estrangularam com a mesma corda que eu usava para amarrá-la," ele continua, a sua voz firme. “A única marca de corda que não deixei foi a do pescoço dela. A corda tinha as minhas impressões digitais. O seu corpo inteiro. O relatório da autópsia encontrou a minha marca em cada centímetro do corpo dela.”

Eu também sei disso. Traços do cabelo dele nela. As impressões digitais nos chicotes e cordas que infligiram os hematomas. O sêmen no corpo dela.

Ele não teve chance. Ele não tinha um álibi. Ele estava no clube naquela noite, foi o único a marcá-la e a sua corda sufocou a vida dela.

"Quem fez isso, então?", pergunto, ainda não me dando permissão para acreditar nele.

"O meu pai.", diz ele. "Eu não tenho dúvidas. Eu traí a família. A morte era muito simples para mim.”

As suas palavras soam verdadeiras.

Cristo Todo Poderoso, é verdade.

"E é por isso que você escapou.", digo, pensando nisso. Na minha cabeça, me convenci de que esse homem era um monstro, mas ele é realmente um?

O meu corpo ainda pulsa com o que ele fez para mim.

Sim. Sim, ele é um monstro.

Mas ele é mesmo?

Ao longo de toda a descrição do que aconteceu, não me deixei pensar no meu treinamento. Sei como dizer quando alguém mente e sei quando alguém diz a verdade. Nunca precisei de um teste de detector de mentiras. Nunca estou errada.

Ele manteve o contato visual enquanto falávamos, tanto a sua respiração e a sua voz permanecem estáveis. Ele admitiu a sua parte nisso, foi ele quem infligiu pelo menos algumas contusões e marcas de corda. A sua mão nunca chegou à garganta, e falou longamente, em detalhes e frases completas.

Ele está dizendo a porra da verdade.

Olho para longe, incapaz de suportar o pensamento do que ele perdeu. Ele sofreu uma infância terrível. Ele conhece fome e dor.

E perda. Perda terrível e dolorosa.

"Eu ia pedir para ela se casar comigo.", diz ele, finalmente desviando o olhar. "Até comprei o anel."

O meu estômago torce e um nó sobe na minha garganta.

"Casamento é para perdedores.", sussurro.

Ele solta uma gargalhada. "Como você saberia?"

Dou de ombros. “Metade das pessoas que se casam não dão significado ao que dizem. Elas não cumprem os seus votos e acabam de qualquer maneira. A outra metade que ficar juntos por amor, se eles estivessem sempre fodidamente apaixonados. E o resto? Por que eles precisam de anéis e merda? Quando o amor é real, é real, sem ter que proclamar isso da porra dos telhados.” Balanço a minha cabeça e tomo outro gole de uísque. "Nunca vou me casar."

É uma coisa estranha de se dizer. Inferno, nem sei se vou estar viva no meu próximo aniversário, muito menos voltar para uma

sociedade que faz coisas como ter cerimônias de casamento. Imediatamente me sinto como uma idiota total. Me afasto dele, cansada da bebida e me pergunto se é por isso que ele trouxe para mim. Não importa realmente. Eu poderia ficar acordada a noite toda e dormir o dia todo sem nenhum problema.

"Sim.", diz ele, balançando a cabeça. "Eu também."

"E então o que você fez?"

"Você quer dizer para fugir?"

Concordo.

"Fiz amigos, tinha conexões, as pessoas me deviam favores.", ele responde. “Tive que ser discreto, já que tenho certeza de que foi o meu pai quem me colocou atrás das grades para começar. Economizei muito dinheiro e usei um pouco para subornar os guardas. Eu tinha dinheiro, roupas e uma identidade falsa esperando por mim na noite em que me libertei. Tinha um vôo sem paradas de NYC para Honolulu. Onze horas depois, cheguei ao Havaí e de lá fui para as Ilhas Samoa.”

Eu não posso realmente fazer a mudança mental do assassino monstruoso para o amante de coração partido, então não faço. Digo a mim mesma que talvez o que ele está me dizendo não seja verdade.

Mas o meu intestino sabe melhor.

Me afasto dele.

Me desculpe, acho.

Desculpe pelo que? Tudo. Porra tudo. Se não fosse por mim, nem estaríamos nessa ilha. Eu ainda estaria na América e ele ainda estaria vivendo uma vida de liberdade na sua ilha. E Carlos ainda estaria vivo. E assim também os pilotos.

Fecho os meus olhos quando molham, porque eu não choro e, realmente, não tenho um motivo para isso. A cama range e posso ouvi-lo se mexer. Não abro os olhos, mas sinto-o na cama ao meu lado. O álcool deve estar chegando à minha cabeça. Tenho a necessidade mais estranha e esmagadora de chorar.

Abro os meus olhos e ele está deitado na minha frente na sua barriga, os seus braços sustentando a cabeça, que está virada para me

olhar. Olho para as profundezas do seu olhar da meia-noite e não quebro o contato visual. Aos seus olhos, vejo a perda que ele sofreu. A tragédia da morte e um passado que quase o quebrou. Interroguei todos que eu podia antes de caçá-lo. Sei que as cicatrizes no seu corpo foram infligidas pelo seu pai.

Não sei o significado das suas tatuagens, no entanto.

"Machucou?", pergunto, apontando para a tatuagem que o cobre do pescoço até a parte inferior das costas em um intrincado preto tribal.

Os seus lábios se levantam. “Sim, doeu. Machucou como o inferno.”

Bem, essa foi uma pergunta estúpida.

"Por que você então fez?"

Ele encolhe os ombros. “Eu tinha dezoito anos e era estúpido, e queria provar que podia. O meu pai odiava tatuagens, então eu estava bem determinado que ficaria coberto.”

Um ato de desafio, então. Porque ele podia.

Aceno e os meus olhos ficam pesados com o sono.

"As crianças fazem coisas estúpidas.", diz ele, mas pela primeira vez durante esta conversa, sei que ele está mentindo. Não foi uma coisa estúpida. Foi um movimento muito estratégico.

Mas estou cansada. O álcool está me embalando para dormir.

"Sim.", digo com um bocejo enorme. “Elas fazem coisas estúpidas. Mas inferno, os adultos também.” A minha respiração diminui. Estou tão exausta.

"Adrian?" Raramente o chamo pelo primeiro nome dele e me pergunto se ele vai permitir.

"Sim?" Ele diz.

"Eu sinto muito." Não posso olhar para ele quando digo isso, então mantenho os meus olhos fechados. Sinto os dedos dele no meu cabelo, mas eles são gentis desta vez. Ele alisa o cabelo longe da minha testa e enfia um fio atrás da minha orelha.

Mas o seu tom áspero desmente a ternura quando ele ordena: "Vá dormir, Nadine."

Espero pelas restrições que ele sempre coloca em mim, mas adormeço antes dele amarrá-las. Não é até que acordo ao amanhecer que percebo que ele nunca fez.

Capítulo doze

Adrian

Algo mudou quando Nadine e eu conversamos. Foi a primeira vez que me senti à vontade para contar o que aconteceu na noite em que a Lori morreu. No fundo, sei que, se tivesse contado antes, ela não teria acreditado em mim. Ela tinha que acreditar que eu era o monstro que ela caçava ou nunca teria sido capaz de fazer o que fez.

Não é como se eu fosse inocente. Fui eu quem deixei a Lori sozinha. Se eu estivesse no quarto, ela não teria sido assassinada. Se eu não a tivesse deixado no estado vulnerável do subespaço, ela poderia ter sido capaz de gritar. Se eu não tivesse sido quem eles estavam atrás... quem eles queriam punir ... nada disso teria acontecido.

E sei que uma parte minha *é* um monstro. A parte que fica excitada em ferir mulheres inocentes e vulneráveis. Inferno, há uma parte minha que deseja que a Nadine implore por mim, então posso dominá-la e marcar a sua bunda novamente. Quero machucá-la. Marcá-la.

Só que agora não é por causa da retribuição, mas simplesmente porque ela implorou, porra.

Ela começou a marcar a nossa estadia aqui. No início, ela fez isso secretamente, mas quando disse a ela que não havia nada errado em anotar a passagem do tempo, começamos a fazer isso juntos. Nós já estamos aqui juntos, um mês inteiro.

Algo está me incomodando esta manhã. Não tenho certeza do quê.

Vou andando até a praia e quando chego lá, estou correndo. Preciso dominar esse monstro dentro de mim, domá-lo, batê-lo para baixo. Em casa, eu levantava pesos até que os meus músculos atingissem a exaustão. Era a única coisa na prisão que me mantinha são, a capacidade de acorrentar o meu monstro com levantamento de peso e estimulante de adrenalina. Empurrar o meu corpo ao extremo. Me punir.

Tenho que admitir, amo correr na ilha. Há algo tranquilo em correr sozinho no início da manhã. Aqui está melhor ainda. O pássaro ocasional grita no ar, embora eles mantenham a distância, como se soubessem que estou pronto para transformá-los no café da manhã. Ondas martelam na praia e retrocedem, a batida rítmica e a atração da ressaca soam melhor do que a música que eu costumava escutar nos fones de ouvido. Corro antes do sol nascer completamente, porque, depois, o calor é perverso. Praticamente insuportável. Não é úmido aqui, mas quente como o inferno.

Hoje, depois de correr até as minhas pernas cederem, caio na praia de areia macia. Foi aqui que os enterramos, nesta praia. Onde os outros conheceram os seus destinos e ganhei a minha liberdade.

Irônico, de certa forma. Me viro e olho para o céu. Franzo a testa quando vejo grandes nuvens escuras de tempestade chegando. Nós não tivemos mais do que uma breve tempestade de verão desde que chegamos aqui. Não houve tempestades reais para falar. E não há como dizer exatamente o que essa tempestade trará.

Me levanto da praia, limpo a areia do meu corpo suado, corro em direção à água para um rápido mergulho. Acerto as ondas de frente, mergulho, então viro e nado para a praia. O sol evapora a água salgada da minha pele enquanto volto para o abrigo. Precisamos ter certeza de que o nosso abrigo está protegido.

Eu não a contenho mais. Franzindo a testa, pego o meu ritmo, até que estou correndo.

Dei a ela *uma* punição depois da infração dela. Será o suficiente para mantê-la em conformidade?

Chego à clareira perto do nosso abrigo e paro no meu caminho.

Isso é… música? Paro e escuto.

Isto é. Ela está no chuveiro e está cantando.

Por que nunca a ouvi antes?

Ela toma um banho curto como foi instruída a fazer, mas continua cantando mesmo quando fecha a água. Não consigo entender as palavras, mas é em uma língua estrangeira. Francês? Ainda estou parado lá em silêncio quando ela sai molhada. Ela está lá na porta, a água escorrendo do seu cabelo encharcado, em seguida, traz um fio loiro para a boca, como para se cobrir. Ela está envergonhada de que a peguei cantando. Livre das suas restrições, ela canta.

"Está tudo bem.", digo. "Acabei de perceber que há uma tempestade chegando."

Como se fosse uma sugestão, um enorme estrondo de trovão ressoa sobre o abrigo. Ela pula.

"Vamos. Vamos garantir que tudo esteja seguro."

Ela anda até as roupas e levanta algumas coisas, depois me olha interrogativamente. Sem restrições. Vou permitir que ela se vista também? Ela ainda não fez.

Dou-lhe um aceno de cabeça, muito ocupado com o que está acontecendo do lado de fora para me concentrar nas suas escolhas de roupas. Ela se atrapalha enquanto fecho e tranco as janelas, depois saio para me certificar de que existe uma pilha de madeira contra o abrigo e não a céu aberto, onde o vento pode fazer voar e se tornar um perigo.

Quando volto ao abrigo, ela ainda está nua, olhando para as roupas. Isso me intriga, mas não passo muito tempo pensando nisso. Me aproximo, pego uma calcinha na minha mão esquerda e, em seguida, enrolo o meu braço direito ao redor dela. Levando-a para a cama, sento-me e, quase instintivamente, giro-a para a minha frente. Levanto um pé seu e deslizo a sua calcinha, depois levanto o outro pé e deslizo também. Então puxo a sua calcinha até as pernas e dou-lhe um tapinha carinhoso na bunda.

"Boa menina.", digo com aprovação. "Você gosta quando eu te visto."

"Bem, eu não.", ela gagueja, girando como se estivesse afastando-se de mim, mas ela está blefando. Agarro a mão dela quando ela se vira para ir e puxo ela para o meu joelho.

"Você faz.”, digo. "Não há nada de errado com isso."

Não tenho tempo para isso. Eu deveria estar me certificando de que estamos preparados para a tempestade. Mas não posso deixar de colocar a minha mão na parte de trás do pescoço dela e puxar o seu rosto em direção ao meu. A beijo, os meus lábios roçando os dela gentilmente a princípio, depois mais forte quando o meu pau endurece. Ela pode não ceder de qualquer forma, mas isso é o suficiente. É tudo que preciso.

Ela geme quando inclino a cabeça para trás e a embalo contra o meu braço, as suas mãos envolvendo o meu pescoço como para se ancorar. Um trovão ressoa do lado de fora da nossa porta, com um gemido, a liberto.

"Tenho que me preparar.", murmuro gentilmente, empurrando-a do meu colo.

"Mmm.", diz ela. "Podemos conseguir algo para comer primeiro?"

Merda. Toda a comida está do lado de fora.

Olho para ela, ainda sem restrições. Posso realmente confiar nela? Ou ela está jogando comigo?

"Sim.", digo. "Vamos lá." Eu a seguro pela mão, não querendo admitir que estou fazendo isso para ter certeza de que ela não faça nenhum movimento contra mim.

Nós vamos rapidamente, assim que o primeiro som de chuva caindo atinge o telhado. "Mova-se.", ordeno, movendo-a junto com um puxão na sua mão.

"Adrian, pelo amor de Deus.", ela murmura. Puxo-a na minha frente e dou-lhe um tapa na bunda.

"Não me empurre agora, Nadine.", digo. “Só porque tirei as restrições não significa que você tenha mais liberdade. Você faz o que eu digo, porra.” E eu também estou falando sério. Algo mudou entre nós, mas isso não faz parte.

"Quando vai parar?", ela pergunta.

Tento não revirar os olhos. "Não tenho certeza.", gracejo. "Perdi a previsão do tempo esta manhã."

Ela estreita os olhos e franze a testa. "Bem, não é isso que eu quis dizer.", diz ela. "Mas você disse que estudou essas ilhas e fiquei imaginando quanto tempo as tempestades costumam durar."

Ela está certa. Estou sendo um idiota. "Sim. Não muito. Tempestades tropicais como essa, surgem velozes e furiosas, mas saem tão rapidamente quanto surgem. *Usualmente."*

Ela balança a cabeça e pega outro biscoito. O som da água batendo no chão me chama a atenção.

"Você ouviu isso?", pergunto a ela. Ela franze a testa e balança a cabeça.

"Sim. Parece que é... dentro?”

Ela se levanta e vai até a porta, olhando para a área principal do nosso abrigo. "Oh.", diz ela, arregalando os olhos. "Está entrando pelo telhado, bem em cima do computador."

Fico de pé e vou até ela. Ela está certa. Está vazando direto no computador. Não importa muito, já que essa coisa antiga está

desativada, mas água e eletrônicos não devem se misturar, não importa o quê. E um telhado com vazamento é uma má notícia.

Em poucos minutos, as nuvens rolam e o sol sai. Há quatro lugares onde vazou água do telhado, tão mal que precisarei consertá-los imediatamente.

Fazemos uma avaliação rápida dos danos fora do nosso abrigo. Tudo parece milagrosamente incólume, apenas molhado.

“Bem, vou ter que imediatamente consertar o quarto, antes que outra tempestade apareça.” É loucura a rapidez com que o sol sai novamente. Não há praticamente céu nublado.

"Como você vai consertar isso?", ela pergunta.

“Encontrei algumas ferramentas no galpão. Vou ter que fazer uso delas com as árvores por aqui.”, explico. Por alguma razão, ela franze a testa e parece desapontada, mas tenho merda a fazer.

"Posso ajudar?", ela pergunta, o que me surpreende. "Quero dizer se não for," ela joga aspas no ar, "trabalho masculino."

"Sim.", digo. “ Isso no entanto é. Mas você é forte e pode ajudar.”

Ela parece que vai continuar franzindo a testa, mas puxo uma mecha do seu cabelo loiro e dou-lhe um sorriso.

"Só não quero que você se machuque e sou um cara tradicional."

Ela inclina a cabeça para o lado. "Um cara tradicional que gosta de segurar coisas pesadas para meninas e chicotear as suas bundas?"

"Não, Nadine.", digo puxando o cabelo dela mais forte pela segunda vez. “O cara tradicional que gosta de estar no comando. Agora vamos embora.”

Nós trabalhamos durante horas à sombra das árvores, mas elas não fazem muito para nos proteger do calor sufocante. Havia um pequeno machado no galpão, que se eu tivesse encontrado até um dia atrás, teria ficado escondido, mas agora vem a calhar. Pico madeira até as minhas mãos começarem a empolar e as minhas omoplatas doem do balanço do machado. Nadine empilha os troncos limpos e me ajuda a transformá-los em telhas para o telhado.

"Realmente não parece que as pessoas que construíram este abrigo eram carpinteiros.", ela murmura.

"Sim, definitivamente não eram.", concordo balançando o machado novamente. "A minha suspeita é que trouxeram alguém com eles para construir a estrutura quando vieram, mas fizeram um trabalho básico." Dou de ombros. "Melhor do que se estivéssemos aqui sem ajuda alguma."

"Sim.", diz ela. Ela olha para longe. A pilha de madeira precisa ser muito maior do que está agora e não resta muito para ela fazer, já que nos trouxe almoço e água.

“Por que você não vai para a praia por um tempo? Apenas não mais do que um mergulho se você entrar na água.”, não quero que ela se machuque sem mim por perto.

Os seus olhos brilham com a sugestão. "Mesmo?"

Será a sua primeira viagem à praia sem restrições.

"Sim.", digo. "Vai. Apenas não fique fora por muito tempo e ouça o que estou dizendo. Não vai para o fundo. Compreende?"

"Sim, claro.", diz ela. Estou surpreso quando ela volta para o abrigo.

"Onde você vai?"

"Pegar o meu maiô.", diz ela.

Eu bufo. "Não posso acreditar que você tem um maiô."

"Bem, sim. Eu morava indefinidamente em uma ilha tropical. Claro que tenho um maiô comigo. Você acha que eu estava indo nadar nua?”

Coisinha sarcástica. "Vou dar-lhe um mergulho nu.", rosno balançando o machado novamente. Ela sai para se trocar e, alguns minutos depois, surge em um biquíni rosa que me tira o fôlego.

Assobio e levanto o machado. "Não tenho certeza do porque você trouxe isso em uma viagem de negócios.", eu questiono.

Ela encolhe os ombros. "Eu não ia usá-lo fora do hotel."

"Ainda assim.", murmuro. "Qualquer garota minha que se vestisse assim em público terminaria bem em cima do meu joelho."

Pela primeira vez desde que a conheci, ela cora, o rosa tingindo as suas bochechas.

Sim. Algo mudou na noite passada.

Ela olha para longe. "Bem. Está bem então. Vou lá." Ela está nervosa.

"Venha aqui.", digo curvando um dedo antes que ela vá. Me inclino no cabo do machado, grato pelo breve intervalo.

Lentamente, ela se aproxima, me olhando como se não confiasse em mim. Pego o cabelo dela e enrolo as mechas loiras em volta dos meus dedos, puxo a cabeça para trás e dou um beijo nos seus lábios.

"Tenha cuidado.", admoesto-a, falando sério.

Ela acena com a cabeça. "Claro, eu vou.", diz ela, em seguida, grita enquanto lhe dou um lembrete duro em ambas as bochechas. Ela se afasta, quase pulando.

Eu costumava pensar nela como *a vadia.*

E agora. Não sei o que pensar dela. Não tenho certeza exatamente o que fazer de nós.

Volto para a floresta e me enterro no trabalho.

Capítulo treze

Nadine

Decido que não quero ir para a pequena praia. Não gosto dela, já que parece que é assombrada com as pessoas mortas. Não posso ir a essa praia sem ver os corpos despedaçados na areia e o corpo sem vida do Carlos. Então, em vez disso, vou para a outra praia. A maior.

É uma boa e longa caminhada até lá, mas acho que ele não disse que eu não poderia vir aqui. Inferno, ele faz a sua corrida matinal para cá frequentemente, e talvez até quis dizer que era para essa que queria que eu viesse. E quando chego aqui, sorrio.

É mais bonito do que eu me lembrava. O sol bate quente e acolhedor. Um lindo céu azul pontilhado de nuvens fofas me recebe, a água de tirar o fôlego que se estende até onde os olhos podem ver. A

grande praia branca, ladeada de pedras que parecem quase como se fossem colocadas à mão, mas apenas espalhadas o suficiente para mostrar que não foram. Faço sombra aos meus olhos enquanto ando pela praia, sentindo-me muito mais leve do que há muito tempo. Talvez sempre. Estou acostumada com o peso sobre os meus ombros, o peso de tudo que preciso fazer me pressionando.

Na minha frente está a praia mais bonita, a minha barriga está cheia e o medo que me consumia quando cheguei aqui, se dissipa.

Sento na praia e trago os meus joelhos até o meu peito. Não me importo muito que eu não tenha uma toalha para sentar, vou entrar na água daqui a pouco. Tento decifrar esse sentimento que tenho, realmente não entendendo isso. Mas ao olhar para o oceano, ele se estende até o infinito, me pergunto... é esperança?

Quando o suor aparece na minha testa é hora de ir nadar. Desejo nadar tão profundamente que eu possa mergulhar totalmente nas profundezas do oceano. Mas Adrian não queria que eu fosse para o fundo e não sou idiota. Tudo o que seria necessário é que eu fosse picada por uma arraia, ou fosse pega em uma ressaca, ou estaria longe demais para ele me resgatar.

E quando esse pensamento vem à mente, percebo que ele *iria* me salvar, se eu estivesse me afogando.

Franzo a testa, não tenho certeza como me sinto sobre isso.

Mergulho os meus dedos, abaixando-me e coloco a água fria nas minhas mãos e a jogo nos meus ombros e peito. As ondas me levantam só um pouquinho, batendo no topo das minhas coxas antes de irem para o mar e depois voltarem. Quero mergulhar e andar nessas ondas e me deixar sentir a liberdade de ser totalmente levada embora. Flutuando. Livre. E ele saberia?

No entanto não quero morrer. Aqui não. Agora não.

Finalmente volto para a praia e de repente estou muito cansada. Nós trabalhamos duro hoje, dividindo madeira e fiz muito para ajudar Adrian. Ele não disse que eu não poderia tomar sol e ele não está pronto para eu voltar. Estou tão bronzeada de estar no sol todos os dias, não vou queimar se estiver aqui um pouco.

Encontro um ponto na praia parcialmente sombreado, então a areia não está muito quente e me deito. Totalmente propensa assim com os meus olhos fechados, me aqueço no calor do sol. As nuvens

mudam e não estou mais na sombra. Jogo um braço sobre os olhos, porque o sol está tão brilhante que mesmo com os olhos fechados, quase dói.

Os meus pensamentos começam a se misturar. O rosto severo e o peito nu do Adrian, a tatuagem nas costas enquanto levantava o machado e o balançava, a madeira estilhaçando-se e caindo, cortada em dois, caindo no chão. Há algo sexy na maneira como os seus músculos se agitam e se juntam, então deixa o machado voar com firmeza e força. O seu peito nu goteja de suor na minha mente, deslizando pelo vale entre o seu abdômen definido. Os seus bíceps se levantam com outro golpe do machado.

Percebo que a minha respiração está se tornando difícil e pesada, a necessidade pulsa na minha barriga. Os meus seios incham e a minha boceta aperta enquanto passo a memória dele balançando aquele machado repetidamente na minha mente.

O machado se transforma no seu cinto. Ele está olhando para mim com aquele olhar de poder que me congela no lugar e está apontando para a cama. Então estou no seu colo, as suas coxas fortes sob a minha barriga, ele está me espancando e estou implorando para ele parar.

Sonolenta e com tesão infernal, gemo um pouco na praia e me toco. Repasso as lembranças na minha cabeça e trabalho duro e rápido até que, com um pequeno grito, gozo, aqui mesmo na praia, os sons do meu orgasmo se afogando no bater das ondas.

Pisco e tiro a minha mão. Não posso acreditar que acabei de gozar com a memória do Adrian me batendo.

O que diabos ele fez comigo? Isso é feitiçaria?

Franzo a testa para as ondas e me sento um pouco, olhando para as ondas como se elas me dessem uma resposta. É assim que Eva se sentiu no Jardim do Éden, cercada de beleza e generosidade, incapaz de ter a única coisa que realmente queria?

Balanço a minha cabeça e me afasto. Estou tão relaxada depois de gozar.

Você foi cronicamente privada de sexo, digo a mim mesma. Sou uma mulher no auge sexual aos vinte e nove anos.

Eu deveria estar fazendo sexo.

Pergunto como seria sentir-me presa debaixo do corpo musculoso e poderoso enquanto ele me leva?

Estou fantasiando sobre sexo com o meu captor?

Mas então me lembro de como foi bom quando finalmente me fez gozar, amarrada à cama e à sua mercê.

O meu corpo sabe como foi bom. A natureza nem sempre ouve a razão.

Ainda assim, estou um pouco envergonhada com a lentidão dos meus pensamentos enquanto estou deitada aqui ao sol. Começo a flutuar, ofuscada pelo calor e pelo rescaldo do meu orgasmo. Me viro para o lado e aninho a minha cabeça contra os meus braços. Vou fechar os meus olhos só por um minuto. Só um minuto...

Acordo com um sobressalto, o meu corpo dói de ficar em uma única posição.

Ou é por outra razão? Me sento e a minha pele fica apertada, como se estivesse esticada contra a minha carne e ossos. Eu pisco.

Me machuquei. O meu corpo todo está doendo.

Olho para as minhas pernas e percebo que a minha pele está um tom não natural de vermelho. A realização me atinge de uma vez e me sento.

Oh Deus. Adormeci sob o sol pleno. Por quanto tempo? Estou queimada. Jesus, estou totalmente queimada de sol sem remédios aqui, exceto o homem que vai bater na minha bunda por ser tão descuidada. Gemo alto e tento avaliar o dano, mas tudo dói. Tento virar a cabeça, mas o meu pescoço está apertado e irritado, os meus ombros pegando fogo.

A minha boca está seca como um deserto. Me empurro para ficar em pé, mas dói tanto. A minha pele está tão quente, tão seca, dolorida. Quando me levanto, o chão se levanta e começo a tremer, de repente estou tonta. Algo bate no meu crânio. Tento estender a mão, mas o meu braço dói quando me movo e não consigo parar de me debater. O que está acontecendo comigo? Estou com sede. Estou com tanta sede.

Náusea rola através de mim e a bile sobe na minha garganta. Tenho medo de vomitar, mas pensar em segurar o meu corpo em qualquer outra posição é tortura.

Porra.

Algo está terrivelmente errado.

Água. Eu preciso de água.

Eu preciso beber, então mesmo no meu estado semilúcido sei que a água não pode ser as ondas tentadoras na minha frente. E de qualquer maneira, aquela água está sob o calor do sol e preciso me afastar do sol porque está machucando a minha pele.

A minha respiração é superficial quando tropeço de volta para a floresta. Onde estou? Se estou na praia, quase deveria ver o nosso abrigo depois da pequena caminhada nessa direção. Mas não. Não, eu estou na outra praia, me lembro. Não consigo entender, não consigo entender o que está acontecendo ou onde estou. Eu só preciso de algo para beber.

Tento lembrar onde estou e andar mais e mais na floresta. Estou convencida de que se continuar andando, vou ver algo familiar. Ou talvez ouça a sua voz.

Ele é o seu captor, não o seu salvador, me lembro, mas não consigo pensar nisso agora. Ele saberia o que fazer, então tenho que encontrá-lo.

Mas primeiro, água. Preciso de um gole.

Caio em um joelho e o mundo gira em torno de mim. Fecho os meus olhos para acalmar a tontura e os abro momentos depois. Perdi a consciência? Ainda estou acordada?

Um flash de vermelho vibrante chama a minha atenção.

Framboesas.

Oh, agradeço a porra dos deuses. Framboesas. Preciso delas agora. Elas vão me fazer melhor.

Me empurro para os meus pés, embora dói me mexer. Lidei com coisas piores que isso. Posso ignorar a maneira como o meu corpo está em chamas e os meus músculos doem apenas por um sabor dessas frutas. Porra, eu preciso delas.

Chego à clareira e faço uma pausa por um momento de gratidão quando as vejo à minha frente, cheias, gordas e maduras, implorando

por um gosto. Arranco algumas do arbusto mais próximo. Uma explode na minha mão, o suco pegajoso cobrindo os meus dedos. Inferno, elas parecem tão boas que quero devorá-las. Coloco a mais gorda na minha boca e mordo.

O doce suco azedo explode contra a minha língua. Suspiro, dando as boas-vindas ao abençoado alívio do líquido frio e dou outra mordida, depois outra, até ter comido um punhado inteiro. Os meus dedos estão manchados com o suco e no meu estado semilúcido acho, por um momento, que parece sangue. Tanto sangue. Balanço a minha cabeça e a minha visão se confunde.

Onde estou? Praias arenosas e dias ensolarados, mas dor e sangue e morte. Isso é o paraíso ou o inferno?

Os meus membros ficam pesados e a minha boca de repente parece engraçada. Franzo a testa para as lindas framboesas vermelhas na minha mão. Acidentalmente comi uma ruim? Ou algo misturado nas frutas? Puxo a minha língua. Está muito grande na minha boca e parece estranha e espinhosa. Todo o meu corpo dói. Apesar de me sentir tão quente que poderia morrer, um frio esquisito desce pela minha pele. Caio de joelhos. Estou morrendo. É assim que a morte deve ser. Os

outros morreram rapidamente. Vivi por vingança e ódio. Então a minha morte será torturante e lenta. O meu estômago se contrai de dor e os meus lábios ficam inchados e machucados. Deixo cair a cabeça nas minhas mãos. Vou morrer sozinha em uma ilha deserta e ninguém vai se lembrar do meu nome.

Capítulo quatorze

Adrian

Eu olho as horas e coloco o meu machado em um toco de árvore. O meu corpo todo está coberto de suor e os meus músculos doem como se eu fosse algum tipo de lenhador. Jesus.

Passo o meu braço na minha testa para enxugar o suor e enrugo o meu nariz. Deus, estou fedendo. Preciso de um banho. Rolo os meus ombros e pescoço, as juntas rangem e estalam. Preciso de algo para comer.

Então lembro que não vi a Nadine voltar. Franzo a testa e vou em direção ao nosso abrigo. Talvez ela tenha voltado e eu tenha perdido isso. Mas a porta se abre e ela está longe de ser vista.

"Nadine?" Pergunto. Sem resposta.

Me viro e enfrento a floresta. "*Nadine!*"

A minha voz ecoa de volta para mim como um tapa na cara.

Ela não está aqui.

Porra ela deveria estar de volta horas atrás. Pego um pouco de água e bebo, em seguida, vou para a praia. Se ela ainda estiver lá depois de todo esse tempo, vou ter que deixar claro que não estou bem com isso. Eu disse a ela para não ficar longe por muito tempo. Não posso exatamente dar a ela tempo para voltar, mas 'não muito tempo' não significa cinco horas de merda. No momento em que estou na praia, estou prestes a dar um pequeno pedaço da mente a pirralha.

Mas quando chego lá, a praia está vazia. Ela não está aqui.

Me viro e espio através da floresta, sombreando os meus olhos com a mão. "Nadine!" Chamo, mas nenhuma resposta vem.

Jesus.

Corro de volta para o abrigo, ignorando o pânico crescente que está ameaçando a superfície.

"*Nadine!*"

Nada.

Porra, porra. Ela vai ter mais do que um pedaço da minha mente quando eu colocar as minhas mãos nela. Vou espancar a sua bunda e algemá-la de volta na cama, se eu precisar.

Vou para a praia maior. Ela seria realmente tola em ir tão longe sozinha? Mas tudo o que importa agora é encontrá-la. O que poderia ter acontecido com ela? Onde ela está?

Agora estou começando a me preocupar.

Passo através dos arbustos e das raízes das árvores crescidas, chamando o nome dela. A raiva se desvanece para uma preocupação real quando ela não responde. E se ela se machucou? E se há predadores nesta ilha que simplesmente ainda não vimos? E se ela foi mais fundo do que eu disse e foi pega na ressaca?

Sacudo a minha cabeça. Vou encontrá-la. Tenho que encontrar.

À minha frente, vejo os arbustos vibrantes com as framboesas. Estou prestes a passar por eles quando noto que alguns dos ramos de um arbusto estão empurrados para o lado e há um galho quebrado. Diminuo e me aproximo dos arbustos. Um gemido baixo e dolorido faz o meu pulso disparar.

E é quando a vejo. Ela está de bruços no chão, metade coberta por faixas inteiras de folhas.

"Nadine!"

Ela não se move. Ela está ferida. Ela está malditamente doída.

Caio de joelhos ao lado dela e a rolo para as suas costas. Ela está completamente queimada como uma filha da puta crocante, os topos dos seus braços, rosto e pernas estão vermelhos-lagosta, há pequenas bolhas já em erupção sobre os ombros, mas ela nem sequer se encolhe quando a toco. Os seus lábios estão manchados de vermelho e, por um momento, acho que ela também queimou os seus lábios, mas depois percebo que são os frutos silvestres.

Olho para a mão dela. Os seus dedos estão manchados de vermelho.

Porra.

Segurando-a contra o meu peito, coloco os meus dedos no seu pescoço e sinto um pulso. Eu a ouço gemer e espero mais um, mas preciso ver se esse é perigosamente lento ou rápido. O seu pulso bate forte contra os meus dedos e o meu coração se eleva. Os seus olhos estão fechados. Levanto uma pálpebra com a ponta do meu polegar e indicador, mas as pupilas estão dilatadas e ela não responde. A sua respiração está superficial, todo o seu corpo está mole contra o meu.

Para um momento de pesadelo, um flashback prejudica a minha capacidade de me concentrar ou mesmo respirar. Não estou segurando a Nadine, mas o corpo sem vida da Lori.

"Não.", murmuro para mim mesmo. "Porra *não*."

Nunca esquecerei como ela parecia, flácida e sem vida assim, mas mais fria ainda. Não havia respiração. Não havia pulso. Apenas o seu corpo quebrado.

Mas esta não é a Lori. Esta é a Nadine e ela ainda tem sangue bombeando nas suas veias.

Com esforço, empurro a memória de volta para os recessos profundos da minha mente. Não vou me concentrar nisso hoje. Hoje não.

Se ela comeu as framboesas, preciso tirá-las do seu sistema.

Rapidamente, a viro para o meu colo e lhe abro a boca. Está seca. Então, foda-se. Não posso bombear o seu estômago, então tenho que fazer o melhor que posso com o que tenho. Enfio os meus dedos na parte de trás da sua garganta e espero que funcione, que ela esteja consciente o suficiente para um reflexo de vômito. Os meus dedos atingem o local e o seu corpo convulsiona. Tiro os meus dedos bem a tempo, enquanto ela vomita o conteúdo do seu estômago no chão, na minha frente.

"Boa menina.", digo, mesmo que ela não possa me ouvir. “Essa é uma garota muito boa. Tire tudo daí.” Eu bato de volta com o calcanhar da minha mão. Ela engasga com a bile e a saliva e volta a vomitar até não restar mais nada. Viro-a de volta no meu colo e a seguro. A sua

cabeça tomba para o lado, o seu rosto estranhamente pálido sob o vibrante vermelho da sua pele. Me levanto e a coloco sobre o meu ombro, a minha mente correndo com o que preciso fazer.

O que aconteceu? Definitivamente, um caso grave de intoxicação alimentar das framboesas. Espero que ela não tenha absorvido muito das frutas antes de evacuar a sua barriga. Embora tenha uma queimadura solar? Uma insolação? Ela estava desidratada e delirando?

A sua pele está ardendo ao toque, tão quente que é doloroso. Coloco a sua bochecha contra a minha, o meu coração aperta com a sensação suave e sedosa da sua pele vulnerável contra a minha. Ela está com febre. Seja do veneno ou da insolação, não sei, mas é essencial abaixar a febre ou ela pode ter uma convulsão. Não tratando, ela pode morrer.

É um milagre que conseguimos sobreviver por muito tempo sem uma emergência como essa, mas inferno, o que eu não daria por alguns suprimentos de primeiros socorros adequados neste momento.

Tenho que levá-la para a cachoeira. É a fonte mais gelada de água que temos aqui. Pouco antes de atingir a beira da água, lembro-me. De volta ao kit de primeiros socorros tem um bloco de gelo, um daqueles

químicos feitos para serem ativados com um duro aperto que mistura os químicos. Preciso usar isso. Isso ajudará a diminuir a febre dela.

Mas primeiro, a água.

Seguro a sua boca no meu ouvido, escutando a sua respiração suave. Exalo de alívio. Graças a Deus ela ainda está respirando. Me ajoelho na beira da água e tiro o seu biquíni rapidamente. Ela nem sequer estremece quando o tecido raspa contra a pele chamuscada. A levanto de novo, me volto para a água e lentamente abaixo o seu corpo, submergindo-a até o pescoço. Isso tem que ajudar.

A seguro na água fria, então a levanto e coloco a minha bochecha contra a dela mais uma vez. A água fria parece estar ajudando. Deixo a sua roupa na beira da praia, saio da água e volto rapidamente para o nosso abrigo. Deito o seu corpo fraco e inconsciente na cama, então corro para pegar o bloco de gelo.

Bato nas minhas mãos. A reação endotérmica das substâncias químicas funciona tão rapidamente que a embalagem fica congelada ao toque. Levo para o nosso quarto e me ajoelho ao lado da cama, alisando rapidamente a bolsa fria sobre a sua pele em chamas, para que o frio não a machuque.

Movo sobre cada centímetro dela, sobre os seus ombros e peito, depois para baixo da sua barriga até as suas coxas vermelhas rubi. Me pergunto quanto tempo o frio vai durar quando testado assim, plano contra o calor do corpo dela. Não tenho um termômetro, mas posso dizer que ela está em uma temperatura perigosamente alta.

Entre a água fria e a bolsa de gelo, os seus sintomas pareceram diminuir um pouco. Preciso alimentá-la. Então lembro-me do suprimento de cocos que temos. Se preciso reidratá-la, a água de coco vai ajudar. Depois que senti a testa dela e me convenci de que ela está significativamente mais fria do que antes, busco meia dúzia de cocos. Divido um aberto com o primeiro golpe do machado. Funciona lindamente. No entanto a maioria da água de coco vaza. Preciso encontrar uma maneira de evitar que a água se espalhe.

Com o próximo movimento do meu machado, abro apenas o suficiente para que deixe uma rachadura, mas não o suficiente para dividir o coco. Enfio uma faca e gentilmente separo as duas metades, então vou para Nadine e levo a água na boca dela. Me pergunto se ela será capaz de engolir enquanto estiver inconsciente. Suavemente,

aninho a sua cabeça contra a dobra do meu braço e coloco a casca de coco nos seus lábios. A água escorre por seus lábios e queixo.

"Merda.", murmuro. Tento de novo, mas ainda desliza pelo queixo e lábios dela. Algumas gotas atingiram os seus lábios, mas não o suficiente. Eu a movo ainda mais para baixo e deixo a cabeça cair para trás, de modo que a sua boca se separa. Lentamente, para não derramar nada, dou mais.

Desesperado, rosno para ela, “Nadine, *beba* isso. Agora. Você precisa disso. Beba.”

Não sei se é a posição dela que ajuda, ou ela realmente ouviu o meu comando, mas ela engole e água de coco percorre a sua garganta. Ela gagueja, então a sento até que ela esteja respirando de novo, então a deito de volta e coloco um pouco mais na sua garganta. Isso se prolonga por uma hora, dividindo cocos e inclinando a água de coco suavemente na sua boca, comandando-a a engolir quando escorre. Eu a seguro até os meus braços doerem.

Os pequenos cocos jovens têm mais água neles. Quando crescem, a carne do coco ocupa mais espaço e há menos água. Mas essa variedade é pequena e não pode haver mais de 88 ou 118 mililitros de

água em cada um deles. Em casa, em caixas higienizadas vindas do mercado, as pessoas bebem água de coco, uma bebida pasteurizada e misturada que eu não conseguia dar a mínima antes de chegar aqui. Mas aqui, a água pura e não adulterada no coração do coco é boa para ela. Os eletrólitos e minerais na água ajudarão a nutri-la.

Quando os seus lábios não parecem mais ressecados, deito-a de volta na cama e coloco a minha mão na sua testa. Ela não está tão quente quanto antes. A sua febre parece ter diminuído. Não tenho ideia de quantos dos sintomas dela foram provenientes das framboesas, mas sei que ela está respirando com mais firmeza agora e não está mais respirando superficialmente.

A noite já caiu há muito tempo. Trabalho com a luz do teto acesa, mas sei que agora é hora de descansar. Ela precisa descansar também.

Pego uma pequena faca, descasco a camada exterior peluda de cada metade e como a carne fresca do coco*. Como Jack Sprat e a sua esposa*. Mas vou pegar a gordura e ela vai tomar a água.

Estou exausto e vou ter que iniciá-la na dieta da água de coco assim que eu acordar. Cubro-a com o cobertor, me enrolo ao lado dela e fecho os olhos para um sono rápido. O som lento e firme da sua

respiração me acalma para dormir. Em algum momento no meio da noite ouço o zumbido do vento e farfalhar das folhas, mas rapidamente volto a dormir.

Acordo de manhã cedo e cuido dela, levando água de coco aos seus lábios. Ela fala pensamentos delirantes, resmungando sobre a sua mãe, framboesas e praias arenosas. No começo, fico esperançoso quando ela começa a falar, mas as suas palavras rapidamente se transformam em conversas sem sentido, sem dúvida provocadas por alucinações. Ela ainda está quente ao toque e provavelmente ainda desidratada.

Quando ela finalmente cai no sono, eu cochilo ao seu lado e quando ela acorda falando bobagens, a acalmo.

"Durma, querida.", digo a ela em um momento quando ela se agita e grita enquanto dorme em uma voz tão lamentável que não posso deixar de simpatizar. Franzo a testa para mim mesmo quando faço. Nunca quis ser carinhoso com ela. E ainda assim… o que eu faria se ela morresse?

Ela não significa nada para mim. Nem tenho a confiança que tive com as meninas no clube... não. Não posso me deixar pensar assim.

Ela tem que viver.

Acordo quando o sol ainda não nasceu e sei que é cedo. Um grito do lado de fora da janela, como a chamada de um galo, me faz sentar na cama.

Isso é um galo?

Antes de sair da cama, olho para ela. Ela está dormindo ou inconsciente e a queimadura parece horrível, mas a respiração é firme. Saio e pego mais alguns cocos, mas antes de voltar para casa, ouço novamente. Ouço o grasnido de um pássaro galináceo. Colocando os cocos gentilmente no chão, ando em direção ao som do grasnido. Lá, não muito longe do chão, um pássaro empoleirado em um ninho. Se há um ninho... as rodas começam a girar.

Pego uma pequena pedra e atiro na direção do pássaro. Ele agita as suas penas e deixa o ninho. Pego um galho próximo, balanço-me para cima da árvore e, em seguida, deslizo para o lado até estar nivelado com o ninho. Lá, aninhado nos galhos, há meia dúzia de ovos enormes.

Eles serão perfeitos quando ela estiver consciente e puder comê-los.

Ela ainda está dormindo quando a alcanço. Desmaiada ainda. Corro para o lado dela. Ainda está respirando? Sim. Está apenas em um sono profundo.

Sento-a, rolo-a e abro a sua boca. Droga ela precisa de uma IV. Inclino a sua cabeça para trás e encho a sua boca com a água de coco.

"Beba.", ordeno.

"Nadine?" Pergunto, mas os seus olhos permanecem fechados. No entanto ela bebe, totalmente. As minhas mãos se fecham em punhos, me sinto tão impotente. Tenho que confiar na água de coco.

Como os ovos em silêncio, em seguida, mantenho a minha vigília ao lado dela, dividindo a água de coco e pingando-a na sua boca, em seguida, comendo a carne de coco para o sustento. Não me levanto ou saio, a menos que seja necessário para o mais básico das necessidades.

Capítulo quinze

Nadine

Pisco pela luz do sol que penetra no quarto. Não me lembro como cheguei aqui, ou o que aconteceu, mas estou vagamente ciente de que houve alguma passagem do tempo e estive doente.

Sento-me na cama, então congelo quando o meu cabelo cai por cima do meu ombro. Está em uma trança. Eu nunca trancei o meu cabelo. Adrian?

Olho para o toque dourado, depois olho para o quarto. Há algumas batidas perto da área da cozinha, nos fundos.

"Adrian?"

As minhas palavras são recebidas com silêncio por apenas uma fração de segundo, antes de ouvir o bater de pés bem do lado de fora da janela, tão alto que me assusta. Quando ele abre a porta, está no batente da porta, olhando para mim parecendo que não teve uma boa noite de sono em dias e perdeu peso. As suas bochechas estão afundadas, os seus olhos enterrados em órbitas escuras. A sua barba parece até mais longa. Por um momento irracional me pergunto se semanas ou meses se passaram, como se eu fosse algum tipo de Rip Van Winkle.

"Meu Deus.", ele respira, a sua voz embargada e apertada. Ele entra no quarto e se senta ao meu lado.

E é quando sei. Estive gravemente doente.

E ele realmente… se importa que fiquei doente.

"O que aconteceu?", pergunto, sentando-me na cama. Estou aqui há tanto tempo que a minha pele e os meus músculos estão estranhamente doloridos. "E Deus, posso comer alguma coisa?"

Ele balança a cabeça, mas os seus olhos refletem a sua severidade. Eles brilham como estrelas cravejadas em um céu da meia-noite.

Ele está feliz por eu estar viva. Está fodidamente feliz.

Ele se inclina, passa a ponta do polegar pelo lado do meu rosto e me beija. Quando se afasta, murmura: "Você está com tantos problemas."

O que aconteceu?

De repente estou nervosa por ele ir embora, como se a ausência da sua presença me fizesse sentir desolada.

"Onde você vai?", pergunto.

Ele se vira e levanta uma sobrancelha curiosa para mim. "Só vou conseguir comida.", diz ele. "Volto já."

E ele foi embora. Tento juntar as partes espalhadas da minha memória, mas não posso formular muita coisa e me perturba que não posso.

Felizmente, ele volta um pouco depois, com um grande prato de comida.

"Isso são ovos mexidos?", pergunto a ele, olhando incrédula para a pilha dourada e fumegante no prato.

"Sim.", ele diz. "Encontrei um ninho nas proximidades."

"Isso é um pouco triste.", digo. Mas rapidamente supero isso quando ele se senta ao meu lado, pega uma garfada de ovos e a leva para a minha boca.

"Eu posso me alimentar.", digo mais por surpresa do que desafio, mas quando levanto a minha mão, ela balança e treme.

"Deixe-me fazer isso.", diz ele. "Tenho te alimentado por dias."

Me sento e deixo ele me alimentar, a minha fome está forte demais para protestar de qualquer maneira. Ele pega pequenas garfadas de ovos mexidos e as coloca na minha boca. Entre as mordidas, me oferece um coco cheio de água. Eu enrugo o meu nariz. "Oh, eu odeio coco."

Os seus olhos escurecem. “Eu não me importo. Isso é o que te trouxe de volta à vida, então você vai beber.”

Tomo um gole, fazendo uma careta com o gosto estranho. É como água, mas suavemente doce. "Não posso apenas tomar água?", pergunto.

"Não. Isso tem mais nutrientes e ajudará você a se recuperar."

"Então acho que é remédio.", digo.

"Exatamente." Os seus olhos sóbrios me trazem de volta à minha pergunta.

"O que aconteceu?", pergunto, rolando para o meu lado. Olho pelo quarto e vejo as minhas roupas dobradas e uma bolsa preta ao lado delas. Pisco surpresa, mas não digo nada para ele. É o meu saco de higiene. Ele trouxe os meus pertences pessoais.

Ele cruza as mãos no colo e olha para mim, como se estivesse esperando que eu desmaiasse ou algo assim, expectante e um pouco nervoso.

"Você não voltou da praia.", disse ele. "Você deveria fazer uma viagem rápida, mas não voltou. Então fui procurar por você, demorou um pouco, mas te encontrei perto dos arbustos de frutas."

A memória desaba sobre mim como um trovão. Exalo. "Adormeci na praia.", digo. "Acordei e estava realmente queimada de sol e me senti mal."

"Insolação.", diz ele.

“Eu estava voltando, mas com muita fome e sede. Tropecei nas framboesas. A minha mente estava toda confusa e nebulosa e pensei que você tinha dito que elas eram boas para comer.”

Ele franze a testa. “Elas definitivamente *não são.* Eu não tinha testado todas elas totalmente. Ainda bem que você não comeu mais, ou eu nunca teria conseguido reviver você.”

Olho para ele interrogativamente. Para ser sincera não tenho certeza do que fazer com isso. "Você me reviveu?”

Ele encolhe os ombros. "Fiz você perder o conteúdo do seu estômago.", diz ele, em seguida, com um sorriso. "Tempos divertidos aqueles."

"Oh, nojento."

"Não pude exatamente bombear o seu estômago aqui nesse lugar, querida."

Querida. Não respondo. É quase... doce ou algo assim.

"Sim.", digo depois de um momento. "Então o que você fez?"

"Te levei para a água, te banhei para abaixar a sua febre, não lhe forneci nada além de água de coco durante dias."

Ele cuidou da minha saúde. Ele manteve vigília ao lado da minha cama, me banhou e me alimentou. Deus. Realmente não sei o que pensar disso.

"Quanto tempo passou?", pergunto, a minha voz é um mero sussurro.

Ele se inclina e beija a minha testa tão ternamente, que lágrimas vêm aos meus olhos.

"Uma semana.", diz ele.

“Puta merda. Uma semana. Estou inconsciente há uma *semana*?”

"Sim.", diz ele, então o seu olhar escurece e a sua voz se aprofunda. "Você nunca vai chegar perto dessas framboesas novamente, vou bater com o meu cinto no seu rabo. Te castiguei uma vez com ele, mas você não está *realmente* atada ainda."

Olho para longe timidamente e, honestamente, com um pouco de medo, já que sei que ele quer dizer exatamente isso. Não é preciso muito para imaginá-lo balançando o couro com mais força e por mais tempo.

"Sim.", digo. "Não acho que preciso da ameaça de punição. Isso foi *horrível.* Então sim, não vou lá." Um puxão suave do meu cabelo me faz emendar rapidamente o que eu disse. "Sim, senhor."

É um lembrete de que, embora eu não esteja mais contida, é só porque me licenciei. Ainda sou a sua prisioneira. Ele ainda é o meu… mestre, ou seja lá o que for.

Mas ele salvou a minha vida.

"Obrigada.", digo.

Ele se levanta e caminha até a porta, depois se vira para mim. "Não quero ficar aqui sozinho.", diz ele. Ele sai.

O meu estômago se afunda. Me convenci por um curto período de tempo que talvez eu significasse algo para ele. Que era mais que um corpo para aquecer a sua cama, que ele pode comandar à vontade. Que eu realmente, realmente significava algo para ele.

Ele passou uma semana inteira cuidando de mim, da minha saúde. Ele me carregou de volta aqui. Mais que isso, ele foi me encontrar, para começar.

Mas sou apenas outra humana, então assim ele não enlouquece na quase desolação desta ilha.

Talvez nós dois vamos, de qualquer maneira.

Capítulo dezesseis

Adrian

Demora dias para Nadine se recuperar. A sua queimadura se transforma, em algumas partes, em bolhas e sei que têm que ser dolorosas, mas ela me deixa tratá-las e não luta comigo. Algumas estouram e até estremeço com a pele sensível por baixo, mas com o tempo a pele começa a cicatrizar. Há partes em que a pele dela se solta, mas com descanso e comida, ela começa a se curar. O seu estômago ainda está enjoado, mas lhe dou pequenos pedaços de coco e ovos mexidos e, eventualmente, alimento-a com pequenas porções de pêssegos e abacaxis enlatados para acompanhar alguns peixes assados. Isso ela gosta. Não gosto de usar os suprimentos da nossa pequena despensa porque temos comida suficiente aqui para nos sustentar, e elas são melhores para emergências. Mas só há coco e peixe que se pode comer extraído da própria ilha.

Um dia volto após pegar o nosso jantar diário e Nadine senta com um sorriso.

"Veja!" Ela diz. Ela encontrou algo rijo e reticente, provavelmente destroços do avião e ela fez uma espécie de rede de metal.

"O que é isso?", pergunto.

“Para pegar peixe. Parece mais uma armadilha de lagosta. Eu *gostaria que* houvesse lagosta aqui.”, diz ela." Estou *morrendo* de *vontade* de comer lagosta."

Eu sorrio para ela. Ela é meio fofa quando está animada com alguma coisa. “Nós não temos exatamente manteiga derretida aqui, querida. E é uma iguaria norte-americana de qualquer maneira.”

"Não importa.", diz ela. "Se pudesse, eu comeria lagosta de qualquer maneira." Então ela franze a testa e puxa uma mecha do seu cabelo. “Talvez possamos encontrar mariscos. Contanto que você prometesse cozinhá-los? Não suporto ouvir os gritos quando se cozinha lagosta.”

Ronco uma risada quando começo a preparar o peixe. Ela faz uma careta e olha para longe. “Uma mulher como você perseguindo criminosos fica toda feminina quando cozinha lagosta? Jesus. De qualquer forma, Nadine, as lagostas não podem gritar.”

"Elas *fazem.*”, diz ela." Você já as cozinhou?"

"Claro.", respondo. “É o som da água na casca. Os crustáceos são incapazes de gritar como os mamíferos. Eles não têm cordas vocais.”

"Acredite no que você quiser.", ela murmura, mas as suas bochechas coram um rosa fraco.

"Se as minhas mãos não estivessem todas cheias de peixe, eu daria um tapa na sua bunda.", digo como se a ameaça fizesse alguma coisa para chegar até ela.

"Por quê?", ela joga de volta para mim.

"Porque você é teimosa pra caralho."

Ela franze a testa e os seus olhos caem na sua bolsa no canto do quarto. "E quando você vai me dar as minhas coisas?"

"Quando eu estiver generoso e pronto.", eu a lembro. Não a quero sob qualquer ilusão de que estamos em pé de igualdade aqui. Ela é teimosa e desafiadora. Nós não somos amigos, certamente não somos amantes e é crucial para mim que ela se concentre em me obedecer.

Ela franze a testa, mas não responde. Depois de um momento, ela se vira para mim.

"Você acha que nós dois poderíamos ir para as cachoeiras hoje?", ela pergunta. "Ainda não tomei um bom banho desde que fiquei melhor."

Aceno, colocando o peixe em um balde de água gelada, em seguida, mergulhando as minhas mãos em um balde fresco para limpá-las. "Fui para uma corrida e apenas eviscerei peixe.", digo a ela. “Maldição se eu não posso tomar um banho..."

Ela franze o nariz, mas sorri. "Eu ia dizer alguma coisa, mas..."

Desta vez *dou um* golpe na bunda dela. Ela foge, guinchando, enquanto recolho as coisas que precisamos. Alguns minutos depois, estamos indo para as cachoeiras.

"Você já foi para a França?", ela pergunta.

Sacudo a minha cabeça. "Até que mudei para o meu último local, nunca estive fora do país."

Ela acena com a cabeça. “Eu não fui longe.”, diz ela, “ou para muitos lugares. A minha mãe me levou para a França uma vez quando eu era apenas uma garotinha. Mas lembro de todos os detalhes. E um

deles é de quando visitando os Sillans de Cascade.” A maneira como ela diz o nome soa como manteiga nos seus lábios, rico e suave, sem o sotaque americano-francês que estou acostumado.

"Oh sim?"

“Quero dizer, elas são *muito* maiores. Imensas. Magníficas. Mas ainda assim, quando vejo as cachoeiras aqui, lembro-me daquela visita.”

Então as cachoeiras são o seu lugar feliz. Elas trazem de volta boas lembranças. Vou me lembrar disso.

“A única lembrança que tenho de uma cachoeira, foi visitar as Cataratas do Niágara em uma viagem da escola primária.”, digo a ela. “E elas eram incríveis, mas tudo o que lembro sobre essa viagem foi como Frankie Deleanor roubou o meu dinheiro do almoço e acabei compartilhando um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia com a Sra. Grave.”

"Aww.”, ela diz, mas está sorrindo. "Sério. Você teve uma professora chamada Sra. Grave?”

"Eu tive.", digo a ela. "E ela era muito, muito... grave."

Ela bufa.

Chegamos à cachoeira justamente quando o sol está alto no céu, mas não importa, já que aqui, a luz passa pelo topo das árvores, deixando um padrão de luz pontilhada na água e nas rochas.

Sob a muda de roupa, trouxe-lhe uma surpresa. Ela não sabe que o resto dos seus artigos de higiene pessoal estão armazenados aqui, assim como o seu aparelho de barbear que recentemente afiei para ela e todas as loções e pequenas garrafas que ela trouxe com ela. Ela passou por uma grande provação e apesar das nossas últimas interações terem sido repletas de comentários sarcásticos, ela merece um pouco de prazer.

Coloco as nossas coisas ao lado da água e a chamo para mim. Ela não olha para o lado timidamente como fazia no passado, mas encontra os meus olhos enquanto tiro a sua calcinha. Tô no meu tempo agora, apreciando a sensação da sua pele macia nas minhas mãos, os seus mamilos seixosos sob as palmas das mãos e a maneira como a sua boca abre com um gemido suave quando acaricio a parte inferior dos seus seios.

"Você é linda.", digo a ela. "Cobrir esse corpo com merda como sutiãs, jeans e blusas de malha pesada seria um absoluto absurdo."

"Eh.", diz ela com um brilho nos olhos. "Você diz isso para todas as meninas."

Pego o cabelo dela e desfaço o pequeno coque que ela formou no topo da cabeça. Seda dourada cai sobre os seus ombros, cobrindo os seus seios. Desloco uma mecha de cabelo para o lado, me curvo e acaricio com a minha língua o seu broto endurecido. A sua respiração engata e os seus olhos ficam meio fechados. Continuo a me amamentar no seu peito enquanto peso o outro na minha mão, suavemente amassando o seu mamilo.

"Oh, Deus, isso é bom.", diz ela, jogando a cabeça para trás e ampliando a sua postura para que eu tenha acesso total à sua boceta doce. Libero um seio enquanto ainda trabalho o outro com a minha língua, deixando os meus dedos viajarem do seu seio, descendo pelo centro do seu umbigo, até a suavidade total das suas coxas, então lentamente entre as suas pernas. Ela choraminga no primeiro golpe dos meus dedos, depois gira os quadris.

Alguém está pronta para gozar.

"Eu trouxe a sua bolsa comigo.”, digo. "E hoje, você obtém quase tudo."

"Quase?", ela respira, movendo a pélvis para que balance contra a minha mão.

"Sim. Você tem uma bolsa de brinquedo que você não está recebendo de volta.”

Ela congela, então a realização aparece nela. "Puta merda."

Encontrei uma pequena bolsa de veludo com um vibrador grosso e um dildo nela.

"Para ser honesto, não sabia que alguém como você traria algo assim como isso com você.", admito. "Especialmente em uma viagem de negócios."

"Eu não tinha ideia de quanto tempo estaríamos lá.", ela responde. Ela move os seus quadris mais rápido na minha mão. "E se fosse um longo tempo, bem... você sabe, eu tenho quase trinta anos."

Sei que ela tem. Encontrei a sua carteira e identidade na bolsa.

"Sim.", digo.

"Você tem trinta e sete.", ela deixa escapar, lembrando-me que conhece detalhes da minha vida. Que eu era o prisioneiro dela. Não há delírios sobre os nossos papéis aqui.

"Bem, trinta anos de idade é o ápice sexual de uma mulher.", ela fala enquanto continuo a acariciar as suas dobras. A sua respiração fica mais e mais rápida.

"Sim, então eles dize.", respondo. "Mas em uma cena do clube, o ápice sexual está apenas começando aos trinta."

"Mesmo?" Ela pergunta. Ela alcança os meus ombros para se preparar enquanto está chegando cada vez mais perto do clímax.

"Sim.", eu movo para fora, o meu pau endurece quando ela se aproxima cada vez mais do clímax. “As pessoas conectadas dessa maneira acham que é um afrodisíaco. É um mito total que o desejo sexual de uma mulher despenca.”

"E você sabe, porque...?"

"Ok, bem, não por experiência pessoal.", admito, removendo a minha mão por uma fração de segundo para lembrá-la de que posso parar, porque o tom dela está ficando um pouco sarcástico. "Mas acho que ainda resta muita vida sexual depois dos trinta."

"Excelente.", diz ela com uma risada.

Ela aperta, prestes a chegar ao clímax, e ponho a minha boca no ouvido dela e sussurro: "Você não precisa mais desses brinquedos, querida."

"Você se livrou deles?", ela pergunta, as suas sobrancelhas franzidas em concentração.

"Foda, tenho certeza que sim.", respondo. E eu fiz. Peguei aquela sacola e chicoteei até o mar, ela nunca mais verá. Caralho, pretensão de pau. Pênis fingido? Não com a minha garota.

Não me arrependo.

"Você só precisava desses brinquedos porque nunca esteve com um homem de verdade.", digo removendo os meus dedos do seu clitóris e empurrando-os no seu núcleo. Ela arqueia e se segura,

aumentando o seu aperto no meu pescoço. Trago a minha boca ao ouvido dela e respiro, "Nunca teve um pau real."

Ela resmunga, "Aqueles eram realmente muito caros." Desta vez removo a minha mão completamente.

"Por favor, não!"

"Por favor, o quê?"

"Senhor. Por favor, senhor? Por favor, não pare. Eu sinto muito."

Bom. Ela está aprendendo.

"Tudo bem, então.", digo. “Boa garota. Goze quando estiver pronta.”

Ela não precisa de mais tempo. Em um grito que faz o cabelo nos meus braços ficar de pé, ela se deixa ir. Os seus braços cercam o meu pescoço para se firmar enquanto grita e se contorce. Jesus, é bom dar a uma mulher um orgasmo que ela aprecia tanto.

Quando ela cai contra mim, eu a seguro até que ela esteja firme novamente, então a levanto nos meus braços e me dirijo para a água. Acho que ela gosta de estar realizada. Ela descansa a cabeça no meu

peito como se isso fosse confortável para ela. Ela é tão pequena, é fácil carregá-la. Eu gosto disso.

Na beira da água, eu a coloco para baixo, de modo que ela esteja de pé ao meu lado, e tiro a roupa rapidamente. Nós usamos o chuveiro algumas vezes, mas os banhos de chuveiro são tão curtos e a água é fria, é bom vir aqui para tomar banho de vez em quando.

Nós usamos essa barra de sabão desde que chegamos aqui, tomando banho apenas algumas vezes por semana. Está mais fina e, quando acabar, teremos que usar os cocos e outras amenidades da ilha. Estou bem com isso, mesmo com o meu cabelo mais comprido e desgrenhado, mas me pergunto sobre a Nadine. Não é tão fácil para uma mulher desistir do conforto de casa.

Entro na água primeiro, depois estendo a mão para Nadine. Ela está acima de mim, o vento agitando o seu cabelo por cima do ombro, várias mechas cobrem o seu rosto e ela ri enquanto as afasta. O seu corpo nu, ainda corado ligeiramente após o clímax, é a imagem da perfeição.

Quando a conheci, eu queria foder a autoconfiança do seu rosto. Queria inspirar terror nos seus olhos e fazer o seu coração bater de medo quando me aproximasse dela.

Nunca pensei em estuprá-la. Peguei o que queria e a deixei no limite. Não é preciso muito para me ligar, então eu batia uma punheta no chuveiro ou sempre que me apetecia. Me certifiquei que ela soubesse que pertencia a mim, que perdeu os seus direitos quando agarrou a minha bunda no chão e me algemou. Que não estávamos mais em pé de igualdade.

Nós já estivemos?

A minha necessidade de vingança passou.

Mas a minha necessidade de controle só cresceu. Agora quero transar com ela até que esqueça o seu nome, até que o seu corpo doa para ser preenchido por mim. Até que ela respire o meu cheiro como uma droga, persiga o seu prazer com o meu nome nos seus lábios e caia no sono contando os seus orgasmos em vez de carneiros.

Nós nos banhamos de um lado que está longe das quedas, em silêncio. Tomo o meu tempo ensaboando-a. Uma vez que ela está limpa,

eu me limpo. Ela me observa, os seus olhos vagando avidamente sobre os músculos do meu pescoço, meus ombros, meu torso. Trabalhei o meu corpo em confinamento, mantive-o na ilha e a dieta magra e o trabalho duro, ajudaram. Ela permanece no meu abdômen quando tomo o sabão, lambo os lábios e engulo. Mas quando os seus olhos encontram os meus, ela rapidamente se afasta, salta sobre a pequena barreira que divide onde nos banhamos das cachoeiras, e nada para longe de mim.

"Cuidado.", eu a repreendo, colocando o sabonete na praia antes de seguir o seu exemplo. Ela se vira por cima do ombro, pisca para mim e depois mergulha abaixo da superfície da água.

"Então é assim que vamos jogar.", digo a mim mesmo, antes de mergulhar atrás dela. Ela grita quando percebe que a estou seguindo e nada mais rápido, mas em cinco braçadas poderosas, eu a alcanço.

"Acha que vai fugir?", pergunto.

Ela espirra água, vira e olha para mim. Nunca teria imaginado que essa mulher poderia ter um lado brincalhão, mas a forma como ela morde o lábio e os olhos se lançam ao meu redor, posso dizer que há mais nela do que eu imaginava.

"Nadine.", digo em aviso. "Nem mesmo..."

Mas o meu aviso cai em ouvidos surdos quando ela mergulha na água diretamente para mim. Estou tão surpreso que só posso piscar e afastar a água no começo até que me ajeite. Ela passa por mim como um peixinho prateado evitando um predador, mas eu facilmente alcanço-a. Ela está nadando em direção às quedas que batem com um rugido ensurdecedor. Aqui está mais frio e um pouco mais escuro. Nado mais rápido e a seguro assim que ela aparece.

Ela grita quando a pego, mas sem ser capaz de ficar em pé, não posso fazer muito, então puxo o seu pé. Ela tenta se afastar, mas a seguro. Então algo chama a minha atenção e a deixo ir.

"Deus.", murmuro. "Nadine, olha."

Ela olha para mim com cautela. “Isso é um truque? Você está me dizendo para olhar apenas para que possa me pegar ou algo assim?”

“Não, quero dizer isso mesmo. *Olha.”,* digo com mais veemência desta vez. Ela olha para onde estou apontando, mas aproveito a oportunidade e a agarro pela cintura. Ela está muito encantada para reagir e estou admirando junto com ela. Até este ponto, nós só vimos as

quedas à distância. Nunca a deixei chegar perto demais, principalmente porque eu estava de olho nela e talvez nunca estivéssemos aqui na hora certa do dia. Sombreio os meus olhos e olho para a luz do sol brilhando de cima, e vejo que onde a sombra das árvores estava antes é uma grande mancha de sol. Aperto os meus olhos e vejo que há um tronco de árvore onde costumava haver uma enorme palmeira pendendo. A tempestade a derrubou, então o sol entra, iluminando o que antes era escuro.

O borrifo das quedas mascara o que está por trás delas, mas as partes da água à esquerda e de onde estamos agora, podemos ver por trás delas, no escuro profundo e azul. Há uma caverna atrás das quedas.

"Vamos lá.", digo a ela. "Vamos dar uma olhada."

Temos que nadar para o lado, então evitamos a poderosa queda d'água, mas há uma pequena abertura onde podemos passar. Nenhum de nós diz nada, o barulho das quedas é tão alto, mas a uma curta distância, no silêncio da pequena caverna, podemos falar de novo.

"O que é isso?", Nadine pergunta, parada na água rasa e abrindo os braços.

"Parece um pequeno santuário.", digo com um encolher de ombros. Há uma saliência de rocha onde poderíamos nos sentar e acima brilha como a luz do sol atravessando as nuvens, poderosa e ofuscante.

Levo-a até a borda, levanto, então me inclino e seguro a sua mão para que possa ajudá-la a sair também. A borda está quente do sol. Ela se junta a mim e nós dois olhamos ao redor, maravilhados. A caverna atrás das cataratas é pequena, mas grande o suficiente para ficarmos de pé. Além de onde estamos agora, posso ver trechos de verde vibrante.

"Olha.", digo tomando-a pela mão. "Vamos ver."

Ela me segue sem uma palavra. Temos que sair da caverna para chegar ao verde.

"Deixe-me ir primeiro.", digo a ela. Ela está segura onde está e quero ter certeza de que não há nada à espreita do outro lado.

Eu me levanto, depois dou uma breve olhada para ter certeza de que é seguro. O meu queixo cai quando vejo o que está aqui do outro lado da cachoeira e solto um assobio baixo.

"O que é isso? Eu quero ver!", ela diz como uma criança ansiosa. E quando me volto para ela, ela fecha a boca e parece deprimida. "Por favor?"

Ofereço-lhe a minha mão e a ajudo. Ela se junta a mim e nós dois olhamos em volta, admirando esse pequeno pedaço do paraíso.

"É como... um jardim.", ela respira.

"Sim. Pergunto por que não podemos ver de cima."

"Bem.", ela diz olhando ao redor, "Acho que você não pode ver de qualquer outro lugar, por causa das pedras e árvores ao redor. É lindo."

Estamos ao pé deste jardim tropical e diante de nós está a grama verde mais macia e exuberante. Há algo em vê-la ali, olhos arregalados de espanto enquanto olha em volta para tudo, isso me faz precisar tocá-la. Puxo a sua mão, puxando-a para perto de mim, de modo que ela esteja contra o meu lado. Ela pisca para mim surpresa, mas antes que possa dizer qualquer coisa, eu me inclino e a beijo.

No começo, ela fica rígida como se não tivesse escolha a não ser me deixar beijá-la, mas quando emaranho a minha mão nos seus longos

cabelos loiros, mais loiro, quase branco agora por causa do sol, e puxo a sua cabeça para trás para que eu possa ter melhor acesso a sua boca, ela suaviza contra mim. Deslizo uma mão pelas suas costas e a pressiono contra mim. Os seus braços rodeiam o meu pescoço. Tudo o que fizemos nos levou a esse ponto, desmembrando-nos até o essencial, e naquele beijo, com o sol brilhando sobre nós como uma espécie de benevolência particular, perdoamos um ao outro.

É fácil levantá-la nos meus braços. As suas pernas envolvem a minha cintura. O meu pau pressiona contra ela e nós nunca paramos de nos beijar, lentamente explorando quem realmente somos, agora que estamos despidos e juntos. Me inclino e nos abaixo para a grama macia. Ela não me deixa ir, ainda segurando os meus ombros e braços como se eu fosse a sua linha de vida. E talvez eu seja.

Me apoio em ambos os lados dela, prendendo-a debaixo de mim e me abaixando para não a sufocar, mas estou perto o suficiente para que os nossos corpos estejam pressionados juntos. Não há nada a dizer, porque nós dois sabemos.

Nós precisamos disso. Está na hora.

Ela me disse há algum tempo que não pode ter filhos e quero saber por quê. Eventualmente, vou ter a história dela. Mas, por enquanto, tudo o que importa é que vou tomá-la agora e não precisamos nos preocupar com o resultado.

Hoje somos apenas nós dois. Talvez só houvesse apenas nós dois.

Beijo o seu rosto e a sua bochecha, em seguida, movo a minha boca para sua mandíbula, plantando beijos lentos e deliberados ao longo da sua pele macia. Ela fecha os olhos e geme suavemente. O meu pau endurece entre as pernas dela, pressionado contra a pele macia e sedosa lá. Desenho a minha língua ao longo do seu pescoço, o gosto doce e salgado da sua pele me fazendo endurecer ainda mais.

"Quero transar com você.", grito contra a sua orelha, a minha voz rouca de necessidade.

A sua única resposta é abrir as pernas para mim, o cheiro da sua excitação feminina me deixando louco.

Eu me apoio em ambos os lados dela e continuo a beijar o seu pescoço, ombros e peito.

"Te treinei bem.", digo quando deslizo a cabeça do meu pau na sua entrada. Ela está escorregadia de excitação e pronta, treinada para querer gozar. “Mesmo que você não admita, o seu corpo sabe quem é o seu mestre.”

Ela flexiona as mãos nas minhas costas, preparando-se, mas não diz nada.

"Você nunca teve um homem?", pergunto.

Ela balança a cabeça e percebo que, de repente, os seus olhos estão arregalados e temerosos. Ela está respirando?

Levanto a minha mão esquerda e tiro o cabelo da testa dela. “Relaxe, Nadine. Você não precisa fazer nada neste momento, a não ser relaxar.”

Ela solta um suspiro, um pouco da tensão deixando o seu corpo. Beijo o seu pescoço novamente e chupo a pele doce, gentilmente cutucando a sua entrada. Ela está molhada e inchada e deslizo facilmente através das suas dobras. Ela está pronta fisicamente, mas precisa de um pouco mais antes de estar pronta mentalmente. A sua respiração engata, mas ela ainda se agarra a mim.

"Eu vou devagar.", prometo. Quero empurrar dentro dela e foder sem sentido essa garota, até que a floresta ecoe com os seus gritos e eu imprima o nosso amor neste pequeno pedaço de terra. Mas ela precisa ir devagar. Certa vez pensei em puni-la transando com ela, mas isso... isso é diferente.

Sou o único a ser punido com esta tortura lenta.

"Não vou te machucar.", digo a ela. Como é que uma mulher tão bonita como ela, nunca foi fodida? Ela está se escondendo, fechada ao que o mundo tem para oferecer. Ela nunca confiou em ninguém. Eu sou aquele que a amarrou, a puniu e a manteve como minha cativa.

No entanto, sou o único a quem ela deu isso. O seu verdadeiro eu.

Quebrei o verniz duro. Ela nunca teria dado nada disso de bom grado. Tive que lutar com ela, rasgá-la aberta e, agora que a tenho, posso ver que no fundo é uma mulher tão feroz que ela me despedaça.

"Segure-se em mim.", sussurro no seu ouvido. Os meus braços de cada lado dela, puxo-a para perto e tão gentilmente quanto posso, deslizo para dentro dela. Os seus dedos se apertam em mim. Ela está segurando a respiração.

"Respire, Nadine."

Com um impulso firme, mas gentil, eu marco-a.

Reivindico ela.

Marco ela como *minha*.

Fecho os meus olhos e afundo neste momento. A sua boceta ordenha o meu pau como se estivéssemos destinados a isso.

"Então você é malditamente apertada.", rosno no seu ouvido. "Cristo." Levanto e empurro, lentamente a princípio, gentilmente construindo um ritmo de fricção que a faz gemer no meu ouvido.

"Adrian.", ela sussurra, sua voz travada.

"Você está bem?"

"Jesus, Deus, sim, você não pare.", ela sussurra. Com uma risada, dou um tapa na coxa dela, a próxima estocada mais firme que a primeira.

"Você não me diga o que fazer.", ordeno com uma risada, mas sou engolido por ela, o cheiro de limão, a sua pele sedosa, os pequenos

gemidos com todos os meus impulsos, a maneira como a sua cabeça está jogada para trás e a sua boca abre como se estivesse morrendo de falta de ar e estou enchendo os seus pulmões. Eu poderia fazer isso por horas, por dias, para sempre, só eu e ela fazendo amor.

"Estou machucando você?", sussurro.

Ela balança a cabeça e me segura com mais força.

Aumento o ritmo com cuidado, bêbado em todas as coisas da Nadine. Estou em um deslizamento de terra e não posso lutar para me segurar. Sou o único que a conquistou e ainda assim ela é a única que me pegou em um aperto de morte. Não falamos palavras, mas não precisamos de nenhuma. Os nossos corpos entrelaçados na quietude silenciosa dizem o que não podemos, uma cadência de rendição mútua.

Estou me aproximando da borda do clímax quando a respiração dela sai em um som sibilante, e ela joga a cabeça para trás, abandonando-se à felicidade. Ela é tão linda, não posso me segurar de volta e gozo com um rugido atrás do seu clímax. Nossos sons ressoam através da quietude e ecoam, depois desaparecem à medida que afundamos lentamente na grama.

Movo-me para o meu lado, ainda nela. Porra, quero ficar dentro dela para sempre.

Ela se vira para mim, subjugada e acanhada, com os olhos baixos enquanto traça uma linha invisível no meu ombro.

“Ficaremos aqui para sempre, Adrian? Vamos envelhecer e morrer aqui?”

"Todo mundo envelhece e morre."

O que a fez perguntar isso?

"Mas e nós?", ela pergunta.

Agora parece que ela está subjugada e quieta, os medos que ela nutre surgem. "Não sei.", digo a ela. Inferno se eu sei.

"No entanto, estou bem estando aqui.", digo a ela. “Você sabe... vivendo e morrendo aqui. Prefiro morrer aqui livre do que viver em qualquer outro lugar.”

Ela balança a cabeça lentamente, contemplando.

Não tenho certeza se ela concorda.

Capítulo dezessete

Nadine

Não posso acreditar que deixei ele me foder.

Mas inferno... não vou mentir. Foi fodidamente incrível.

Ele me trouxe ao clímax antes, muitas vezes até agora, mas nada... nada foi exatamente o mesmo que esta vez. Com ele dentro de mim. Tanto que eu... quero dizer algo para ele.

Não tenho certeza porque penso assim.

As pessoas fodem o tempo todo com pessoas com quem não se importam.

Adrian importa?

Estou deitada ao lado dele na grama, literalmente tomando sol, as minhas coxas ainda úmidas. Preciso me limpar, mas não tenho pressa. Fecho os meus olhos, mas assim que faço, abro-os novamente.

O que eu acabei de ver?

"Adrian?"

"Mmm?", a sua cabeça está nas suas mãos dobradas e os seus olhos estão fechados.

"Você tem que ver isso.", digo maravilhada. "Veja!"

Ele abre os olhos e olha para onde estou apontando.

À nossa frente, há uma série de árvores frutíferas que eu esperava encontrar em outro lugar nesta ilha. Não consigo identificar os frutos de onde estou, mas suspeito que poderei aproximar-me um pouco mais.

Ele pisca, assobia e amaldiçoa em voz baixa.

"Isso é... incrível.", respiro. "Mas depois das framboesas, não estou comendo nada até que testemos primeiro."

"É claro que você não vai.", resmunga Adrian.

"Mas por que você acha que nenhuma dessas árvores cresce fora desta pequena área?", pergunto com uma carranca.

Ele encolhe os ombros. "Não sei, mas talvez possamos descobrir o que são." A sua voz aperta. “E Jesus, Nadine, pelo amor de Deus, estou falando sério. Não coma nada ainda.”

Mas é bem rápido identificar que isso é fruto comestível. Depois de algumas investigações, encontro papaia, manga e outra coisa que me atira no início, como nunca vi pessoalmente. É uma árvore pequena com folhas largas e verdes, e grandes frutos ovais do tamanho da minha mão, levemente esverdeados e espinhosos do lado de fora.

"Fruta-pão.", diz Adrian quando pego um grande fruto maduro. “Podemos cozinhá-lo e é suposto ser realmente bom. Tem amido, como uma batata. Alguns até dizem parecer pão, e é por isso que ele é chamado de fruta-pão.”

Sinto os meus olhos se arregalarem. "Sério? Ooh. Estou no jogo.”

Pegamos o máximo de frutas que podemos carregar e ele me leva de volta à pequena entrada que nos trouxe até aqui para começar. Nós descemos e até deslizamos um pouco, finalmente chegamos à boca da pequena caverna. Sigo-o para baixo e quando chegamos no fundo, coloco as frutas para baixo, para que eu possa pegar água e deixar

escorrer pelas minhas costas, frente e pernas. Ele grunhe para si mesmo, mas deixa-me fazer as minhas coisas e então nós nadamos até onde nossas roupas estão. O meu estômago ronca de fome, a minha boca já está salivando. Deus, o que eu não daria por uma refeição caseira adequada.

Não demoramos muito para reunir as nossas coisas e voltar para o nosso abrigo. Andamos em silêncio até chegarmos à despensa da nossa pequena cozinha. Adrian tira a sua faca mais afiada. Estremeço com o brilho da lâmina no sol. Afinal, não faz muito tempo, quando me perguntei se ele usaria essas facas como armas em mim. Ainda não tenho certeza se eu passaria por ele, mas o que nós compartilhamos lá naquela pequena faixa do paraíso me faz pensar.

Ele ainda me machucaria? Ainda posso ver os seus olhos negros se estreitando em mim com ódio, e a lembrança me faz tremer. Não tenho certeza se ele me machucaria agora, mas me pergunto... e eu faria? Eu poderia machucá-lo se a oportunidade de escapar surgisse?

Dou um passo involuntário para trás quando ele afia a sua faca e a puxa pela espessa casca da fruta-pão. Franzindo a testa, ele descasca a

pele verde e borbulhante, depois corta a fruta amarelada em fatias grossas.

"Acenda o fogão.", diz ele. "Vamos dar uma chance a isso."

Abro o propano e acendo o fogão, empurrando os meus medos sobre ele me machucar para fora da minha mente . Não vou pensar em fazer isso agora. E ele não me machucou. O jeito que ele fez amor comigo na grama foi quase... gentil.

Ele segura as fatias da fruta sobre a chama aberta de uma maneira que não vai se queimar, mas a carne carameliza rapidamente. O meu estômago ronca de fome e eu engulo. Na verdade, *realmente* cheira um pouco como pão.

"Isso é loucura.", digo, engolindo quando a saliva enche a minha boca. "Realmente cheira a pão."

Ele balança a cabeça, ainda se concentrando em cozinhar. "Deveria ter o gosto também."

A lembrança do pão me deixa um pouco melancólica. Faz tanto tempo desde que provei pão e eu daria qualquer coisa agora por uma fatia quente coberta de manteiga.

"Aqui.", diz ele, segurando uma fatia grelhada.

Pego um dos pequenos pratos que encontramos nos nossos suprimentos, e que lavamos religiosamente todas as noites, e entrego para ele, como uma criança faminta implorando por comida. O meu estômago ronca audivelmente. Ele ri, pega a segunda fatia mais quente da fruta e a coloca com ousadia na boca.

"Isso queimou você?", pergunto.

Ele encolhe os ombros. "Não."

"Como é o gosto?"

"Bom.", diz ele. "Por que você não descobre por si mesma?"

Tomo uma tentativa de mordiscar o meu. Isso *tem* gosto de pão. Feculento e agradável, com um sabor sutil e único que não consigo descrever, mas isso é delicioso.

"Mmm.", digo. “Eu poderia me acostumar com *isso.* Tudo o que preciso é um pouco de manteiga.”

Ele revira os olhos. "As vacas estão em grave escassez, então não há manteiga para você."

Bufo uma risada disso. "Você poderia dizer isso."

Enquanto mordiscamos o mamão maduro e a fruta-pão grelhada, por mais delicioso que seja, começo a me perguntar.

Será que algum dia vou me sentar novamente em um restaurante e pedir um bife? Ir no drive-thru para pedir um cheeseburguer duplo? Será que algum dia poderei comprar um vestido novo, ou um par de brincos, ou, pelo amor de Deus, um par de *sapatos de* novo?

"Você está a um milhão de milhas de distância, Nadine.", diz ele, franzindo a testa, mas os seus olhos brilham. "O que você está pensando?"

Dou de ombros. Realmente não quero falar sobre isso. Mas quando ele me fixa com o seu olhar severo, não posso deixar de desmoronar.

“Apenas… você sabe, conveniências modernas. Imaginando se vou tê-las novamente.”, digo.

"Saudades do seu iPhone?"

“Mmm. Tudo isso. Sabonete líquido, telefones celulares, Wi-Fi e lojas de *calçados*. Você não está?”

Ele pensa por um minuto, limpa a comida no prato e dá de ombros. "Não."

Me lembro do que ele disse anteriormente, como preferiria morrer aqui como um homem livre do que viver em qualquer outro lugar. Mordisco o meu lábio inferior, descuidadamente, procurando outro pedaço de fruta, quando um ruído decididamente eletrônico zumbe no ar. Está vindo da cabana. Estou tão chocada que deixo cair a fruta e grito. Adrian ainda fica parado.

"O que é que foi isso?", sussurro, meio esperando uma nave alienígena pousar ou algo assim.

"Não sei.", diz Adrian com uma calma enlouquecedora. "Vamos dar uma olhada."

"Mas soa como um OVNI ou algo assim."

Ele se vira e o canto dos seus lábios se enrola. “Você saberia como é? Você já ouviu alguma nave alienígena antes?”

"Bem, eu...", as minhas bochechas coram. "Bem, não." Franzo a testa. "Você já?"

Ele ri. "Não. Vamos lá."

Ele pega a minha mão e me leva para dentro, mas entra no abrigo primeiro em uma posição defensiva, como se estivesse pronto para afastar os alienígenas, se é que, de fato, estavam aqui. Mas, naturalmente, nada vem correndo para nós com sondas ou olhos esbugalhados. De fato, o som foi tão repentino que me perguntei se imaginei o barulho, se ele também não tivesse ouvido.

"Foi vindo do computador?", ele pergunta. Mas o computador foi frito na tempestade e não há muita coisa acontecendo. Sem luzes, ruídos ou realmente qualquer coisa que indicasse que estava apenas gritando para nós um momento atrás.

"A coisa está morta.", digo, balançando a cabeça. "Quero dizer, pelo amor de Deus é como um grande peso de papel."

Adrian se vira para mim e encolhe os ombros.

De repente, o chão se inclina embaixo de mim, soltando um estrondo gigantesco que me tira o fôlego. Perco o meu pé e tropeço direto para o Adrian. Ele tenta me segurar, mas não faz muito bem, já que ele também está caindo.

"Tremor de terra!", ele grita. "Abaixe-se!"

A cadeira em frente à pequena escrivaninha voa pelo ar. Adrian me empurra para o lado e para o chão, desviando a cadeira com o antebraço antes de me atingir completamente. Grito e cubro a minha cabeça em uma posição agachada, tentando me proteger de qualquer outro detrito voador. Ele está sobre mim, todo o seu corpo cobrindo o meu para me proteger, então o estrondo e o movimento param.

"Não se mova.", ele ordena. “Preciso ter certeza de que nada vai cair e nos machucar. E pode haver um tremor secundário.”

Fico tão imóvel quanto possível enquanto ele lentamente se desprende de mim. Posso senti-lo esticando o pescoço, mas mantenho a minha posição no chão. Finalmente, ele me dá um sinal para ir em frente.

"Você está bem?", diz ele. Ele se levanta e franze a testa, olhando ao redor do interior. “Parece que não sofremos nenhum grande dano. Foi um terremoto muito pequeno, considerando todas as coisas.” Ainda franzindo a testa, ele vai até o computador e aponta para um objeto retangular ao lado dele com uma pequena tela. "Não foi o computador que fez esse barulho.", diz ele. “Foi isso. Não sou cientista, mas acho que isso pode ser um sismógrafo.”

"Pensei que eram anexados a placas com bolas e cordas.", murmuro.

"Este é digital."

“Ahh. Bem, acho que sabemos por que os cientistas estavam aqui.”, digo.

"Sim."

Ando até o equipamento que fica em silêncio, sem fazer nada e sem dar respostas, na pequena escrivaninha. Quase esqueci que estava lá, pois é completamente inútil para nós. Não é nada como o computador cromado que fica na minha mesa em casa, conectando-me

à internet e a todos os confortos modernos imagináveis que eu poderia desejar. Essa coisa é antiga e mal sei o que fazer com ela.

A lembrança de casa me atinge.

"O que você acha que eles vão fazer com as minhas coisas?", deixo escapar.

Adrian franze a testa enquanto inspeciona cada centímetro do nosso abrigo. Ele olha para mim por cima do ombro. Vestido apenas com um short, bronzeado como um surfista, com o seu cabelo e barba desgrenhados, ele parece um nativo da ilha. Ele cruza os braços sobre o peito, antebraços arqueados enquanto me olha.

"Que coisas? E quem são *eles?*"

Engulo. Nem sei porque eu disse isso. “As minhas posses. Em casa. Meu… computador, os sapatos, as roupas e o carro. Meu… dinheiro na conta bancária? O que vão fazer com tudo isso?”

Os seus olhos endurecem. "Quem diabos se importa?", ele sai irritado.

"*Eu* faço.", acho que sim. "Eles têm... me considerado morta para eles?"

Ele dá de ombros, a mão na porta de saída. "Talvez. E se tiver sorte, também estou morto para eles." Ele deixa a porta se fechar com um estrondo. Afundo na cadeira bamba na mesa, minha mente em qualquer lugar, menos aqui.

Certa manhã, acordo com desejo de comer frango. Para o café da manhã, é uma coisa estranha querer que isso seja a primeira coisa a comer, já que normalmente temos frutas e, às vezes, ovos e peixes.

Acho que só há muito coco e peixe que uma menina pode comer.

O espaço ao meu lado na cama está vazio. Adrian provavelmente foi para a sua corrida matinal e pescar. Esse cara é como um relógio. Ele está tentando fazer eu correr com ele. Há muitas coisas que ele pode tentar para eu fazer, mas correr em uma ilha deserta antes que o sol nasça, definitivamente não é uma delas.

Fora da janela, ouço uma enxurrada de penas e me sento na cama. Adrian teve alguma sorte em pegar os grandes pássaros que frequentam a nossa ilha e eu superei a minha aversão por eles rapidamente, depois que ele os cozinhou.

"Tem gosto de frango.", eu disse a ele na primeira noite que ele cozinhou. E agora, é tudo que tenho em mente.

Eu sou louca. Quem diabos acorda, quer frango e depois joga as suas roupas e sapatos para que possam perseguir um pássaro fora da sua janela?

Essa garota é quem eu sou.

Os pássaros passam por mim e eu olho em busca de algo para conseguir acertá-lo. Uma pedra grande parece que vai se adequar bem. Pego, e sem realmente pensar sobre o que estou fazendo, eu atiro no grande pássaro. Não é de se surpreender que sinta falta disso e a pedra vai adentrando a floresta, atingindo uma árvore como um tiro.

O pássaro se vira e olha para mim, e a próxima coisa que sei, é que está *voando* para mim. Pelo amor de Deus, eu não tinha ideia que essas porras eram tão agressivas. Grito, cobrindo os meus olhos, porque

qualquer um sabe que você tem que cobrir os seus olhos quando um pássaro está vindo na sua direção e se agarrar a um galho de árvore próximo. Posso não ser uma corredora do nascer do sol, mas me mantenho em forma, por isso é muito fácil impingir-me para cima do galho e subir na árvore para me esconder do ataque do pássaro.

Só que agora a ave não é vista em lugar nenhum.

E estou *muito* presa, como no inferno, em cima de uma árvore.

Juro sob a minha respiração e tento procurar uma maneira de descer, mas fiz um ótimo trabalho em subir nessa árvore, já que uma saída está literalmente *longe* de ser encontrada. Suspiro.

Adrian vai rir da minha bunda ou me espancar. Esperemos que seja a opção A.

Olho em volta para uma rota de fuga e não consigo descobrir como fiz isso. É como usar uma braçadeira, um método unidirecional de fazer coisas que não podem ser *desfeitas* quando necessário. Que diabos?

Me agarro ao enorme galho e abro as minhas pernas, mas logo percebo que não estou fazendo nada a não ser balançando a três

metros no ar e não posso simplesmente me soltar. Com esforço, levanto de volta a uma posição estável no galho e deslizo cuidadosamente até o grande tronco. Mas aqui, o tronco é nu e tão liso quanto o vidro, então não há jeito de conseguir segurá-lo. Acho que vejo um galho baixo em que posso me agarrar e estou prestes a encontrar uma maneira de fazer isso, quando ouço galhos estalando e Adrian entra em vista abaixo de mim.

Merda.

"Nadine?", ele me chama do abrigo. Ele ainda não me viu, o que faz sentido, é claro, porque estou pendurada na porra de uma árvore acima da cabeça dele. Mas tenho que fazer xixi e estou morrendo de fome, então não posso ficar exatamente aqui para sempre. Vou ser ridicularizada ou espancada, mas neste ponto, vou levar qualquer das duas opções.

"Estou aqui em cima.", grito, as minhas bochechas já ardendo de vergonha.

A sua cabeça balança para trás e ele olha em volta até que me encontra. A sua boca se abre. Eu espero, seja pela sua risada, ou pelo seu olhar severo, ou a sua palestra, mas ele só parece curioso.

"Que porra você está fazendo aí em cima da porra de uma árvore?", ele pergunta.

O uso abundante de “porra” me faz pensar se estou mais perto da resposta palmada/palestra do que das risadas, então escolho as minhas palavras cuidadosamente.

"Bem, havia este... pássaro," começo. “E tentei pegá-lo. Mas o perdi e ele ficou irritado e agressivo, e tentou me atacar. Então… subi nesta árvore. Mas não tenho ideia de como fiz e, definitivamente, não tenho ideia de como descer.”

Ele pisca. "Um pássaro.", repete.

Aceno com a cabeça, mas apenas ligeiramente, porque não quero cair.

"Você tentou... pegá-lo... e ele... tentou... te atacar.", ele repete, levantando uma sobrancelha para mim.

"Isso foi o que eu disse.", digo com os dentes cerrados.

Ele balança a cabeça lentamente e circula a árvore, puxando a barba.

"Situação interessante.", ele murmura.

"Você vai me ajudar ou apenas zombar de mim?," pergunto, a minha paciência se esgotando. "Estou morrendo de fome e tenho muito, muito mesmo, que fazer xixi."

Ele olha para cima e encolhe os ombros. "Eu poderia ajudá-la, mas o que ganho com isso?"

Sopro uma respiração exasperada. "Você vai mesmo se aproveitar dessa situação?"

Ele concorda. "Claro."

"Adrian!"

"Nadine!", ele zomba, com as mãos nos quadris.

Suspiro. "Ok, tudo bem.", murmuro. "Ajude-me a descer e vou fazer o que você quiser." Apenas fazendo essa promessa, os meus mamilos endurecem e a minha boceta aperta. Faz dias desde que ele me fodeu e estou *realmente* pronta.

"Mmm.", diz ele. “Agora tenho uma garantia sua. Tudo bem então. Pule e vou te pegar.”

Ele se ajeita, com os pés afastados e coloca os braços para fora.

"*O quê?* Você está *louco?*"

Não tem jeito!

Ele sacode a cabeça. "Não sou louco. Salte. Vou te pegar."

"Vou matar você!"

"Não será a primeira vez.", ele murmura, os seus olhos escurecendo com a memória. Me sinto um pouco enjoada. A primeira vez que pulei nele, ele era um condenado fugitivo e pulei para impedir a sua fuga. Deve ter havido uma descarga de adrenalina ou algo assim, porque o pensamento de fazer isso agora não parece tão viável como então aconteceu.

Engulo. Não vou me concentrar nisso agora. Essa foi uma época e um lugar diferente de onde estamos agora.

"Pule!", ele repete, ainda tentando me persuadir.

"Deus, não, não posso pular.", cuspo, embora na minha cabeça esteja me perguntando *que diabos de outra opção eu tenho?*

"Nadine.", diz ele, usando esse tom severo que não posso deixar de obedecer. “Maldição. S*alte.* Não posso subir para te pegar, mas *posso* te agarrar e, se você não pular quando eu contar até três, *vou* te bater quando finalmente puser as minhas mãos em você. Entendido?"

Olho para ele, mas ele apenas estreita os olhos. "1."

Ele fez isso uma vez antes e eu sabia que tinha que obedecer. Desta vez não é diferente.

"Apenas pulo? E você vai me pegar?”, pergunto, sentindo que vou ficar doente.

"Basta pular.", diz ele, na sua voz mais calma. “E vou te pegar. E esse é o 2.”

Fecho os meus olhos. Tenho que fazer isso. De que outra forma vou descer?

“3.", ele rosna.

Com um grito de gelar o sangue, pulo direto para ele, o vento soprando no ar. Fecho os meus olhos e me preparo para o inevitável acidente.

Bato nos seus braços e nós dois caímos no chão, mas não tanto que estejamos feridos. Nós pousamos com um "poof" suave.

"Oh meu Deus, você está bem?", pergunto-lhe.

"Claro!", diz ele, antes de agarrar o meu braço e me puxar para ele. Ele tece os dedos no meu cabelo, segurando-o tão apertado no meu couro cabeludo que, se me mexer, dói. "Nunca mais faça isso novamente.", ele ordena. "Vou chicotear a sua bunda se você fizer."

Sei o que significa isso. O meu pulso acelera e *amaldiçoo ele,* a ameaça ataca a minha necessidade por ele como brasas em um incêndio que reacende. Ele me treinou para ficar excitada e com um pouco de medo quando ele me ameaça com punição.

Não posso acenar com a cabeça imobilizada assim, então apenas concordo. "OK." Ele puxa, me fazendo ofegar. "Ok, ok, sim *senhor."* Ele solta o meu cabelo, me gira e bate a palma da mão contra a minha bunda.

"Ow!", digo, esfregando a minha bunda com um beicinho e olhando por cima do ombro para ele. "Por que fez aquilo?"

Ele franze a testa. “Foi um aviso porque você fez algo estúpido e imprudente. Eu pego os pássaros. Certo? E não mais fique encima da porra das árvores.”

“Ele ia me atacar!" ,protesto, mas ele levanta um dedo e balança a cabeça.

"Você precisa ter mais cuidado.", diz ele, mas depois me vira para encará-lo. A sua mão vem para a parte de trás da minha cabeça e me embala logo antes da sua boca encontrar a minha. O meu coração palpita no meu peito e vou para ele, deixando-o me abraçar. A sua barba arranha a minha bochecha e os meus lábios, mas os seus lábios são macios nos meus.

Ele se afasta muito cedo e a sua boca está no meu ouvido. "Quero você segura, Nadine.", diz ele. Aceno, um pouco mais submissa e sinceramente grata que não estou mais naquela maldita árvore. "Você me entende?"

Ele coloca um dedo debaixo do meu queixo e inclina os meus olhos para encontrar os dele. O quase preto das suas íris faz a minha barriga virar. Só posso acenar e engolir em seco. O seu olhar severo

suaviza, então ele escova uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "Boa menina.", diz ele. Ele se levanta e pega a minha mão. "Vamos pegar algo para comer."

Tomamos o nosso café da manhã habitual e converso sobre o café da manhã que a minha mãe costumava fazer. É confortável, apenas nós dois compartilhando as coisas assim.

"E você?", pergunto. Ele nunca fala da sua infância ou vida doméstica e, embora eu saiba, pela pesquisa que fiz há tanto tempo, que ele era pobre e o seu pai não era um bom homem, não sei muito mais.

Ele encolhe os ombros. "Não tenho muitas boas lembranças da minha infância.", diz ele. "Não gosto de pensar sobre isso."

Tomo um gole de água e penso antes de responder. "Você gosta daqui?", pergunto-lhe.

Ele concorda. "Gosto.", diz ele. “É lindo e gosto de trabalhar pela minha comida. Não tenho certeza do que o tempo vai trazer com a mudança das estações, mas é bom, trabalhar por comida e abrigo e

viver da terra assim.” Ele sorri. "Bem, não o bastante para uma ocasional lata de ensopado."

Nós não comemos os bens enlatados que estão aqui, salvando-os para uma emergência real. Ele olha para mim. "E você?"

Não olho para ele quando respondo e, a princípio, não sei por quê.

"Não sei.", digo a ele. “Sinto falta das coisas. Estou quase sem sabão e pasta de dentes e a ideia de escovar os dentes com... água de coco ou qualquer outra porra... meio que me desanima.” Suspiro. "Sim. Sinto falta de muitas coisas. Mas não adianta me concentrar em nenhuma dessas coisas se eu não puder escapar.”

Ele fica quieto por um minuto antes de falar. "E se você pudesse?"

A minha barriga desce. "O quê?", sussurro.

“E se você pudesse escapar? Ser resgatada?”, ele pergunta.

Ele me deixaria ir? Bem desse jeito?

"Não sei.", digo a ele. Lembro-me de como fiquei sem graça quando ele disse que me esconderia dos salvadores, se eles viessem.

Eu sentiria o mesmo agora?

E realmente *não* sei como responder à pergunta. O que eu faria agora se fosse resgatada?

"Não te entregaria.!" digo a ele e quase me deixa embaraçada admitir isso. "Não mais."

Me pergunto se isso vai deixá-lo com raiva, lembrando-o dos nossos papéis e passados, mas ele apenas balança a cabeça e diz um silencioso "Obrigado."

Ele limpa os restos do nosso café da manhã, descansa e se estende.

"Não se esqueça que me deve por resgatá-la."

Fico na frente dele, repentinamente muito, muito consciente da sua grande e musculosa estrutura, do bronzeado, das nervuras dos seus antebraços e do rastro escuro de cabelo que vai do seu peito, para o abdômen e até o short. Preciso tocá-lo.

Pego o seu braço e acaricio gentilmente o cabelo fino e escuro que cobre o seu antebraço. Os meus olhos estão nele. Ele vai me afastar? Quando ele não faz, continuo a tocá-lo, correndo as minhas mãos ao

longo dos músculos das suas costas, em seguida, a sua bunda. Ele geme e no seu short arma uma barraca. A minha boceta aperta e o meu clitóris lateja.

"O que devo fazer para lhe agradecer?", sussurro. Alinho uma mão no seu abdômen e alcanço o seu pênis, colocando-o nas minhas mãos. Gentilmente aperto. Ele alonga na minha mão através do tecido, fazendo a minha calcinha umedecer. Amo transformá-lo assim. Amasso o seu pau e suas bolas através do tecido. Ele assobia e geme, estendendo a mão para agarrar o meu cabelo com uma mão firme e forte.

"Vá para a cama.", ele rosna. Ele me fodeu quatro vezes desde a primeira vez na grama e está ficando cada vez mais ousado a cada vez que passa.

Subo na cama e espero o próximo comando, mas ele não diz nada dessa vez. Ele me levanta direto no ar e me vira na minha barriga. Esta é a primeira vez. A minha respiração engata quando me lembro, esse homem é um Dom.

"Adrian?", pergunto, então em mais uma tentativa. "Senhor?"

Ele se abaixa e dá um beijo na minha bochecha, me agradecendo por isso. Engulo em seco. Na minha vida anterior, eu teria morrido antes de ligar para um homem, senhor, mas quem se importa? É só nós dois aqui de qualquer maneira e ninguém para ficar entre nós.

Ele está me ajeitando na cama pressionando suavemente o meu peito para baixo, em seguida, pegando as minhas mãos e as puxando para que os meus braços estejam esticados na minha frente. "Boa menina.", diz ele. "O que foi?"

Engulo. Eu estava querendo lhe perguntar por um tempo, mas agora soa tão bem quanto qualquer outro momento. "Que... tipo de coisas... você fez no clube?"

Me pergunto se é um ponto dolorido. Afinal, ele foi enviado para a prisão por causa do que aconteceu no clube.

Ele gentilmente golpeia a parte interna da minha coxa para abrir as minhas pernas. Deus, já estou encharcada. Ele enfia os seus dedos em mim e grunhe a sua aprovação. "Muitas coisas.", diz ele. “Jogo de impacto. Gosto de dar palmadas de todas as formas e tamanhos.

Chicotes, bengalas, remos, correias, a minha mão. Você nomeia, e eu usei isso."

Fecho os meus olhos e ele me pressiona enquanto me diz as coisas que faria comigo. "Se estivesse com você lá, eu te amarraria em um banco e te deixaria ter realmente uma boa surra. Talvez com algo moderado como um chicote."

Ele sacode o polegar no meu clitóris e eu arqueio, mas ele rapidamente bate na minha bunda. "Peito para baixo.", ele ordena.

"O quê mais?", respiro.

"Gosto do mobiliário para uma boa surra.", diz ele. "Os bancos, a cruz, o poste do chicote, ou o cavalo de espancamento." Posso ouvir o sorriso na sua voz. "E o Sybian é um dos meus favoritos também."

"Sybian?"

Ele mergulha os dedos no meu núcleo e os meus músculos se contraem em torno deles. Suspiro e me contorço. "Um Sybian é como uma sela, mas para orgasmos."

Suspiro. "O quê?"

“Ele vibra e tem um vibrador ligado, e eu controlo as configurações. Pode ser usado para punição ou prazer.”, ele explica, comprimindo o meu clitóris com a palavra *punição.* Assobio, mas quando ele me libera, o sangue flui através do meu clitóris e me contorço contra a sua mão. “Como você está bem ciente, os orgasmos podem ser uma forma de punição ou recompensa, como uma surra.”

Concordo com a cabeça, a minha própria necessidade do clímax se construindo com os movimentos experientes dos seus dedos. "Mhm"

“Também gosto dos grampos de mamilo. Eles podem ser moderados a severos e também servem como punição ou prazer. Às vezes, gosto de usar cera quente e definitivamente gosto de brincar com faca.”

Suspiro quando ele aperta o meu clitóris novamente. Não estou chocada com o que ele está me dizendo.

"Jogo de faca?", respiro, a minha necessidade de gozar aumenta ainda mais. "O que... como isso funciona?"

Ele se abaixa e chega no meu cabelo, a sua respiração escorrendo pela minha pele quando sussurra “Eu te depilei, Nadine. Pense nisso. É

tudo sobre uma pequena dor modificada. Você tem que confiar em mim para não te cortar. E quando você vê que prefiro cortar a minha bola direita do que prejudicá-la, você afunda nessa cena e a torna sua."

Ele está trabalhando em mim, mas estou presa nas suas palavras. Ele prefere se machucar do que me machucar? Desde quando?

Desde então, digo a mim mesma. *Agora.*

E isso é tudo o que importa.

Ele fala sobre cera quente e capuzes, vendas e mordaças, mas estou tão tonta de excitação que mal consigo me concentrar.

"Podemos tentar essas coisas aqui, você sabe.", diz ele, com um firme golpe no meu clitóris. "Nós vamos ter que ser criativos, mas o que diabos mais nós temos para fazer?"

"Amo isso.", respiro. "Sim, senhor."

"Goze.", ele me ordena. Estou tão preparada para ouvir as suas palavras que, ao seu comando, gozo. O meu sexo palpita enquanto ele trabalha todo o orgasmo fora de mim e, apenas quando estou prestes a descer do orgasmo, preciso dele em mim.

"Por favor...", sussurro. Ele está muito longe. Preciso dele mais perto.

O seu pau desliza pelas minhas dobras. "Isso é o que você quer?", ele pergunta.

"Sim, *foda-se* sim, por favor.", digo. Foi bom tê-lo me fazendo gozar até senti-lo em mim. Agora preciso terminar assim. Ele nunca me fodeu por trás desse jeito. Gosto de estar prostrada na cama, na frente dele com os meus braços estendidos, a minha boceta pronta para ser preenchida por ele.

Ele se ancora nos meus quadris e dirige-se profundamente para dentro. Fecho os meus olhos e agarro os cobertores abaixo de mim. Quando ele bate em mim, percebo que ele está se segurando, facilitando-me a isso. Ele gosta de foder duro, mas sabia que eu não estava pronta.

Estou agora?

O seu pênis enche o meu núcleo e as minhas paredes se contraem em torno dele. Cada impulso dos seus quadris envia prazer pulsando nas minhas veias, e o meu batimento cardíaco bate contra as minhas

costelas. A minha respiração está presa na minha garganta enquanto o prazer misturado com a dor me rasga, mas comecei a gostar do pouquinho de dor misturado com o êxtase.

"Jesus Cristo!", ele jura reverentemente, os seus dedos cavando nos meus quadris com tanta força que posso visualizar pequenos hematomas em forma de dedo marcando a minha pele. A sua respiração engata e ele rosna o seu clímax assim que caio no meu segundo orgasmo mais duro e doce. Arqueio quando ele goza, mas caio de volta para a cama quando ele bate na minha bunda para me colocar de volta na posição. Suspiro. Isso parece tão bom pra caralho. Estou flutuando, o meu coração ainda martelando no meu peito e o meu corpo escorregadio de suor.

Ele sai. Estou uma bagunça, mas não me importo muito.

Ainda mais quando a sua mão vem à minha cabeça e ele passa os dedos pelos meus longos cabelos.

O passado se foi e o futuro é incerto. Isso é tudo o que temos agora.

Entre nós.

Capítulo dezoito

Adrian

Os dias se passam em semanas e depois meses. O seu belo corpo está bronzeado e musculoso, das suas longas caminhadas na praia e natação. Ela observou no outro dia que quase não precisa dos seus produtos de beleza modernos, pois os nutrientes nos cocos, peixes e frutas nos sustentam. A sua pele vibra e o seu cabelo brilha. Nós somos notavelmente saudáveis aqui nesta ilha, festejando com frutas e peixes, recebendo bastante sol e passando todos os momentos acordados um com o outro.

As suas lâminas de barbear há muito se esgotaram e ajudei-a a se barbear com a lâmina finamente afiada que guardo comigo. Ela estava com medo no início, mas mostrei que ela podia confiar em mim. A

lubrifico com o leite de coco e espremo o óleo nas minhas mãos com a polpa do coco. É um processo lento, mas quando termino, ela está toda molhada e pronta para mais.

Mas as lâminas de barbear me lembram que o nosso tempo nesta ilha se estende para sempre. Ninguém virá nos resgatar. Ou ela, devo dizer. Não deixaria ninguém me salvar se tentassem.

Estou observando-a enquanto dorme. Quando ela dorme, é tão pacífica. Tão bonita. Ela é jovem e tem toda a sua vida pela frente. Se a mantiver aqui, o que restará da sua vida? Gentilmente acaricio o seu cabelo longo e sedoso e ela se move instintivamente para perto de mim, com um pequeno suspiro. A sua testa é suave e despreocupada quando dorme, ao contrário do sulco que costuma ter quando pensa em coisas que a incomodam, como fez hoje.

Quando ela me pergunta sobre ser resgatada e retornar à civilização, eu me pergunto: ela deveria estar aqui? Sou um homem livre, pelo menos por enquanto, e vou morrer antes de tirar isso de mim de novo.

Mas e quanto a Nadine? Ela não fez nada para merecer ser removida de tudo e de qualquer coisa na sua vida, desistindo do luxo moderno e da conveniência para estar aqui nesta ilha *comigo.*

Não está certo.

Os meus olhos vagam para a sala de entrada do nosso abrigo onde está o equipamento de computador desativado. Se há uma maneira de enviar um sinal para alguém, em algum lugar... vou encontrá-la.

Pego a lanterna e caminho lentamente para a sala de entrada, balançando a luz ao meu redor. Mesmo que seja o amanhecer, ainda não está muito brilhante dentro. O computador está na mesa, olhando para mim como uma cápsula do tempo, um lembrete grosseiro de que não estamos realmente isolados neste mundo, mas esquecidos. É um pensamento assustador, realmente. Todo mundo acha que estamos mortos.

Nós estamos? Se ninguém sabe que existimos, nós importamos?

Mexi um pouco com o equipamento. Isso não significa nada para mim, então não o vi em detalhes antes, mas sei que isso não é um

equipamento padrão. Quando o terremoto chegou antes, ouvimos o som.

E então finalmente me ocorre. Como não pude ver isso antes? Já descobri que este equipamento é feito para rastrear ondas sísmicas. Talvez os cientistas que estavam aqui fossem sismologistas, estudando placas móveis ou atividades vulcânicas. Existem apenas árvores frutíferas na pequena área protegida da ilha principal, porque cinzas ou gases vulcânicos podem ter matado os outros no continente.

Se o que acredito é verdade, os cientistas poderiam ter sido feridos em um terremoto, ou erupção vulcânica, ou poderiam ter ficado desapontados com os resultados dos seus estudos e ido para outro lugar.

De qualquer forma, eles estavam aqui em um ponto. Eles se comunicaram com os outros. Houve um caminho e pode ter ainda.

Olho mais uma vez para a mulher pacífica deitada na minha cama.

Se houver um caminho, terei que encontrá-lo.

Capítulo dezenove

Nadine

Tenho estado vigiando o tempo que passamos aqui e percebo certa manhã, com um pequeno sobressalto de choque, que é o meu aniversário. Em vez de me encher de alegria, acho a notícia preocupante.

Adrian me encontra olhando pela pequena janela do nosso quarto, remoendo. Ele está assobiando para si mesmo depois da sua corrida matinal. Antes que ele me veja, passo algum tempo observando-o de perto. Ele está mais forte, mais bronzeado, mas um pouco mais magro desde que chegamos aqui. Ele trabalha o seu corpo duro, correndo e

nadando, fazendo flexões nos galhos das árvores e flexões na areia. Tentei e é difícil de fazer, então tenho que admirar isso. Ele se orgulha em manter o seu corpo em forma e não posso deixar de apreciar isso.

A sua barba está grossa e longa, crescendo assim desimpedida na ilha, mas gosto disso. É meio que a coisa mais moderna a fazer de qualquer maneira, tanto que ele nem mesmo ficaria fora de lugar em casa.

Ele me vê pela janela aberta e acena. Faz tanto tempo desde que pensei nele como o meu captor, que me assusta quando lembro. Impulsionada pela lembrança do meu aniversário, penso em que futuro está pela frente. *Existe* um futuro, ou estou destinada a viver neste pequeno pedaço isolado de terra para sempre?

Franzo a testa e sento-me com o queixo nas mãos enquanto penso. Em casa agora, eu faria reservas em um restaurante com os amigos, para brindar mais um ano da minha vida. Nós comeríamos, beberíamos e nos divertiríamos, então me veria em casa e me deitaria na cama com a carteira mais leve.

Realmente sinto falta disso?

Não tenho tanta certeza.

No entanto não gostaria de envelhecer aqui. Ou talvez simplesmente não gosto de envelhecer.

Quando Adrian entra no quarto, ele me vê olhando para o espaço.

"Tudo bem, querida?", ele pergunta. Nós caímos em um ritmo confortável de coisas como um casal de idosos e o próprio pensamento me deixa mal-humorada. Nunca aceitei isso. Isso não fazia parte do meu plano.

"É o meu aniversário.", deixo escapar.

Ele pisca, olhando para mim com as mãos ancoradas nos quadris. "É isso? Bem, então te devo uma festa de aniversário."

Olho para ele. Oh não, ele não fez isso.

"Estou bem, obrigada."

Os seus lábios se franzem e ele inclina a cabeça para o lado. "Você está bem?"

"Sim.", digo, olhando para longe dele. Ele dá um passo na minha direção e se senta na cama. Isso range ao meu lado, mas ele não me toca.

"Você quer comemorar?", ele pergunta. “Ainda temos um pouco desse uísque. E aposto que posso fazer algum tipo de bolo com fruta-pão e frutas, se eu for um pouco criativo…”

"Não.", digo. Não quero falar com ele. Eu me afasto, mas ele não me deixa escapar desse tipo de coisa. Sinto o meu queixo nos seus dedos fortes, enquanto ele gira a minha cabeça para olhar para ele.

"Não é minha culpa que seja o seu aniversário."

"Claro que sei disso.", digo.

"Nadine..." diz ele em aviso. Ele odeia resposta grosseira e falta de educação. Aceitei que isso é parte da natureza dele. Nunca vou ser como uma das suas submissas, mas algumas coisas não valem a pena lutar, especialmente quando não há literalmente mais ninguém para conversar. Ele espera que me comporte de uma certa maneira e na maioria das vezes me comporto.

"O que foi?", pergunto.

Os seus olhos negros se estreitam e ele ainda segura o meu queixo. "O seu aniversário não é motivo para ficar toda mal-intencionada."

Bato na mão dele. "Oh sim? Você não é o único que atingiu os trinta com absolutamente nada para mostrar."

Ele segura o meu pulso. "Você está no gelo fino.", ele avisa.

No entanto, explodo de qualquer maneira, "Gelo fino a minha bunda.", digo. "Não concordei com isso. Não me inscrevi para ser jogada no meio do nada com um condenado que tem uma queda por controle e por dor.", falo. Quero parar, mas não consigo calar a boca. "Não escolhi passar o meu trigésimo aniversário comendo peixe e frutas *novamente.*" A minha voz engata. Esse marco milenar parece ter derrubado uma pedra na minha mente e uma avalanche de pensamentos desmoronam. "Não concordei em brincar de casinha com quase nenhuma conveniência moderna, e beber *água de coco* fodidamente nojenta de uma *casca de coco.* Na verdade, isso é uma besteira absoluta."

Tento me empurrar para fora da cama para que possa marchar e fazer a minha pequena birra de justiça, quando sou levantada para o ar e colocada de pé no colo dele. Braços fortes me envolvem como restrições e, embora eu proteste, não adianta. Ele vai ganhar todas as vezes.

“Eu digo chega. Você está cruzando para ser punida em vez daquela surra de aniversário que tem vindo para você.”

"Eu não..."

"*Chega.*", ele ordena, colocando um dedo nos meus lábios. Solto um suspiro e tento desviar o olhar, mas ele não me deixa. Maldito seja, ele é tão fodidamente sexy quando fica todo evoluído e mandão, e o meu corpo sabe o que fazer. O seu tom severo e o seu toque firme fazem os meus mamilos se endurecerem e a minha boceta umedecer.

Ele disse que iria me treinar. Na época, fiquei horrorizada e percebi que ele se referia a punições de algum tipo e ele fez. Mas havia muito mais do que isso.

"Olhe para mim.", ele ordena. Com um suspiro, faço o que ele diz.

"Não é minha culpa que você esteja presa nesta ilha comigo.", ele começa.

“Eu não disse…”

Mas ele levanta um dedo para os meus lábios para me silenciar.

"Você está me atacando e eu não tive nada a ver com isso.", diz ele. “E estamos aqui. Não posso mandar você para casa hoje mais do que posso comandar o sol para nascer agora, mesmo se eu quisesse.”

Isso é verdade.

"Então, parece que a melhor escolha neste momento é você me ouvir.", diz ele com a placidez praticada que me faz emburrar. Por que ele tem que ser tão paciente?

"Tudo bem, então.", resmungo.

Ele espera até me acomodar no seu colo e me segurar no seu peito. "Você quer comemorar hoje?”, ele pergunta.

Aceno em silêncio.

"Bom. Então vamos encontrar algo comemorativo para comer e ter um bolo improvisado.”, diz ele. "Vou até ter você soprando a porra das velas de alguma forma."

Isso me faz rir.

"Mas você vai se comportar.", diz ele. "Ou *vou* ter que te dar mais do que uma surra de aniversário." Ele faz cócegas no meu lado e não posso deixar de sorrir. Me contorço no seu colo.

Posso sentir o seu pau pressionando a minha bunda. "Seria uma *pena* ter uma surra neste momento."

Nós fazemos os nossos planos para o dia, o que acaba me deixando espalhada sobre o seu colo enquanto ele conta trinta bons tapas, mais um para dar sorte, mas ele é tão bom nisso que só me excita. Nós fazemos amor lento e doce, então ele me faz dormir na cama para uma soneca durante a parte mais quente do dia, enquanto ele percorre todo o caminho até as cataratas para colher frutos maduros para mim.

Ele é um bom homem... o homem que eu achava que era um monstro me ama.

Quando isto aconteceu? Como as mesas viraram?

Não sei se posso realmente pensar ou querer isso. A verdade é que estou aqui. Com ele. Estou envergonhada pela minha pequena birra esta manhã. É difícil ter trinta em um tempo e lugar onde você nunca esperou que estivesse.

Fecho os meus olhos, embalada para dormir pelo ar quente que flutua na janela. Estou no sono profundo quando um som como um grito me arranca do sono. Acordo com um sobressalto, o meu coração batendo forte e tiro as coberturas. Foi Adrian? Ou foi parte do meu sonho?

Corro para a porta da frente. É quando o ouço xingando, os seus grunhidos e maldições vindo de trás do abrigo. Viro a curva e pisco surpresa. Ele está de pé ao lado do propano, mas a pequena área inclinada está desmoronando.

"Pelo amor de Deus.", ele rosna quando me vê. "Venha aqui e tire essa merda de mim!"

É então que percebo que o teto está nos seus ombros e ele está suportando o peso de tudo. Com um pequeno suspiro, corro para ele.

Ele se vira, tentando levantar o teto dos seus ombros quando de repente as coisas acontecem tão rapidamente, não posso processar o que estou vendo. Há um estouro, uma explosão de chamas, Adrian grita alto e cai de joelhos. Os destroços do telhado desmoronam ao redor dele, toda a estrutura se incendeia.

"Adrian!", grito, a minha voz embargada enquanto corro para ele.

"Fique aí atrás!" Ele grita de volta, mas a sua voz é engolida pela rajada de ar e crepitação do fogo, os seus gritos roucos me quebrando.

Merda. Tento chegar até ele, mas o calor e as chamas lambem a minha pele nua, chamuscando o cabelo nos meus braços.

"Jesus!", murmuro, as lágrimas borrando a minha visão enquanto agito o meu cérebro, tentando encontrar um caminho. Lembro-me do grande balde de água que enchemos na noite anterior para beber e puxo-o, levantando-o com tudo o que tenho e despejo sobre as chamas. Eles piscam, uma nuvem saindo e posso vê-lo preso nas pequenas chamas da cozinha ao redor. Com um grito, corro para ele, rasgando a madeira com as minhas próprias mãos. Entram farpas nos meus dedos, chamas queimam a minha pele. Dói tão malditamente que grito bem

alto, as lágrimas borrando a minha visão. Rasgo as tábuas flamejantes o mais rápido que posso, jogando-as atrás de mim. Adrian desmorona.

Ele não está morto. Ele não pode estar morto. Jesus. Deus, ele tem que estar vivo.

Caio de joelhos, tentando me afastar da fumaça e agarro-me a ele. Envolvo as minhas mãos em torno das suas pernas, ignorando o modo como as chamas me atingem tanto que posso sentir o cheiro de cabelo e carne queimados. Sei que estou me machucando, mas sou imune a sentimentos. Preciso tirá-lo daqui.

Ele é enorme e musculoso, muito maior do que eu, é como mover uma montanha, mas tenho que fazer isso. Puxo as suas pernas, uma por uma e com um esforço hercúleo e um grito que divide os meus próprios tímpanos, eu o afasto das chamas. As suas roupas estão pegando fogo. Cubro com as minhas mãos, batendo nas chamas e ignorando a dor que flui na minha pele nua.

Tenho que ver se ele está respirando, se ele está bem. A sua pele está ensanguentada e queimada, mas quando coloco o meu ouvido na boca dele, posso ouvi-lo respirar. Empurro os meus dedos no seu pulso e sinto a batida de resposta sob os meus dedos como garantia.

"Graças a Deus!", digo em um sussurro abafado. "Graças a Deus."

Rolo para o lado dele, então consegui afastá-lo das chamas e ele pode respirar ar limpo, então olho para o abrigo. Se o nosso abrigo ficar em chamas...

Mas o fogo está separado do abrigo. Agora que tirei as tábuas do corpo dele, a chama cintila na floresta, já que toda a pequena estrutura desmoronou. Viro-me para ele e o rolo de costas.

"Adrian.", murmuro. "Acorde. Por favor, acorde." Ele está gravemente queimado e precisa ser enfaixado. Algo mais o machucou? Ele está usando apenas um short, mas o seu peito nu só tem as marcas de queimaduras. Nada além disso. Raciocino que ele inalou muita fumaça e isso o fez desmaiar.

"Acorde.", sussurro. "Não posso te levantar." Ele é muito grande para levantá-lo.

Olho por cima e as chamas estúpidas que o atacaram também morreram.

"Jesus!", sussurro, a minha voz está trêmula e sufocada pelas lágrimas. Não sei o que fazer. Ele está danificado e inconsciente, a sua enorme e musculosa estrutura carbonizada e quebrada. "Adrian.", sussurro, gentilmente sacudindo o seu ombro como uma criança tentando acordar os mortos, um esforço infrutífero que mal o move. "Acorde."

Coloco a minha bochecha no seu peito, fecho os meus olhos e ouço o seu batimento cardíaco reconfortante. Ele está vivo, apenas inconsciente.

Não sei como acordá-lo e não posso levá-lo para a cama para cuidar dele, mas posso cuidar das suas feridas. Fico de pé e corro para dentro para pegar o kit de primeiros socorros esquecido que não tivemos que usar em meses. Caio no chão, rasgo a trava e olho para o conteúdo que cai no chão. Fui treinada para os primeiros socorros, então sei o que estou procurando. Pego água estéril para irrigar as feridas, ataduras antiaderentes e pomada, depois corro de volta para ele. Quando chego lá, ele está apenas começando a se sentar. O meu coração se eleva com esperança e a minha visão se desfaz com lágrimas não derramadas. Nunca estive tão feliz em vê-lo abrir os olhos.

Caio de joelhos ao lado dele, a pilha de suprimentos dos primeiros socorros caindo no chão ao lado dele. "Oh, Deus!", engasgo. "Deus, pensei que você fosse morrer."

Ele faz uma careta quando se move, mas um canto dos seus lábios se inclina para cima. "Você não pode se livrar de mim tão facilmente, querida.", diz ele em um tom rouco, então tosse tão forte que o seu corpo treme com força.

"Apenas relaxe.", digo a ele. "Vou limpar as suas feridas."

"Relaxe.", ele repete, mas se inclina para trás e me deixa cuidar dele. "O que diabos aconteceu?"

Dou de ombros, falando em frases curtas e agitadas, já que estou me concentrando em fazer bandagens nele. "Houve um estouro e um boom.", digo. “Então chamas.”

"Um estouro e um boom.," ele repete. "Faz total sentido."

"Oh, silêncio.", digo, mas até eu não posso deixar de sorrir. Pareço ridícula. "Algo explodiu.", digo, balançando a cabeça.

"Agora você sabe por que não tem permissão para tocar no maldito propano.", ele murmura. Felizmente, parece que ele está mais danificado pelos detritos caindo, do que o fogo e as suas queimaduras não são tão ruins quanto suspeitava. Ele faz uma careta enquanto o enfaixo, mas não diz nada. Tomo o meu tempo cobrindo cada ferida, até que ele esteja enfaixado como uma colcha de retalhos.

"Pronto.", finalmente digo, descansando nos meus calcanhares. Limpo o suor da minha testa com as costas da minha mão. "Nós vamos ter que ficar de olho nelas e mantê-las limpas, mas não parece nada além de queimaduras de segundo grau."

Franzindo a testa, os seus olhos patinam pelos meus braços e minhas mãos. “Sim, *estou* todo enfaixado. Mas o que diabos aconteceu com *você?*"

Excluo a sua pergunta. "Você pode se levantar e andar?", pergunto-lhe. "Precisamos levá-lo para dentro." Não quero falar sobre os meus ferimentos. Pelo amor de Deus, ele poderia ter morrido.

"Nadine.", ele fala com um aviso na sua voz. "Eu lhe fiz uma pergunta. Responda."

"Não é nada. Agora levante-se e vamos…”

"*Responda*-me."

Mesmo ferido e ensanguentado, ele é mandão como o inferno.

"Oh, tudo bem.", respiro para fora. “Tive que apagar as chamas. Usei água e isso funcionou no começo, mas só um pouco. O resto tive que…”, a minha voz some. Ele não vai gostar disso.

"O quê?", ele late.

"Bem, tive que tirar algumas coisas com as minhas mãos."

"Jesus *fodido* Cristo.", ele rosna. Eu o ignoro e viro as minhas mãos. As queimaduras estão muito ruins, empoladas em partes e a pele foi arrancada em outras partes. Tenho algumas farpas, que puxo com uma carranca. Ele se senta e assume o trabalho de me enfaixar.

"Você está ferido.", protesto.

"A sua bunda vai se machucar se você não me deixar fazer isso.", ele rosna de volta.

Solto um suspiro e deixo ele me enfaixar com cuidado, embora leve tempo para se mexer e posso ver que isso o machuca. Finalmente, ajudamos um ao outro, como um cego guiando outro cego e entramos.

"Graças a Deus este lugar está bem.", digo a ele.

"Graças a Deus *você está* bem.", ele responde.

E você também, penso comigo mesma.

Por que é tão fácil admitir que ele se importa comigo? Acabei de apagar as chamas com as minhas próprias mãos para salvá-lo e ainda assim não consigo admitir isso.

Eu o salvei porque preciso dele, e foram os meus instintos naturais de resgate que me chutaram em movimento.

Isso é o que digo a mim mesma.

Nós dividimos os analgésicos entre nós dois, comemos alguns restos de comida que tínhamos do dia anterior, e ambos administramos o essencial com os nossos ferimentos. Nós não dizemos muito. O que poderia ter acontecido aparece na minha mente e não

posso suportar pensar nisso. Suponho que ele esteja pensando sobre a mesma coisa.

Finalmente adormecemos e continuamos dormindo, até que os sons inconfundíveis de um helicóptero nos acordam.

Capítulo vinte

Adrian

Estou sonhando. Pelo menos acho que estou. O meu corpo palpita de dor, o meu pescoço e braços estão doendo das queimaduras e cortes. No começo, eu me pergunto se imaginei os sons, mas a voz da Nadine me tira dos efeitos residuais do sono.

"Isso soa como um helicóptero.", diz Nadine.

Abro os meus olhos para vê-la pular da cama, jogando as cobertas no chão. Ela corre até a janela e cobre a boca com a mão, depois se vira para mim com os olhos arregalados. “É um helicóptero. Oh meu Deus!", ela sai correndo do quarto.

"Pare!", ela congela e olha para mim.

"Se eu não for agora, eles podem continuar e nos deixar!", ela diz, o desespero atado na sua voz. “*Por favor.*"

"Jesus, vá.", digo, colocando-me de pé. "Mas Nadine..."

Ela se vira e vem até mim, quando nós dois de repente percebemos o que isso significa. É isso. Eu não vou com ela.

"Venha comigo.", ela sussurra. "Você é... vamos inventar algo sobre quem você é."

"Eles vão me encontrar.", protesto.

Ela sacode a cabeça. “Eles não vão. Eles nunca irão. Vou mentir e dizer a eles que você era alguém…”

"Você prometeu."

Ela pisca quando raciocina. Não consigo me esconder, mesmo que quisesse.

"Eu morri no acidente.", sussurro, observando como os olhos dela ficam doloridos quando a compreensão aparece nela.

Eu não vou.

"Você morreu no acidente.", ela repete, com a voz embargada, então ela estende a mão para a minha bochecha. "Claro que você morreu. Sim. Você morreu no acidente."

Ela fecha os olhos e uma lágrima solitária escapa. É a primeira lágrima que já a vi derramar. Quero capturá-la, colocá-la em um pote e mantê-la ao meu lado para sempre, como se fosse o elixir da vida. Escovo com o meu polegar, deixando-a mergulhar na minha pele, então é uma parte de mim.

Quando ela abre os olhos, eles se enchem de lágrimas e os seus lábios tremem. "Você morreu.", disse ela. "E eu também."

Eu me inclino e a beijo, mas é muito breve, muito simples e não há palavras suficientes para dizer o que preciso.

"Vá.", digo a ela. É uma ordem. O último comando que vou dar a ela. "Porra, *vá." G*iro-a e praticamente a empurro para fora da porta. Ela poderia sentir a sua única chance de escapar. Ela me dá uma expressão final e dolorida, e corre.

Não é o suficiente para um adeus, mas o que poderia ser? Há tempo suficiente para realmente dizer adeus?

Ouço-a gritar quando o som do helicóptero se aproxima, e me afundo na floresta. De onde me agacho, espero pelo que parecem horas. Dias mesmo. Onde vão levá-la? São pessoas que podem ser confiáveis? O que a espera quando ela sair desta ilha? Eles cuidarão dela do jeito que ela precisa ser cuidada?

Finalmente, o helicóptero sai da praia. Irracionalmente, eu me pergunto a princípio se ela ficou, se vou sair do esconderijo e encontrá-la aqui. Mas quando o som do helicóptero desaparece, não preciso procurar por ela.

Sinto a perda como se tivesse sangrando.

Ela se foi. Nadine se foi.

Não posso respirar. O meu mundo está escurecido, a dor do fogo no dia anterior empalidece em comparação com a perda física que me deixa de joelhos. Enterro a minha cabeça nas minhas mãos.

É a primeira vez, desde o acidente, que eu gostaria de ter morrido.

Capítulo vinte e um

Nadine

Uma semana depois

Eles finalmente me deixaram sair da porra do hospital. Tentei dizer a eles que não precisava, mas eles não me davam ouvidos. No entanto estou além de realmente me importar. Eu deveria estar feliz com o que fiz, ainda estou viva e de volta em solo americano. Não estou, no entanto. Estou entorpecida.

Digo a mim mesma que estou em choque. Ou alguma coisa.

Mal posso juntar a memória do meu resgate.

Três pessoas uniformizadas desembarcaram na praia maior. Eles estavam apenas saindo do helicóptero quando corri para eles, gritando como uma idiota e acenando com as mãos no ar. Quem poderia me culpar? Eu estava desesperada.

Perturbada.

Uma delas, uma mulher que parecia ter sido a minha última vida, o cabelo em um coque apertado e um uniforme engomado cobrindo a sua estrutura bem construída, olhou para mim e ergueu as mãos para eu parar. Ela me perguntou quem eu era. Dois homens estavam ao lado dela.

"Somos da Força Aérea dos Estados Unidos, enviados para ajudar os cientistas no Atol de Palmyra, ao sul daqui.", explicou ela. "Disseram-nos que um avião desapareceu nesta área seis meses atrás e quando vimos fumaça, ganhamos permissão para vir aqui." Ela ficou séria, dando-me um olhar penetrante. "Você é uma sobrevivente?"

Respondi no piloto automático. “Sou Nadine Fontaine. Sou uma General dos EUA que foi enviada para prender um criminoso

condenado. Em nossa viagem de volta aos Estados Unidos, nós caímos nesta ilha.”

O homem que estava ao lado dela me deu um olhar penetrante, então examinou a ilha ao meu redor quando falou. "Você foi a única sobrevivente?"

Adrian está morto, digo a mim mesma. *Ele está morto.* E aceitei essa verdade quando respondi, precisando ter certeza de que não dava nenhuma evidência de mentira.

"Sim.”, eu disse.

Eles tomaram a minha palavra, ajudaram-me a entrar no helicóptero e a única vez que quase perdi a minha merda, foi quando a mulher perguntou "Há alguma coisa sobrando nesta ilha que você precise recuperar antes de partirmos?"

Balancei a cabeça. "Nada."

Tudo.

Primeiro fui levada para um hotel no Havaí e tratei as minhas feridas das queimaduras e ferimentos. Me deram fluidos IV e

suplementos nutricionais, e até mesmo enviam um psiquiatra para falar comigo.

No entanto não falei com ninguém.

Adrian não tem fluidos intravenosos e suplementos nutricionais ou um maldito psiquiatra.

Ouço uma conversa sussurrada, a mulher que me resgatou dizendo aos outros para me dar espaço. Ouço as palavras *trauma* e *choque.*

Ela não tem ideia.

Respondo algumas perguntas feitas por algumas pessoas com aparência profissional em uniformes, mas não me importo muito com quem são ou o que querem. Elas explicam como a ilha onde fui encontrada costumava ser habitada por cientistas pesquisadores que se mudaram para o Atol de Palmyra, uma ilha no Pacífico de propriedade dos EUA especificamente para fins de pesquisa. Faz sentido. Aceno, aceitando o que me dizem. Eu tenho uma escolha?

Depois que estou livre, recebo um telefone de alguém, mas mantenho isso. Não quero ligar para ninguém. Não quero falar com

ninguém. Tudo é muito claro, muito barulhento. Fecho os meus olhos e durmo, até que me dizem que é hora de ir para casa.

Casa.

Ainda tenho casa?

Já faz quase seis meses. Como meio ano pode parecer uma vida inteira?

Eu ainda sou eu? Ou uma parte de mim morreu naquele acidente? Na ilha?

Chego na Califórnia ao entardecer. Acho que posso ter comido algo que me deram no avião, mas não me lembro. Foi apenas um pouco, no entanto. Não posso lidar com a comida processada que eles servem em aviões como costumava fazer. O meu corpo está muito acostumado com peixe fresco e frutas maduras. Pensei que nunca mais gostaria de ver outro pedaço de fruta-pão grelhada novamente, mas depois de tentar comer a comida que me deram, é tudo o que quero.

Não estou preparada para as boas-vindas ao meu lar.

Sou levada para fora do avião por guardas armados, militares uniformizados que me afastam das perguntas dos repórteres. Pisco com os flashes cegantes da câmera e estremeço quando alguém chega perto demais. Nunca fui tão grata pelos meus irmãos e irmãs nas Forças Armadas. Eles se apresentaram para me defender, e manter os repórteres e as perguntas de lado. Sou levada a um carro que está esperando por mim com uma porta aberta. Inesperadamente, deslizo para dentro do carro.

É tão estranho estar andando de carro de novo, mas sou grata pelo silêncio quando a porta se fecha. Inclino a minha cabeça para trás no meu assento e fecho os meus olhos.

Não consigo pensar na ilha.

O tempo todo em que estive lá, tudo em que conseguia pensar era o quanto queria ir para casa. Como queria fugir do meu captor.

Digo a mim mesma que é apenas um jogo psicológico que a minha mente está jogando comigo.

Mas sei melhor.

E não consigo pensar no que fiz.

No segundo hospital, quando chegamos à Califórnia, me fazem uma série infindável de perguntas, mas felizmente as perguntas envolvendo Adrian são mínimas. Repito a minha história tantas vezes, que se torna rotineira.

Nós tivemos um vazamento de combustível.

Eles tentaram pousar o nosso avião.

Nós caímos.

Há apenas uma última linha que ocasionalmente me engana.

Eu era a única sobrevivente.

De alguma forma acabo em algum tipo de estação de notícias. Estou sentada em um banquinho e eles estão fazendo coisas malucas no meu cabelo, aplicando maquiagem com pincéis grandes sob luzes brilhantes antes de irmos ao vivo.

"Pare.", digo a pessoa correndo uma escova nas minhas bochechas. "Não mais."

"Apenas corretivo aqui.", ela murmura para si mesma. Está errado. É tudo tão estúpido e errado.

“Eu disse *pare.* Não mais.”, digo a ela, mas ela continua até que finalmente tiro a escova das mãos dela e isso voa pela sala. A equipe que me maquiou me encara em silêncio e dou um comando com a maior paciência possível.

"Não me toque de novo."

Eles não fazem.

Sento-me em uma cadeira estúpida e fofa com luzes me cegando e respondo perguntas de campo do repórter atordoado. Essa não sou eu. Sou um brinquedinho que eles colocaram na frente da câmera para entreter as pessoas, mas o que eles estão realmente fazendo é me usar para ganhar dinheiro. Não quero estar aqui, e odeio ser usada, então quando fazem perguntas, finalmente lhes dou a verdade ousada.

“Nós caímos e todos, menos eu, morremos. Vi partes do corpo rasgadas, desmembradas e espalhadas na praia como consequências da guerra.” A plateia que reuniram silencia, e em algum lugar ao longe um bebê chora. “Puxei estilhaços da minha perna, evitei sangrar com um

torniquete feito à mão e sobrevivi com peixes e frutas que encontrei na terra. Depois que caímos, havia sangue e mais sangue e olhos vagos que me assombrarão até eu morrer." O repórter recua, mas encontro o seu olhar diretamente. "Mais alguma pergunta?"

Eles não me perguntam nas estações de notícias depois disso.

O meu apartamento foi alugado para outra pessoa e as minhas coisas foram guardadas. É o meu chefe, Alex, que transmite essa informação para mim e ele está profundamente apologético.

"Pelo amor de Deus!", diz ele, passando a mão pelo cabelo. "Eu deveria estar te dando o maldito tratamento de celebridade e, ao invés disso estou te dizendo que nós pensamos que você estava morta."

Balanço a minha cabeça e digo a ele que não me importo. Eu tinha coisas mínimas, para começar, e não amava o meu apartamento. Para o seu crédito, ele puxa algumas cordas e me arranja um lugar agradável e chique no coração de San Diego, mas odeio isso.

Não posso passear à beira do mar sem me lembrar das praias pelas quais andei. Onde quer que eu vá, há *pessoas.* Tantas pessoas. Eles falam e andam e riem, e isso me deixa louca. Acabo voltando para o

meu apartamento, pedindo que os mantimentos sejam entregues e fazendo tudo o que posso online.

Vejo-me procurando Adrian. Encontro sua antiga página no Facebook, uma que ele não acompanha desde antes de ser mandado para a prisão. Uma dor profunda e permanente me atinge na barriga quando o vejo. Tremo tanto que tenho que desligar o laptop.

O que fiz?

Isso me choca com a facilidade com que fui esquecida. Eu tinha poucos amigos antes de ir embora e todos eles se aproximam de mim, mas não suporto falar com ninguém. Eles realmente não tentaram depois disso. Realmente nunca fui uma pessoa do povo. Felizmente, não tenho família para conversar. Ou meus poucos amigos entendem que preciso de espaço, ou não querem falar com a casca de uma mulher sombria que não se envolve em uma conversa ou se lembra como é rir.

Pensei que estava no inferno na ilha. Mas aqui... aqui é onde está o verdadeiro inferno de mentiras. As pessoas andam por aí com roupas demais e dizem muitas palavras, pretensiosas. Para gostar um do outro. Para se importar com as coisas. Eles fazem o que os outros esperam e se preocupam com o que os outros querem.

É nojento e não aguento mais.

Três semanas depois que voltei, o meu supervisor me ligou.

"Nadine, gostaríamos que você voltasse ao trabalho.", diz Alex. Ele limpa a garganta. "Mas nós temos algumas condições antes de você retornar."

"Sim?", digo.

Quero voltar ao trabalho. Preciso de algo para *fazer* para me manter longe desta existência miserável.

Abro uma caixa de água de coco que peguei aqui nas sacolas de plástico verde. Digo a mim mesma que o meu corpo se acostumou à água de coco e talvez seja isso que preciso para me sentir bem de novo. Abro e coloco um canudo na abertura da caixa de papelão, mas depois de um gole cuspo todo o conteúdo da boca na pia da cozinha. Deus. O gosto é horrível comparado ao material real. Jogo o resto da caixa no lixo.

"Você está bem?"

"Tudo bem.", minto. "Qual é a condição?"

Ele limpa a garganta. "Você vai para a terapia."

"Oh pelo amor de Deus.", digo, revirando os olhos para o céu. "Por que diabos?"

Ele não diz nada a princípio. “Eles… acham que você pode ter estresse pós-traumático do acidente de avião.”

"Besteira.", digo.

"Nadine...", ele implora. "Apenas ouça."

Me empurro contra o balcão da minha cozinha e cruzo os braços no meu peito. Estresse pós-traumático, a minha bunda.

Deixei a única pessoa com quem já me importei em uma maldita ilha, e fingi que ele estava morto para que ele pudesse viver o resto da sua vida em paz. Eu o deixei para morrer.

Fui uma tola. Uma *idiota.*

Ele continua e se certifica de que estou bem e os efeitos do trauma no desempenho e blá, blá, blá. Nem lembro o que aceito, mas tenho uma data e endereço rabiscados em um post-it quando desligo o telefone. Jogo o telefone do outro lado da sala e ele cai no sofá,

felizmente ileso. É uma dor na bunda substituir um celular dado pelo governo.

Vou para o meu quarto, de repente cansada. As paredes parecem muito brancas, a cama muito grande e muito mole quando me sento nela. Uma frente fria chegou, trazendo chuva e relâmpagos e de repente estou com frio, mas preciso tirar essas roupas. Tiro as minhas calças e camisa e jogo as roupas no cesto do outro lado da sala. Deixei a maioria das minhas coisas no armazenamento e dei permissão ao proprietário para vendê-lo. Acho que doei o dinheiro para caridade. Não me importo muito. O lugar que eles alugaram para mim é mobiliado e esparso em uma espécie de moda utilitarista e moderna, mas é demais. Há muitas coisas inúteis ocupando espaço neste quarto.

Tiro o resto das minhas roupas, fico em pé e olho para mim mesma no enorme espelho de corpo inteiro. Ainda estou bronzeada, o meu corpo ainda carrega as marcas das queimaduras, mas estou me curando.

Fisicamente de qualquer maneira.

Quando olho para a minha barriga, lembro da sua mão espalmada sobre mim enquanto ele dormia. Olho os meus dedos na minha pele

nua e engulo em seco. Quando olho para as minhas pernas, lembro da maneira como elas se sentiram em volta do seu tronco, como ele me segurou na água e me beijou, como se fosse o último dia que teríamos. Quando olho para o meu rosto me lembro da sensação da sua barba na minha bochecha, no pescoço, na barriga, quando ele me beijava. Olho para as minhas partes femininas que mantive meticulosamente nua e lembro do seu toque. A boca dele. Respiro fundo, fecho os olhos e tento me lembrar do jeito que ele cheira, mas tudo o que sinto é cheiro de roupa limpa. Me afasto do espelho com desgosto.

Subo na cama e fecho os meus olhos. Estou confortável. É familiar e *confortável* estar quase nua assim. Mas a minha cama parece cavernosa e vazia. Tão fodidamente vazia.

Rolo na minha barriga e uma sensação estranha surge no meu peito, a minha garganta, de repente, entupida.

Eu não deveria estar aqui. Isto está errado.

Nunca pertenci aqui antes de sair, e não pertenço aqui agora.

Morri naquela ilha com ele e aqui está um fantasma ambulante do passado que não tem para onde ir. Puxo um lençol por cima do meu

ombro, mas isso não impede o tremor. Penso nas ondas quebrando, nas praias arenosas e nos braços fortes ao meu redor que me seguram enquanto durmo. E pela primeira vez na minha vida, deixo-me chorar. Lágrimas correm pelas minhas bochechas e choro até ficar sufocada. Mal posso respirar, estou tão arruinada pelas lágrimas. Pego lenços da mesa de cabeceira e assoo o nariz, mas isso não ajuda. Fungo e enxugo os meus olhos, a tristeza é como um peso que não posso tirar do meu peito.

"Preciso voltar.", sussurro para ninguém. De volta para o quê? Cativeiro? Isolamento?

Isso é realmente o que seria?

E como eu chegaria lá?

Sacudo a minha cabeça. Sei a verdade agora.

Na ilha encontrei *liberdade.* Fodia a *liberdade.*

Puxo as cobertas sobre a cabeça e choro para dormir.

Há dois assentos da namoradeira de couro e uma poltrona reclinável no consultório do psiquiatra. Fui escoltada aqui por uma recepcionista que disse que o Dr. Lynch entraria em breve.

Ele tem uma planta falsa no canto do vaso de porcelana. Nunca me importei se as plantas eram reais ou falsas antes, na minha vida passada. Nunca pude nem distinguir. Mas agora, essa impostora de plástico me faz sentir doente. Sei como são os arbustos, as plantas e as árvores verdadeiras, agrupadas em um verde vivo, folhas alcançando o céu para a luz do sol. Por que usamos plantas falsas, afinal? Já não há bastante mentiras? É tão difícil despejar água em uma coisa viva para mantê-la viva? Eu me afasto de desgosto e me sento no sofá de couro.

Estou vestida com jeans simples e uma regata. Me sinto estranhamente fora do lugar, como uma aluna do ensino médio no baile de finalistas. Não pertenço aqui.

Não pertenço em qualquer lugar, digo a mim mesma. Mas sei que é mentira.

Existe um lugar onde pertenci, por um tempo.

Estou sozinha na sala. Onde está o terapeuta e por que demora tanto para ele chegar aqui? Olho para as fotos na parede com molduras douradas, e diplomas me dizendo que a pessoa com quem estou prestes a falar, ganhou a honra de ouvir meus segredos mais profundamente escondidos.

Como se um diploma universitário lhe desse o direito.

Franzo a testa. Eu costumava prestar muita atenção em cada detalhe em uma sala como essa. Em qualquer sala, para esse assunto. Observaria qualquer coisa que indicasse as características da pessoa que eu estava prestes a encontrar, catalogando cada detalhe. Conheceria as entradas e saídas, onde todas as janelas e os respiradouros estavam, como chegar às rotas de fuga. Em que andar estávamos e onde ficava a segurança.

Deixo escapar uma risada autodepreciativa e sem alegria. Estou escorregando.

O que me lembro mesmo?

Cerro os meus dentes. Estou agindo como se os meus dias e horas fossem descartáveis e nada disso importasse.

Mas isso?

Olho para o relógio na parede e franzo a testa. Ele agora está quinze minutos atrasado. Pareço lembrar que é típico não estar na hora certa para essas coisas.

Preciso me recompor. Primeiro, uma pequena observação.

A pessoa que estou prestes a ver é meticulosa. Os papéis são codificados por cores e alinhados na sua mesa como soldados. Ele tem um gosto por coisas boas, como a grande e robusta escrivaninha de madeira de cerejeira e a mobília de couro testemunham isso. O carpete de pelúcia está limpo, as mesas de vidro com porta-copos para bebidas e três quadros combinando com fotos de jovens adultos, que estou assumindo serem os seus filhos. Tem um leve cheiro de café aqui, e na parede há uma máquina que emite ruídos relaxantes, provavelmente colocada ali para nos dar alguma privacidade.

Começo quando uma porta se abre e olho surpresa para o cavalheiro bem vestido que entra na sala. Ele parece mais jovem do que esperava, certamente não com idade suficiente para ter filhos em idade escolar, mas suponho que algumas pessoas apenas parecem jovens. Ou

talvez aquelas pessoas nos quadros não sejam os seus filhos, mas sobrinhas ou sobrinhos ou algo assim. Ele está em forma, com ombros largos que são visíveis até mesmo através da sua camisa branca de manga comprida e abotoada. Ele está bem barbeado, tem maçãs do rosto e lábios carnudos bem definidos e as mais leves cicatrizes no queixo.

"Senhora Fontaine?", ele diz, estendendo a mão. Eu me levanto e agito. Está fria e úmida e imediatamente me afasto.

"Chame-me de Nadine.", murmuro, depois me sento no sofá de couro.

"Nadine.", diz ele com um sorriso, mas o sorriso não encontra os seus olhos. Ele parece distraído, como se não quisesse estar aqui ou algo assim. E eu deveria dizer a esse cara os meus segredos mais profundos e sombrios? Confiar nele?

Foda-se essa besteira.

"Nadine, você pode me falar um pouco sobre você?", ele pergunta, folheando o seu caderno e não encontrando os meus olhos.

Respiro fundo. "Estou aqui porque o meu chefe me fez vir.", digo a ele. "Realmente não tenho interesse em estar aqui, apenas para estarmos claros."

Ele sorri. "Claro.", repete. "Você está aqui para discutir o trauma que você experimentou na ilha depois de prender o criminoso Adrian Barone, correto?"

Engulo em seco. Eu não esperava pular para isso tão rapidamente e, definitivamente não esperava sentir a dor aguda nas minhas costelas como uma faca, quando ouço o nome do Adrian. Está em todos os noticiários e não é segredo que fui enviada para prender o Adrian. Mas ouvir esse homem dizer isso e sem preâmbulo, me magoa.

"Sim.", digo. Engulo e olho para longe.

"Vi a sua entrevista.", diz ele, provavelmente referindo-se à entrevista que dei quando voltei para casa pela primeira vez. Não respondo sem saber o que ele realmente quer que eu diga.

Ele me faz algumas perguntas sobre o meu passado, se tenho alguma família viva, amigos que vejo regularmente. Mantenho mídia social? São perguntas estranhas. Respondo automaticamente, não

encontrando os seus olhos. Sinto como se estivesse doente. Quero essa merda, então respondo.

"Copo de água, Nadine?"

Concordo. Ele se levanta, caminha até os óculos que estão em uma bandeja espelhada e enche um copo de costas para mim. Ele volta com a água na mão. Aceito com gratidão e coloco no porta copos ao meu lado. Ele me observa, franzindo a testa e se senta novamente.

"Conte-me sobre Adrian.", diz ele.

A pergunta me pega de surpresa.

"Não sei nada sobre ele.", minto, não encontrando os seus olhos. “Ele morreu na queda do avião. Eu o prendi porque ele era um condenado fugitivo, mas antes que pudesse trazê-lo para casa, ele morreu.”

"Como você encontrou o corpo dele?"

O quê? Pisco, franzindo a testa. "Ele estava na praia com o resto deles.", gaguejo. Não estava preparada para isso, então atropelei a

minha resposta como uma adolescente desajeitada pedindo um primeiro encontro.

Ele franze a testa e coloca o papel na sua mesa. Algo não está bem aqui. Posso ter entorpecido os meus instintos, mas esta situação está errada e preciso dar o fora daqui. Fico de pé.

"Sente-se, Nadine.", ele ordena. Os seus olhos escureceram agora. Ele aponta de volta para o meu lugar com a caneta. O que ele fará se eu não fizer o que diz?

Lentamente, coloco-me no meu lugar.

"Por que você não toma um gole de água?", ele diz, apontando para o copo. Pego o copo e olho para ele.

Alguns momentos atrás, eu me repreendi por não prestar atenção aos detalhes como costumava fazer. Agora é tudo que vejo. Tudo é uma ameaça. Não posso confiar em ninguém. A minha mente está pregando peças em mim? Serei fodida pelo resto da minha vida? Ainda assim, não posso evitar. Em vez de engolir a água, deixo-a bater nos meus lábios e espero para ver se sinto alguma coisa. Foi envenenada? Coloco de volta no porta copos e olho para ele.

Quem é esse homem?

"As suas histórias não combinam.", o homem diz com indiferença. Noto que as unhas dele são mais compridas do que é apropriado, desarrumadas e sujas. O meu estômago se agita. Este não é o homem que coordena os papéis na sua mesa. De repente, percebo que a camisa dele é muito grande, as calças largas demais.

“Em uma entrevista, você disse que um dos corpos estava no cockpit e ele provavelmente se afogou, mas agora você está dizendo que todos os corpos estavam na praia. O que foi então? Quem morreu?", ele me perfura com um olhar. “Quem *não morreu?*”

Fico de pé. Isso não é terapia, é tortura.

"Sente-se.", ele ordena novamente. E então o meu olhar vagueia para a porta fechada do armário e vejo a mancha de algo vermelho no carpete, quase invisível por baixo da porta. A realidade clareia em mim como uma enchente, fria, ofuscante, arrepiante.

"Você não é um médico.", sussurro. "Quem diabos é você?"

"Claro que sou um médico.", diz ele, com a voz calma. "Agora me fale sobre Adrian.", ele repete. “Ele conseguiu sair da ilha? Você o teve nesse avião?”

O quê?

"Desculpe?", sussurro.

Ele pega o cós da calça, dobra o paletó e puxa uma arma. "Eu disse *sente-se, Nadine*.", ele repete.

Que porra é essa? Quem diabos é ele?

"Quem é você?"

"Responda à questão."

“Já *fiz!*", grito.

O homem está de pé e as suas mãos estão em cima de mim, a arma pressionada contra a minha têmpora. "Vi você naquele show.”, ele grita no meu ouvido. “Ouvi tudo o que você disse. Eu poderia dizer, de onde estava, que você estava mentindo e você sabe exatamente onde o Adrian está. Duvido que ele estivesse mesmo naquele avião voltando

para casa e que de alguma forma, ele escapou, não foi? Você vai me dizer onde ele está, ou vou puxar esse gatilho.”

O inferno que ele vai. Tenho as informações que ele precisa.

"Tudo bem.", digo. "Vou falar sobre Adrian, mas só se você colocar a arma no chão."

Ele abaixa a arma e olha para mim, assentindo.

"Adrian não estava naquele avião.", digo a ele. “Pensamos que o prendemos, mas menti para os meus superiores porque não queria falhar na missão. As nossas fontes dizem que ele escapou para Fiji, mas agora se mudou para a Austrália.” Está perto o suficiente da verdade... se ele está me gravando, pode acreditar.

Os seus lábios se contorcem em um sorriso sádico quando pensa que vou dar o que ele quer. Espero até que ele abaixe a arma, então caio no chão e o puxo para trás nos joelhos quando desço. A arma dispara e o vidro cai, mas mantenho a minha cabeça, me abaixo e o derrubo no chão. Nós lutamos, fico presa debaixo dele.

"Sua puta.", ele rosna. "Eu só precisava de respostas, mas você vai pagar por essa merda." Ele chega de volta e me dá um golpe com as

costas da mão. A luz se transforma em estrelas e a dor passa pela minha mandíbula. A raiva me invade e sei que não vou cair sem lutar. Havia um propósito na minha volta para casa.

A minha mãe me chamava de *petite belette* por um motivo. Ele se aproxima para me bater de novo e rolo para fora do seu alcance, torço com força para que fique desequilibrado e o empurro para longe de mim. Ele ruge a sua fúria e os braços fortes vêm para mim, mas agarro o seu pulso, trago-o para minha boca e mordo até o gosto úmido de cobre atingir a minha língua e ele grita como um animal raivoso. Aproveito a chance para jogá-lo de costas e depois lhe dar uma joelhada forte na virilha. Ele uiva com as mãos entre as pernas e rosna: "Vou te matar."

No entanto, não dou a ele a chance.

Vou para a sua arma, o peso frio familiar contra a palma da minha mão, viro e puxo o gatilho.

Não pego em uma arma há muito tempo, mas o meu objetivo é perfeito. Carmesim mancha logo acima da ponte do seu nariz. Ele cai de volta ao chão, sem vida. Fecho os meus olhos e arquejo, querendo que a

bílis que sobe na minha garganta diminua. Os meus nervos me deixam em paz para que eu possa fazer as chamadas certas.

Verifico o pulso dele para ter certeza de que está bem e morto, embora eu saiba que as chances dele sobreviver ao tiro sejam quase nulas, então me levanto e vou até o telefone na mesa. Abro a porta e suspiro quando o corpo sem vida do verdadeiro Dr. Lynch cai aos meus pés.

Preciso ligar para Alex. Disco os números no telefone e espero a ajuda chegar.

Mas a minha decisão foi tomada.

Capítulo vinte e dois

Nadine

Alex e eu nos sentamos em um bar costeiro bem na beira da praia. Estou tomando o meu gim-tônica e ele está tomando um longo gole da sua cerveja. Estamos em trajes civis e ambos de folga. De jeans e uma camiseta preta da Oakland Raiders, ele parece mais novo do que me lembro, embora saiba que ele é velho o suficiente para ser o meu pai. Olho para o emblema de pirata em cinza e branco sobre o fundo preto na sua camiseta e tomo um longo gole da minha bebida até o gelo atingir os meus lábios.

"Não perdeu o seu toque, Fontaine.", ele murmura. "Bem entre os olhos, hein?"

Levanto a minha mão para garçonete e peço outra. Sinto falta da ilha e não gosto de estar em casa, mas pedir álcool a alguém que me serve em uma bandeja com pequenos guardanapos brancos é um benefício decidido de retornar à civilização.

"Acho que não.", murmuro.

"Orgulhoso de você.", diz ele. Ele olha para a água. Os veleiros sobem e descem e uma pequena multidão dança ao vivo à nossa direita.

"Obrigada, senhor."

Sempre tive orgulho do que faço. Trabalhei duro para conseguir este emprego e tenho ajudado nas prisões por alguns dos crimes mais notórios da Costa Oeste.

"Você está diferente desde que voltou.", diz ele, sentando-se na sua cadeira.

"Estou."

Ele balança a cabeça lentamente, como se contemplasse o impacto do que precisa me perguntar. "Tenho uma pergunta para você."

Espero. Depois do que aconteceu ontem, estou preparada para encarar qualquer coisa.

Ele olha para mim e, nos seus olhos, vejo simpatia. Compreensão. Isso me surpreende, então engulo, mas não olho para longe.

"Senhor?"

A sua mandíbula aperta antes de falar. “Por que alguém te atacaria por informações sobre um prisioneiro que você capturou e morreu em um acidente de avião? Não faz sentido, Nadine.”

Não faz. Ele não é bobo. O homem não caçou fugitivos procurados por uma década inteira e não aprendeu uma coisa ou duas. Respiro fundo e deixo sair lentamente, então decido dizer a ele. Mas antes disso, ele fala.

"Ele não morreu naquele acidente, não foi?"

Olho para ele bruscamente, a minha falta de resposta diz o suficiente. Ele concorda, confirmando o que sabe ser a verdade. A garçonete me traz a minha segunda bebida, que tomo devagar antes de responder.

"Fui eu quem morreu naquele acidente, Alex."

Ele arqueia uma sobrancelha, mas não responde.

“Não sou mais quem eu era. E o homem que sobreviveu ao acidente não é o responsável pela morte da mulher que supostamente assassinou.”

Alex concorda com a cabeça devagar. "Entendo."

Acho que não há quase nada que possa dizer que vai chocá-lo, mas estou errada, já que a próxima coisa que digo faz as suas sobrancelhas arquearem tão alto que é quase cômico.

"Envie-me de volta, Alex."

Ele inclina a cabeça para mim. "Te mandar de volta?", ele pergunta, traçando distraidamente a condensação do lado de fora da sua cerveja.

Concordo. "Você consegue. Sei que você pode. Você tem contatos em programas de realocação. Com o toque de um teclado, Nadine Fontaine morreu no cumprimento do dever.” A minha voz diminui. "E não seria longe da verdade."

"Eu poderia.", disse ele. “E poderia justificar a sua mudança. Mas você pode me dizer por quê?”

Aceno a minha mão no oceano à nossa frente, o mar de pessoas dançando abaixo das luzes piscando penduradas no teto como estrelas no céu. "Porque quem eu era, morreu naquele acidente.", digo a ele. "Não há mais nada para mim aqui." Olho para ele, encontrando os seus olhos. Vou dar-lhe a verdade certeira. "E porque o amo."

"Jesus fodido Cristo.", ele murmura. Ele olha para o mar e fica em silêncio por vários longos e agonizantes minutos. Alex está casado com sua esposa, Shirley, há trinta anos e espero que ele pense nisso enquanto decide. Finalmente, ele se vira para mim. "Fizemos isso para pessoas menores do que você.", diz ele com um suspiro. "E acredito que cada palavra que você diz é verdade."

A esperança floresce no meu peito mesmo quando o medo faz a minha mão tremer no meu copo. Acabei de pedir algo monumental e foi concedido. Um caroço sobe na minha garganta quando penso em voltar para o Adrian.

"Amanhã de manhã, sete em ponto, encontre-me no meu escritório.", diz ele. "Os detalhes disso são importantes demais para se falar em público".

"Obrigada, Alex.", digo, a minha voz cheia de emoção.

Ele pega a minha mão e a sacode sobriamente. "De nada.", ele diz. A sua voz pega no final. "Foi bom te conhecer."

Me sento no meu assento no helicóptero que Alex arranjou, amassando as minhas mãos. Nunca fico nervosa enquanto voo, mas nunca me afastei do que estou fazendo agora. Embora tenha dito a mim mesma que não significa nada para mim, é sóbrio ler o seu próprio obituário, e ver como o seu corpo é enterrado com honras.

"Tão corajosa.", disse os apresentadores. "Fugiu da quase morte apenas para encontrar o seu fim tão logo depois de voltar para casa."

Me sinto levemente culpada. Mas servi o meu país. O que aconteceu comigo naquela ilha me mudou para sempre. E embora sinta falta do relativo conforto e luxo de casa, estou ansiosa para voltar para a ilha. Para sentir a areia quente entre os meus dedos. O sol na minha pele nua.

Para ver Adrian.

Tremo um pouco quando penso na nossa reunião, e parte de mim se preocupa... se ele vai me receber de volta? Se ele gosta de mim da mesma maneira que gosto dele?

Ele me perdoará pelo que fiz?

Não há nada normal e regular sobre o nosso relacionamento. Não posso escrever para ele ou esperar uma carta pelo correio, ou sair em um encontro. Não. Tivemos que nos conhecer sem as armadilhas que todo mundo tem para navegar. Não há jogos de namoro ou regras a seguir.

Só nós. Sozinhos. Sobrevivendo.

Peguei um pequeno saco de itens essenciais, mas até aqueles parecem quase supérfluos agora.

Alex foi mais do que generoso com a maneira como orquestrou isso. A minha morte foi encenada, o meu corpo enterrado. Ele foi capaz de obter uma identificação para eu usar se decidir viajar, e até mesmo contatou um amigo cientista dele que foi capaz de determinar onde a

nossa ilha está localizada. Ele permitiu que um pequeno dispositivo de comunicação fosse conectado à fonte de energia e insistiu na comunicação semanal. Também posso entrar em contato com o programa de proteção a testemunhas, caso haja necessidade de qualquer coisa.

Vou pensar em tudo isso mais tarde, no entanto. Por enquanto, só preciso voltar para a ilha.

Não pude nem aproveitar a minha visita ao Havaí, embora tenha tentado. Pedi comida em um restaurante, e *de alguma forma* me abasteci como um inferno com lâminas de barbear que custaram a porra de uma fortuna. Tomei o banho mais longo e quente que consegui suportar e ensaboei-me com sabonete perfumado. Mas os meus pensamentos estavam em outro lugar.

Estou exausta de todas as viagens e já estou neste helicóptero há horas e horas.

"Vinte minutos para o pouso.", diz o copiloto.

Concordo.

Os pilotos que me trouxeram aqui foram amplamente compensados. Eles voaram em um jato particular para o Havaí e agora estamos em um helicóptero para nos prepararmos para um pouso na água.

Os pilotos trabalham em estreita colaboração com o programa de realocação de testemunhas, por isso não fazem perguntas. Meu nome é Janet Dole, uma variação muito manca de Jane Doe e eles estão voando com as coordenadas dadas a eles de um superior. Alex obteve as coordenadas exatas da equipe de resgate que me encontrou. Ainda tenho um ID para o Adrian, para quando chegar a hora de viajarmos para fora da ilha e pagarmos uma pequena visita ao Havaí, Fiji, Austrália ou Nova Zelândia. O meu marido John Dole agora tem um passaporte também.

Alex preparou o pacote, então receberemos pacotes de atendimento duas vezes por mês, com luxos básicos e suprimentos de casa, e qualquer outra coisa que pedirmos. Poderei contatá-lo quando precisar e viajar sempre que quiser.

Mas não tenho certeza se vou querer com frequência.

Quando a ilha aparece, olho pela janela. Estou procurando por Adrian, mas é bobo olhar quando estou tão alto. E se ele é consciente, vai se esconder do som de um helicóptero.

Conseguimos que as minhas coisas caíssem, depois um pouso de água para mim, pois não há espaço na ilha para um pouso.

O helicóptero balança na superfície da água. O meu estômago se agita quando dou adeus, pulo do avião e nado até a praia. Pouco depois, eu ouço os sons ensurdecedores da decolagem.

Com as pernas tremendo, nado em direção à costa. Embora o jato decole com um rugido ensurdecedor, o zumbido nos meus ouvidos continua mesmo depois que o jato já se foi.

Lágrimas borram a minha visão. Sou um monte de nervos fodidos.

Cometi um erro? Quem diabos deixa a civilização para retornar a um lugar como este?

As coisas parecem as mesmas de antes. O abrigo ainda está lá, o telhado reparado com telhas brancas limpas feitas de casca de árvore. Preciso acabar com isso.

"Adrian?" Grito, mas a minha voz ecoa e não há resposta. Uma leve brisa agita as folhas de palmeira acima da minha cabeça. Olho para a esquerda e para a direita e vejo troncos empilhados, uma pilha de cocos, as facas e o machado apoiados no abrigo. Ele foi pescar? Bem, não. É tarde demais para isso.

Coloco as minhas coisas e tiro o meu short e camiseta. Sorrio. É a primeira vez que sorrio desde que saí daqui.

Grito seu nome, mas novamente nada além do som da minha própria voz volta para mim. É quando chego à segunda praia maior que começo a ficar preocupada. Quando o deixei, ele estava se recuperando de ferimentos terríveis. Ele não se recuperou deles? Ficou doente, sem ninguém para cuidar dele e nenhum medicamento de verdade para usar, incapaz de pedir ajuda de qualquer maneira?

O que eu fiz?

Mas não. Sacudo a minha cabeça. Ainda não esgotei todas as possibilidades. E a pilha de cocos do lado de fora do abrigo é prova de que ele ainda está vivo.

Então onde ele está?

Volto para o abrigo para olhar mais uma vez, mas ele ainda está longe de ser encontrado. Paro quando chego ao quarto. A cama está bem feita. Ao lado, há uma mesa lateral rudemente trabalhada. Parece que foi esculpida em madeira maciça. Na mesa há um pequeno buquê de flores frescas, como uma espécie de memorial.

Um memorial para *mim.*

Realmente, realmente *não* deixei a minha vida para trás.

Saio do abrigo e vou para as cachoeiras. Talvez ele tenha ido dar um mergulho ou coletar mais frutas. "Adrian!", chamo, mas ainda assim, não obtenho resposta.

Diminuo quando chego à cachoeira, quando o meu corpo de repente começa a fazer coisas estranhas e imprevisíveis. A minha barriga mergulha e aperta, a minha garganta entope de emoção.

Ele está aqui. Posso *senti*-lo antes de vê-lo. Adrian está aqui.

Mas quando chego à clareira e olho para a água antes das quedas, não o vejo. Solto um pequeno gemido involuntário. Preciso vê-lo.

Desisti de tudo, viajei pelo mundo e preciso vê-lo. Cometi um erro horrível deixando-o.

Foi imperdoável?

Tiro os restos da minha roupa e entro na água. É caloroso e acolhedor e me envolve como um abraço.

Bem-vinda a casa.

Casa. Estou mais em casa do que em qualquer outro lugar da Califórnia.

"Adrian?" Chamo, mas nenhuma resposta vem. Temo o pior, mas preciso ver.

Nado em direção às cachoeiras e chego à caverna, a água esfriando quando nado na sombra. Me levanto e vou para o chão da caverna. Se ele não estiver aqui, não sei onde mais ele poderia estar. Vou ter que voltar para o abrigo e esperar por ele, mas se ele está ferido em algum lugar nesta ilha...

Eu me puxo para cima na grama e olho ao redor, o meu coração martelando no peito. A minha intuição fala comigo antes da minha mente, o meu coração acelerando agora que sei que ele está aqui.

Ele está de pé junto a uma árvore, colhendo frutos maduros. Ele não usa nada além de shorts, bronzeado... sua pele parece um caramelo escuro. Os seus músculos ondulam quando ele alcança a fruta, a sua tatuagem esticada nas suas costas. Para mim, é como a tela do artista mais bonita. Ele é maior do que me lembro, mais áspero e robusto, o seu cabelo longo e desimpedido, como uma espécie de deus grego.

Abro a minha boca para falar com ele, mas não consigo fazer as palavras saírem. Não posso falar. As minhas mãos tremem e o meu corpo vibra com a necessidade de tocá-lo, segurá-lo, senti-lo. Tropeço em direção a ele com as pernas trêmulas quando ele se vira.

Ele deixa cair a fruta nas suas mãos e congela. "Nadine?" Ele sussurra. Ele caminha lentamente, como se eu fosse desaparecer como vapor se ele fosse muito rápido. Quando ele me alcança, ele estende a mão na minha direção e gentilmente toca o meu cabelo. "Estou sonhando?"

Balanço a minha cabeça, pego a sua mão na minha e puxo-o para mim. Sem uma palavra, o beijo. Digo com os meus lábios o que não posso vocalizar, ainda não… *senti a sua falta. Nunca deveria ter te deixado. Você me fez perceber quem sou e o que quero... e o que quero é você.*

Sinto muito.

Te amo.

Ele cobre o meu rosto com as suas mãos e me segura perto. Respiro e preencho os meus pulmões com ele, o meu peito se expandindo enquanto ele expira. Estou envolta no cheiro de limão e coco, focada na sensação do seu cabelo grosso sob os meus dedos, quente do calor do sol. Liberando o meu rosto, ele passa a mão pelo meu corpo, ainda molhado da natação e cobre a minha bunda. Ele me levanta e as minhas pernas envolvem o seu corpo. Mil palavras são ditas naquele beijo, o passado e o futuro colidem e tudo o que nos resta está bem aqui, agora mesmo. Despojados de nada mais que nossas meras essências, nós nos beijamos com admiração fervorosa.

Ele me segura nele e gentilmente me abaixa no chão. As minhas costas estão contra um cobertor macio de grama verde. Ele abaixa o seu corpo no meu e suspiro na sua boca. Ele se afasta e sussurra um acalorado, torturado, "você voltou.", contra o meu ouvido.

"Eu nunca deveria ter saído.", digo, a minha voz embargada de significado. “Não pertenço mais lá. Pertenço a este lugar." Abro os meus braços e os coloco nos seus ombros. "Aqui."

“Choveu por seis dias seguidos depois que você saiu, a ilha chorou por você.”

Lágrimas picam os meus olhos.

Estou em casa.

Ele se inclina e distribui beijos ao longo da minha fronte e bochecha. Fecho os meus olhos e me deixo sentir a aspereza da sua barba e a sua boca sedosa. Os meus seios incham e a minha barriga mergulha com a necessidade. Isso. *É isso.*

Ele rapidamente se desnuda e se abaixa sobre mim. "Querida.", ele sussurra. É a primeira vez que ele me chama assim.

Gosto disso.

Abro as minhas pernas para ele, os meus olhos focados nos dele enquanto ele desliza para dentro de mim. Nós não falamos uma palavra, os nossos corpos silenciosamente dizendo o que as palavras não podem transmitir.

Você é minha.

Bem-vinda à casa.

Eu te amo.

No primeiro impulso dos seus quadris, eu grito. No segundo, lágrimas frescas amortecem a minha bochecha. Ele estaca a sua reivindicação, fazendo amor doce comigo como se fôssemos as únicas duas pessoas na Terra.

E talvez nós somos.

Capítulo vinte e Três

Adrian

Nós nos sentamos perto de uma pequena fogueira que construí fora. Está um pouco mais frio agora que o sol se pôs. Construí uma pequena fogueira com pedras grandes que encontrei ao redor da ilha. Gosto de sentar aqui à noite. O fogo mantém os insetos traquinas longe. Há algo calmante sobre as chamas bruxuleantes e o calor suave que o fogo libera.

Mas esta noite, Nadine senta no meu colo. Sento-me em uma cadeira grosseiramente feita na sua ausência. Tenho me dado projetos para ocupar a minha mente e até mesmo considerei construir um barco e fazer o meu caminho para outra ilha em algum lugar. Isso é simplesmente idiota, no entanto. Não tenho ideia do que eles estão dizendo sobre mim na América e não há nada como um louco com cabelos de Tarzan selvagens e marcas de queimaduras para despertar suspeitas. E, pelo que sei, sem nenhum equipamento de navegação, eu apenas navegaria para a morte de qualquer maneira.

Então fiquei aqui e tenho trabalhado em carpintaria grosseira. Tenho algumas cadeiras, uma pilha de pratos e tigelas. Ela está

orgulhosa do trabalho que fiz e admira. Não a deixo falar muito, no entanto.

Então, depois que acendemos o fogo, sentei-me e puxei-a para o meu colo. Ela se virou e se enfiou em mim, a sua bochecha contra o meu peito. Ela estava tão quieta, a sua respiração tão suave, que pensei que ela tinha adormecido.

"Nadine?"

"Mmm?", ela pergunta.

"Pensei que você estivesse dormindo, querida."

"Não. Estou apenas absorvendo isso. Jesus, senti muita falta disso. Fui uma idiota."

Sem pensar, dou uma bofetada na bunda dela. "Não quero ouvir você dizer isso de novo.", aviso. "Você *não* foi idiota. E de qualquer forma, fui eu quem disse para você ir."

Ela balança a cabeça e sorri. "Você sabe, isso é verdade. É realmente a sua culpa, então. Por que você me deixou ir?"

Envolvo os meus braços ao redor dela e a seguro ainda mais apertado. "Decidi que não queria você como minha cativa.", digo a ela. "Eu queria que você fosse livre."

"Eu sou.", ela sussurra.

Ficamos em silêncio até que um tronco cai no fogo. O som crepitante a faz pular, mas os meus braços se apertam ao redor dela e ela rapidamente se acomoda.

"Você vai me dizer o que aconteceu?", pergunto.

Ela balança e levanta a cabeça e olha para mim. "Na verdade, existe *muito* a te contar.", diz ela.

Eu sorrio para ela. "Eu não estou indo a lugar nenhum."

Ela sorri para mim. "Sim. Este é um bom ponto.", ela murmura. “Então voltei para casa. Quando voltei para lá, eles venderam o meu apartamento e se livraram das minhas coisas porque achavam que eu estava morta.”

"Sério?", Eu sou louco por ela. Jesus Cristo.

"Sim.", diz ela com um suspiro. "Sério. E então saí do avião e havia todos esses repórteres e luzes piscando e tantas malditas pessoas."

"Deus, odeio pessoas."

Ela ri, suspira e enterra a cabeça em mim novamente. *"Eu* também. E é por isso que você é meu."

Concordo. "Da mesma forma. Continue."

Ela continua falando sobre o seu novo apartamento e como não podia suportar como ele parecia e sentia, e como desejava voltar para cá, para o nosso pequeno pedaço do paraíso no meio do nada.

"Onde não há bipes, caminhões, mensagens de texto para responder ou contas a pagar.", digo baixinho.

"Sim. Onde não há nada disso. E onde há... o que realmente, realmente *preciso."*

Olho para ela com ironia e levanto o queixo na minha mão. "O que é isso, querida?"

Ela parece tímida, abaixando o queixo contra a minha mão. “*Você,* Adrian. Eu... bem, talvez tenha me acostumado com o jeito que você está comigo.”

"Você perdeu a sua bunda espancada.", murmuro. Deus, senti falta de provocá-la. “Vocês meninas são todas iguais. Você é toda *ow, ow, ow, senhor, isso dói!* E então você fica por uma ou duas semanas sem ele e precisa ser trazida de volta ao seu calcanhar.”

Ela bate no meu peito. "Trazida ao seu calcanhar!”

Aperto o seu pulso e solto a minha voz. "Droga, certo."

As suas pupilas se dilatam e ela morde o lábio. “Bem, talvez eu *tenha* perdido um pouco. E realmente senti falta da ilha. A serenidade. Calma. E...”, ela faz uma pausa. "Você."

Não tenho escrúpulos sobre a verdade crua. “Senti como se alguém tivesse morrido quando você foi embora. Meio que queria que fosse eu. A cama parecia solitária e achei que ia ficar louco conversando comigo mesmo. Mas também senti a sua falta.” Trago o seu queixo de volta na minha mão, forçando-a a olhar para mim. "Porque eu te amo, Nadine."

Ela engole, lambe os lábios e sussurra. "E eu te amo."

Solto o queixo dela e a deixo se enterrar em mim novamente.

“Odiei estar de volta na América. Há muita *pretensão* sobre as coisas.”

Eu concordo. Concordo. É por isso que nunca joguei os malditos jogos e nunca me arrependi de não os jogar. Os jogos que joguei com a minha família assumiram um outro significado, também, então eu estava atolado em camadas e camadas de malditas fraudes.

“Sim, ouço você. Mas você não gostava dos seus… humm, como você colocou… sabonetes líquidos, telefones celulares, Wi-Fi e sapatos? ”

Seus ombros tremem do riso contra mim. "Não tanto quanto pensava que faria."

Suspiro. "Eu poderia ter um bife, no entanto."

Ela se senta no meu colo. "Bem, agora é hora de você ouvir o resto da história..."

Ela me preenche na sua entrevista e na insistência do seu trabalho que ela entrasse na terapia. Ela se cala quando chega ao terapeuta, no entanto.

"Por que você parou?", pergunto, passando os meus dedos pelos cabelos dela.

"Porque conheço você.", diz ela.

"O quê?"

"Sei que o que estou prestes a lhe dizer vai deixá-lo tão furioso que você provavelmente vai querer matar alguém, e já que sou a única nessa ilha..."

Aperto o seu braço e a forço a olhar para mim. “Nem brinque assim.”

"Tudo bem.," diz ela. "Mas não estava brincando sobre a outra parte."

"Conte-me."

"Só não exagere."

"Pelo amor de Deus, diga-me antes que eu tenha que bater em você."

Ela suspira, mas sorri um pouco e acena com a cabeça. Depois que ela me conta todos os detalhes, eu a levanto do meu colo e coloco-a em pé. Ela estava certa. Estava fodidamente certa. *Q*uero matar alguém, mas a pessoa que quero assassinar já está morta e pela sua mão.

"Eles são totalmente *uns sanguessugas.*", bufo, marchando ao redor do fogo e passando a mão pelo meu cabelo caído.

Ela está de pé. “Mas eles se foram agora, Adrian. E graças ao Alex, eu também.”

Congelo. "Quem diabos é Alex?"

Ela sorri para mim como se eu tivesse acabado de lhe dar um maldito diamante. "Você está com ciúmes.", diz ela. "Você está *tão* ciumento."

Cruzo os meus braços e olho para ela. "Você *realmente* precisa de uma surra."

Ela ri alto e balança a cabeça. “Alex era o meu *chefe.* Meu muito velho e, muito feliz chefe casado.”

Dou um suspiro de alívio.

“Então Adrian… quando digo que acabou, quero dizer isso. Você não existe mais para nenhum deles. E eu também não.” Ela caminha até a bolsa que deixou no chão do lado de fora do abrigo que não tinha percebido antes e puxa uma pasta azul-marinho. "Você *agora* é oficialmente o Sr. John Dole."

Puxo o que está atrás e olho para os dois. "E você é Janet Dole?", Sorrio para ela.

Ela acena com a cabeça.

"Então... nenhum de nós existe para mais ninguém em todo o mundo?"

Os seus olhos brilham como pequenas estrelas à noite. "Exatamente."

Puxo a minha barba. “Então não temos que nos casar ou qualquer merda assim, certo? Nosso ID diz que já estamos casados. E não há

ninguém para fazer o trabalho de qualquer maneira. Posso te arrastar pelo cabelo até a caverna e te chamar de mulher?”

Ela joga o cabelo como se para me tentar e sorri. "Perfeito."

O FIM

Prévia do Capítulo Um

(Deliverance, NYC Doms)

"Seu filho da puta," assobio, intencionalmente mantendo a minha voz baixa. Um ex-amante maluco, meio arrogante e vingativo, normalmente não é a minha coisa.

Inferno, há um primeiro para tudo, no entanto.

“Diana! *Pare.* Isso é estúpido e garota, você *sabe que* sei o que é ser estúpida quando a vejo porque fiz *toda a estupidez* da minha vida.”

Beatrice pede que eu pense duas vezes enquanto ela se arrasta para mim, tentando colocar a sua pequena estrutura entre eu e o carro que estou prestes a destruir.

"Pare a palestra." As minhas mãos tremem quando seguro as teclas, olhando para a minha melhor amiga de cabelo loiro e olhos azuis, e focando o meu ódio no Maserati prateado. Passo por Beatrice, e antes que eu possa mudar de ideia, enfio a ponta da minha chave no exterior reluzente com alegria maníaca. Agachando-me, sinto um prazer cruel em destruir o carro mais bonito que já vi. Foi um sábado fodido.

"Você contou a Little Miss High e Tight sua história triste?", gargalhei para o carro como se fosse o meu ex-namorado encarnado. Eu tinha acabado de conhecer o cara há algumas semanas, o meu primeiro namorado de verdade desde que meu ex-marido decolou, mas consegui me convencer de que ele era *o escolhido.* O meu Salvador. Meu herói. Com um golpe particularmente violento, perco o equilíbrio e quase me esparramado na calçada de neve, mas me pego no para-choque. O vento chicoteia o meu cabelo, a neve gelada chicoteando a minha pele nua, mas quase não sinto.

Tequila para a vitória.

"Diana," Beatrice persegue. “Você bebeu demais. Deus mulher! Controle-se! Você fez isso, ok? Você já fez o suficiente. Eu não deveria ter deixado você sair do carro. Isto não é *você. Você* é muito inteligente para puxar essa merda adolescente. Apenas entre no carro e vou…”

"Me deixe em paz." Amo essa garota até a morte, mas não confio em mim mesma para não empurrá-la para fora do meu caminho se ela tentar me impedir. Raspo a chave mais uma vez, tão profundo que parece uma merda de pregos no quadro-negro, mas gosto de saber que o dano será severo. "Você não sabe o que é andar no seu quarto e ver alguma cadela com os lábios em volta do pau do seu namorado."

Merrrda

"Você não sabe o que é ver a traição nos olhos do homem que disse que te amava.”

Droooga.

"Você não sabe como é," a minha voz pega um soluço seco, então enfatizo a minha angústia com outro corte da chave, "ter que explicar

ao seu filho, que o bastardo que prometeu levá-lo para o cinema era um pedaço de merda que nunca mais voltaria."

Raspe, raspe, escrava.

Sentando-me nos calcanhares, olho a destruição com triunfo.

Beatrice fala comigo como se alguém pudesse falar com um animal raivoso, com as mãos estendidas em um gesto para acalmar. "Eu posso não conhecer essas coisas, mas sei que..." Ela congela, a sua voz agora entra em pânico. "Oh. Oh, *merda.* Diana, pare. Oh meu *Deus.* Temos de ir."

Mas antes que eu possa responder, o rugido profundo da voz de um homem logo atrás de mim - uma voz *que não conheço* - me faz quase tropeçar.

"Que *porra* você está fazendo no meu carro?"

Merda.

Seu... carro?

Me viro, as minhas bochechas quentes apesar do frio congelante, olhando para o rosto terrivelmente furioso do maior homem que já vi.

Ele ergue-se sobre mim, mesmo usando os meus saltos altos e espetaculares, e o passo involuntário que dou de volta me ajuda a vê-lo melhor. Tudo sobre ele é escuro, com a sua pele morena e cabelo quase preto, mas são os olhos dele - negros como o carvão sob sobrancelhas espessas e pesadas, que me prendem no lugar. Não posso me mexer. Não posso falar. Mal posso pensar.

A sua mandíbula, coberta de barba espessa e escura, aperta quando os seus braços enormes e musculosos cruzam o seu tórax expansivo.

Em qualquer outro momento ou lugar, eu acharia o homem sexy pra caralho. Mas agora?

"Seu carro?" Sussurro.

"Meu carro," diz ele em um rosnado baixo. "O que você está fazendo com *a* porra do *meu* carro?"

Eu solto um suspiro e fecho os meus olhos.

Estou ferrada.